

Grammatica Portugueza

2.^o ANNO

PARA USO DO

Curso medio e do Curso superior

POR

Julio Pires Ferreira

Doutor em sciencias juridicas e sociaes

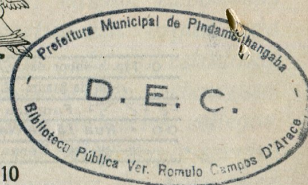
Lente de Portuguez da Escola Normal de Pernambuco

Obra adoptada na Escola Normal Official, Collegio Prytaneu
equiparado á mesma Escola,
Gymnasio Ayres Gama, Porto-Carreiro, Salesiano, Diocesano e varios
estabelecimentos de instrucção de outros Estados

4.^a EDIÇÃO

79174

DOAÇÃO
Prof. Lauro Silva



RECIFE—1910

43005.225

Julio Pires

PROLOGO

DA 5.^a EDIÇÃO

Em 1893 publicámos, em volume, algumas lições sob o título de—Notas sobre a Lingua Portuguesa—Linguistica.

Estudáramos ali a formação da linguagem, a classificação das linguas, a origem da lingua portugueza, a organização do lexico portuguez e varias outras questões que mais de perto se relacionam com a lingua materna.

O acolhimento carinhoso e excepcional que essa obra teve, envaideceu-nos e resolvemos publicar obra de maior desenvolvimento: em fins de 1894, esgotando-se aquella edição, exposemos á luz uma grammatica portugueza organizada de modo que podesse servir de guia ao estudante de portuguez de qualquer classe a que pertencesse.

Hoje, aceitando o conselho de varios collegas, resolvemos publicar a presente edição que servirá para o Curso Médio e Superior de portuguez,

O Typ. e vapor da *Livraria Contemporanea* O
de Ramiro M. Costa & Filhos
Fundada em 1888
Rua 15 de Novembro n. 55.
Pernambuco

edição a que antecedeu uma outra, propria para o Curso Primario, cheia de multiplos exercicios, de modo a tornar o ensino mais pratico do que theorico, como convem aos que pela primeira vez vão estudar methodicamente a sua lingua.

Estamos prompto q receber qualquier correção, aditamento ou modificação ao nosso modesto trabalho confiando no auxilio dos professores e dos nossos collegas.

1905.

Julio Pires.

Phonologia (sons)	Phonetica—sons isolados. Prosodia—sons reunidos. Orthographia—sons escritos.
	Taxinomia—classificação. Cimpenomia—flexão. Etimologia—origem.
Lexicologia (Palavras)	Lexica (palavras na oração)
	Logica (orações no periodo)
Grammatica	

Alameda nº 123-15 Copmela

NOÇÕES GERAES

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Suas divisões

Grammatica, em geral, é a exposição methodica dos factos da linguagem.

Grammatica portugueza é o conjunto das regras que nos ensinam a falar e a escrever correctamente a lingua portugueza.

A grammatica divide-se em duas partes geraes : *Lexecologia* e *Sintaxe*.

Lexecologia é a parte da grammatica que estuda os sons e as formas das palavras.

Subdivide-se em *Phonologia* e *Morphologia*.

A Phonologia estuda os sons isoladamente : *Phonetica*.

Estuda os sons constituindo palavras : *Prosodia*.

Estuda os sons graphicamente : *Orthographia*.

A Morphologia estuda a classificar as palavras formando um grupo de idéas : *Taxinomia*.

Estuda as flexões das palavras : *Camponomia*.

Estuda a origem das palavras : *Etimologia*.

A Sintaxe estuda as relações das palavras umas com as outras na oração : *Sintaxe lexica*.

Estuda as relações das orações umas com as outras no periodo : *Sintaxe logica*.

Foram os sabios da Alexandria e os da escola de Pergamo, que estudaram o grego de um modo critico, analisando a lingua, distribuindo-a em categorias, distinguindo as diferentes partes do discurso e inventaram os termos proprios para as differentes funções das palavras.

Appareceu depois o sabio Diogenes da Tracia que publicou uma grammatica grega pratica, e a quem se seguiram Varro Flacco, Quintiliano, Apollonio Discolo e outros.

Em Portuguez a precedencia cabe a Fernão d'Oliveira. Depois d'elle enumeram-se João de Barros e Duarte Nunes Leão.

Linguagem é a representação dos nossos pensamentos por meio da palavra.

Palavra é a representação de uma idéa.

Idéa é a representação de qualquer coisa no espirito.

A linguagem é privilegio exclusivo do homem.

Embora os animaes vertebrados, que respiram pelos pulmões, possam emitir sons, elles não os podem combinar. Este poder só pertence ao homem.



PHONOLOGIA

Phonetica : estuda os sons isoladamente.

Prosodia : estuda os sons reunidos formando palavras.

Ortographia : estuda os sons graphicamente.

I

Letras vogaes, consoantes ; acentos

Tudo o que ouvimos, ou, melhor, tudo o que é percebido pelo ouvido é um som.

Os sons são representados por letras e por símbolos.

Letras são signaes que representam os sons das palavras.

Alphabeto é o conjunto dessas letras, empregadas na escrita.

As letras são 26 : *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.*

As letras dividem-se em vogaes e consoantes.

Vogaes são sons que se pronunciam por si sós. São simples modificações da voz, resultantes da forma que toma a boca.

As vogaes são : *a, e, i, o, u, w* (no inglez), *y.*

Os sons das vogaes podem ser simples, livres ou puros como *a, e, i, o, u*, e podem ser nasaes ou compostos como *an, en, in, on, un.*

Som simples, livre ou puro é o que sai simplesmente pela boca.

Som nasal ou composto é o que sai pela boca e juntamente sai pelo nariz.

Todo som simples pôde tornar-se nasal desde que o véu da palato abaixando-se deixa passar parte do ar pelo nariz.

Abrindo-se moderadamente a boca, ficando a lingua em repouso, o som saído da garganta é *a*.

Si a boca fórma um estreitamento longitudinal, afastando-se os cantos dos labios, o som é *i*.

Si os cantos da boca se approximam, formando uma especie de bico, o som é *u*.

Os sons *e*, *o*, são intermedios: o 1.º entre *a*, *i*, e o 2.º entre *a*, *u*.

Simbolo é um signal proprio que indica um som ou uma palavra. Taes são os algarismos, os signaes algebricos etc.

Os sons das letras pôdem ser modificados pelos acentos ou notações.

Acentos ou notações são signaes que indicam a variedade dos sons das letras; modificam, assim, a pronuncia das palavras.

São os seguintes:

Acento agudo que indica o som aberto: *café*.

Acento circumflexo que indica o som fechado: *dôr*.

Til que indica o som nasal das vogaes *a*, *o*: *mão*, *paixões*.

Cedilha que indica o som brando do *c* antes de *a*, *o*, *u*: *caça*, *moço*, *açúcar*.

E' de utilidade a adopção do *acento grave* para marcar o valor das vogaes abertas, que não são acentuadas ou têm um acento secundario: *môlhinho*.

Assim as palavras *pregar* (fazer predicas) distinguem-se de *pregar* (meter pregos).

Os sons das vogaes são os seguintes:

1.º— *Som aberto* que é o mais forte. E' representado geralmente pelo acento agudo: *pé*, *avó*.

2.º— *Som fechado* que é o menos forte. E' representado geralmente pelo acento circumflexo: *avô*.

3.º— *Som mudo* que é ainda menos forte. Não é representado por nenhum acento: *face*.

4.º— *Som nasal* que sai pela boca e pelo nariz. E' representado pelo til e pelas consoantes *m* ou *n*: *irmã*, *tempo*, *tinta*.

As vogaes têm varios sons:

A

Som aberto ou agudo: *gato*, *jucá*.

— fechado ou circumflexo: *para*, *lama*.

— mudo ou grave: *cera*, *lona*.

— nasal: *santo*, *irmã*.

E

Som aberto ou agudo: *atê*, *fera*.

— fechado ou circumflexo: *carêta*, *sello*.

— mudo ou grave: *ponte*, *carne*.

— nasal: *engenho*, *virgem*.

I

Som aberto ou agudo: *missa*, *javalí*.

— mudo ou grave: *serio*, *util*.

— nasal: *lindo*, *sim*.

O

Som aberto ou agudo: *nota*, *pó*.

— fechado ou circumflexo: *poça*, *avô*.

— mudo ou grave: *santo*, *lenço*.

— nasal: *ponta*, *som*.

U

Som aberto ou agudo: *tatú*, *luva*.

— nasal: *junto*, *anum*.

Y

Esta vogal que tem o som da vogal **I**, é só empregada nos vocabulos derivados de palavras gregas

e nas terminações dos nomes tupis. Já vai hoje, ainda bem, desaparecendo da escrita.

Consoantes são ruidos que modificam as vozes.

As consoantes são : *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w* (no allemão), *x, z*.

Os sons das consoantes dividem-se em explosivos e fricativos.

Explosivos que também se denominam *explodidos* ou *momentâneos*, são aquelles que depois de produzidos cessam repentinamente.

São : *q, g* (antes de *a, o, u*), *c* (antes de *a, o, u*); *t, d; p, b*.

Fricativos que também se denominam *constritos*, são os que se produzem simplesmente por uma contração no tubo vocal.

São : *g* (antes de *e, i*), *x, j; l, r, rr; c* (antes de *e, i*), *ç, z, n; f, v, m*.

SONS CONSONANTÁES	Explosivos ou Explodidos ou Momentâneos	Fricativos ou Constritos
Guturales.....	kê, guê	—
Palataes.....	—	gê, xê
Linguaes.....	—	lê, rê, rrê.
Dentaes.....	tê, dê	cê, zê, nê
Labiaes.....	pê, bê	fê, vê, mê

Alguns grammaticos, atendendo á influencia que possam ter na pronuncia dos sons das consoantes a garganta, o palato, a lingua, os dentes e os labios, dividem os sons em : *guturales, palataes, linguaes, dentaes e labiaes*.

Os sons das consoantes são geralmente representados da seguinte maneira :

Bê; Dê; Lê; Mê; Nê; Pê

Pelas consoantes respectivas : *bordo; dedo; leme; camisa; navio; prego.*

Cê

Por *c* antes de *e, i* : *cento, cinto.*

ç : antes de *a, o, u* : *roça, moço, açude.*

s : *santo, sapo.*

x : *auxilio, sintaxe.*

z : *nariz, matriz.*

ps : *psalmo.*

sc : *sciencia, scena.*

ss (entre vogaes) : *cassa, massa.*

Fê

Por *f* : *ferias, faca.*

ph nos derivados gregos : *phisica.*

Gê

Por *g* antes de *e, i* : *geito, região.*

j : *Julio, jantar.*

Ghê

Por *g* antes de *a, o, u* : *gato, gorro, gume.*

gu antes de *e, i* : *guelra, guia.*

Kê

Por *k* : *kermesse, kágado.*

c antes de *a, o, u* : *casa, coco, cujo.*

ch nos derivados gregos: *parochia, chimica*.
qu: *quedo, quinze*.

Rê (fraco)

Por *r* (entre vogaes): *cara, muro*.

Rrê (forte)

Por *r* no principio das palavras: *raio*.
r no meio de vogaes das palavras compostas: *derogar*.
rr: *terra, carro*.
rh, rrrh nos derivados gregos: *rhetorica, arrhas*.

Tê

Por *t*: *rato, sitio*.
th nos derivados gregos: *thema, methodo*.

Uê

Por *v*: *voto, livro*.
w nos derivados allemães: *Wurtemberg*.

Xê

Por *x*: *caixa, peixe*.
ch: *cheiro, cacho*.

Zê

Por *z*: *zinco, azul*.
s (entre vogaes): *casa*, excepto nas palavras compostas em que sôa *cê*: *proseguir*. Em algumas palavras compostas conserva o som de *zê*: *presumir, resumir*.
x: *exacto, exemplo*.

Candido de Figuerêdo aconselha a se escrever com dois *s* as palavras em que esta consoante, apesar de figurar entre vogaes, tem o som de *cê*: *prossequir, ressoar*.

Assim, diz elle, desaparece o erro possivel da pronuncia dessas palavras, ou qualquer confusão, como por exemplo nas palavras: *presente e presente* (do verbo *pre-sentir*).

A letra **H** é um simples signal etimologico, ou é empregada para indicar a aspiração de uma vogal.

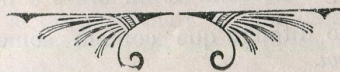
E' usada em certas palavras para marcar a separação das vozes, evitando, assim, o ditongo: *bahia, sahia*.

Muitos escriptores substituem-na pelo acento agudo: *saía, caía*. Antigamente escrevia-se: *atahude, alahude*, actualmente: *ataíde, alaíde*.

Sobre esta letra fazemos nossas as observações do philologo brasileiro João Ribeiro, expostas em sua excellente *Selecta Classica*:

« Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, pedia a suppressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe corresponda. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desaparecendo as graphias: *author, theor, contheudo*, etc. O estudo mais considerado do grego dissipou os erros grosseiros: *sythema, cathegoria, authomato*; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse *anhemia* e outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada já desterrou o *h* de *ontem, ombro, postumo, exuberante*, em vez de erros tradicionais *hontem, hombro, posthumo* (com *h* por erro no mesmo latim), *exhuberante*; nomes proprios melhor estudados já não o contêm: *Tereza* e não *Thereza* (influxo do francez), *Theodulfo* e não *Theodolpho* etc.

« Hoje excellentemente aconselha Gonçalvez Viana a suppressão do *h* em varios casos—quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c, l, n* para designar-lhes o valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por qualificada etimologia.—»



II

Grupos vocaes e grupos consonantais

Ditongo é a união de duas vogaes em uma só syllaba, pronunciadas de uma só vez: *pai*, *ouro*.

Tritongo é a união de tres vogaes em uma só syllaba, pronunciadas de uma só vez: *aio*, *iguas*.

Hiato é a união de duas vogaes, pronunciadas separadamente: *luar*, *saude*.

E' bom notar que em algumas palavras como *rio*, *frio*, *tio*, a formação do ditongo, ou do hiato depende do modo de pronunciar-las.

Assim para os habitantes do Sul do Brasil ha nestas palavras um ditongo: elles pronunciam *frui*, *tiu*; para os habitantes do Norte ha nellas um hiato; pronunciam a vogal *i* separadamente da vogal *o*. No 1.º caso a palavra tem uma só syllaba, no 2.º tem duas.

Os ditongos dividem-se em oraes e nasaes.

Oral é o ditongo que contem somente vozes oraes: *aula*, *boi*.

Nasal é o ditongo cuja primeira voz é nasal: *mão*, *lições*.

Os ditongos oraes são os seguintes:

<i>ai</i> : naípe, pai	<i>iu</i> : sentiu
<i>au</i> : nauta	<i>oi</i> : noite
<i>ei</i> : lei	<i>ou</i> : ouro
<i>eu</i> : Europa	<i>ui</i> : ruivo

São considerados semi-ditongos:

<i>ea</i> : nivea	<i>io</i> : vario
<i>ia</i> : gloria	<i>ua</i> : agua
<i>ie</i> : serie	<i>ue</i> : guela
	<i>uo</i> : arduo

Os ditongos nasaes são:

<i>ãi</i> : mãi	<i>uan</i> : quando
<i>ão</i> : pão	<i>uen</i> : quinquenio
<i>eem</i> : teem	<i>uin</i> : quinquvirato
<i>õe</i> : lições	

A primeira das duas letras do ditongo chama-se *prepositiva*; a segunda chama-se *pospositiva* ou *subjuntiva*.

Fazemos observar que nas palavras *mui* e *muito* ha para os Portuguezes um ditongo oral. E' assim que Camões rimou *muito* com *fruito*. Para os Brasileiros ha nestas palavras um ditongo nasal, pois que as pronunciam como si ellas fossem escritas *muin*, *muinto*.

Quando as duas vogaes formarem ditongo deve-se escrever as pospositivas *i*, *u*, em lugar de *e*, *o*.

Os grupos de vogaes são representados conforme a pronuncia.

Devemos notar, porém, a irregularidade que ha na representação de alguns grupos de vogaes, divergindo entre si quer os grammaticos quer os escritores mais notaveis.

A divergencia apparece quando a subjuntiva do ditongo é *i, u, e, o*.

Parece-nos ser de melhor orthographia o emprego de *i, u*, e assim escrever: *pai* e não *pae*; *pau* e não *páo*; *cêu* e não *céo*; *partiu* e não *partio*; *Deus* e não *Deos*.

No ditongo *eu* quando o som *e* fôr aberto não ha razão para mudar a graphia escrevendo *eu* e *éo*; basta, conservando a fórma *eu*, acentuar a primeira vogal: *cêu* e *seu*.

Assim o fazemos em: *rêis* e *reis*; *herói*, *combóio* e *boi*, *foi*. Haveria maior uniformidade na escrita.

E' necessario que alguma cousa se firme neste sentido. E' incoerencia escrever *mais*, *amais* e *vogaes*. Si a grande divergencia se nota nas sillabas finaes das palavras, parece-nos que o criterio do ditongo ou hiato póde resolver as duvidas, isto é, escrever *i, u* quando estas letras formarem ditongo com outra vogal e escrever *e, o* quando formarem hiato.

Comtudo é uso geral empregar *aes, ues*, no plural dos nomes terminados em *al, ul*, orthographia que, por este motivo, empregamos no presente trabalho.

Grupo consonantal é a reunião de consoantes diferentes: *globo*.

Consoante dobrada é a reunião de duas consoantes iguaes, consecutivas: *sommã, forro*.

A escritura, na acceção mais geral, é um sistema de figuras com o fim de dar ao pensamento uma fórma permanente.

A escritura é ideographica, quando exprime as proprias idéas; phonetica, quando representa os sons que compõem as palavras.

A primeira fórma de escrita pertencem os *hierogliphos* dos Egyptios.

Na ordem immediata a esta fórma de escrita, vem a *escritura sillabica*, até que, decompondo-se as sillabas em sons simples, foi inventado o *alphabeto*, palavra originada das duas primeiras letras do alphabeto grego: *alpha* e *beta*.

Introduzido na Grecia pelo seu inventor o phenicio Cadmo, em breve foi levado á Italia e d'ahi espalhado por todo o mundo.

Tinha a principio sómente 16 letras.

As letras *i, u*, até ao seculo 17.º, representavam o duplo papel de vogaes e consoantes; mais tarde cederam o valor de consoante ao *j, v*.

« Foi Ennio quem introduziu o uso de escrever duplas

as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até a época dos Gracchos se escrevia indifferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas, prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante.»

O nosso alphabeto é ainda hoje summamente defeituoso, não só porque possui diversas letras para o mesmo som: *c, ç, s, x, ss* para o som *cê*; como também porque possui a mesma letra para diversos sons: *x* tem o som *xê, zê, cê, çê*, etc.

Algumas regras orthographicas

Além das regras que se pódem deduzir dos diversos sons que têm as letras, devemos observar as seguintes:

a) Antes de *b, m, p*, usa-se *m* e não *n*: *ambos, commum, campo*.

Exceptuam-se as palavras compóstas: *circumstancia*.

Alguns escritores não aceitam a excepção e escrevem: *circunstancia*.

b) Nenhuma palavra começa ou termina por letra dobrada.

c) Não se dobram as vogaes. Dado o caso que, pela transformação dos sons, se encontrem duas vogaes, é costume representar por uma só com um acento agudo ou circumflexo: *mala-maa-má; dolor, door, dôr*.

d) Com excepção de *j, k, q, v, x, z*, todas as mais consoantes pódem vir dobradas, notando-se que se dobram entre vogaes.

E' tendencia geral a eliminação das consoantes dobradas, a não ser que tenham valor na pronuncia da palavra, como *rr, ss*, etc.

e) Ao partirem os vocabulos em fim de linha, deve-se observar de preferencia as sillabas phoneticas pela soletração e não pela separação dos elementos de derivação.

Não se deve separar os vocabulos compóstos, pelos seus elementos de composição, visto, em mui-

tos casos, não haver conhecimento desses elementos por parte de quem fala, como até adquirirem os vocabulos uma fôrma differente e esquisita.

Assim é preferivel separar : *subs-cre-ver*, *bi-sa-vô*, *de-su-nir*, *res-pec-ti-vo*.

Como diz Gonçalves Vianna : A divisão etimologica á latina ou á ingleza (ainda mais artificial e exagerada) é pouco natural porque parte sillabas phoneticas, cujos elementos são inseparaveis, sem vantagem para a clareza e em contrario da tradição que tanto respeitava o principio de a lingua escrita ser a imagem da falada.



III

Sistemas orthographicos

Tres são os sistemas orthographicos : *etimologico*, *phonetico*, *misto* ou *usual*

O sistema etimologico baseia-se na origem, derivação ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio*, *phthisica*.

Grandes são os defeitos deste sistema : 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras ; 2.º a origem do maior numero de palavras só póde ser conhecida pelos doutos ; 3.º a completa differença entre a palavra escrita segundo a etimologia e a palavra pronunciada ; 4.º a divergencia de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de orthographa-las.

O sistema *phonetico* baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem* (*homem*). Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as reformas apresentadas para o completo dominio deste sistema ; tudo, porém, tem sido em vão.

A grande difficuldade está na diversidade entre

os varios modos de se pronunciarem os vocabulos nos differentes lugares em que é a lingua falada.

Como diz José de Castilhos :

« O accento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brasil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisboa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Tras os Montes, do de Algarve »

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brasil.

Emquanto no sul os brasileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte fecham-nas e dizem, por exemplo :

Lá vem a CANUA carregada de CUCUS de PUPA a PRUA.

O sistema misto ou *usual* é de todos o preferivel, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros ; basea-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso que sejam completamente differentes, querem uns que se observe de preferencia a etimologia, outros, a pronuncia.

A tendencia moderna é despojar as palavras dos elementos superfluos ; o principio é : letra que não soa, deve desaparecer. Deve-se, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos :

A eliminação do *h* quer entre vogaes quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia : *charuto*, *malha*, *manhã*, *homem*.

Redução das consoantes dobradas a um só, com excepção de *mm*, *nn*, *rr*, *ss* : *emmalar*, *ennas-trar*, *carro*, *cassa*.

Supressão das consoantes que não soam na pronuncia : *escrito*, *dito*, *sete*.

A Academia Brasileira de Letras, em Abril de 1907, apresentou um projecto de simplificação da orthographia portugueza que foi aprovado sob as seguintes bases :

Regra 1.^a— Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronuncia.

Assim preferir *au*, *ai*, *eu*, *iu*, a *ao*, *ae*, *eo*, *io* quando constituirem ditongo. Preferir a inicial *i* nas palavras que alguns autores escrevem com *e*.

Regra 2.^a— Eliminar-se-á, por completo, o uzo das letras *k*, *y*, *w* em todas as palavras portuguezas.

Em vez de *k* escrever *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou escrever *qu* antes de *e*, *i*.

Em vez de *w* escrever *u* ou *v*, conforme o som que tiverem.

Regra 3.^a— Eliminar-se-á o uso do *h*, salvo nos grupos *ch*, *lh* e *nh* soando como consoantes palatinas, ou quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Deverá ser substituido por *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou por *qu*, antes de *e*, *i*.

Nunca se escreverá *ph* com o som de *f*.

Regra— 4.^a Eliminar-se-á o uzo do *g* com o som de *j* no meio das palavras.

Regra 5.^a— Eliminar-se-á o uzo do *s* com o som de *z*.

Regra 6.^a— Salvos os casos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoaes *elle*, *ella* e seus derivados, *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas, quando o som de uma dellas não se distinga na pronuncia.

Regra 7.^a— Nenhuma palavra se escreverá em-

pregando consoante que não tenha nella valor. Assim suprima-se no grupo *sc* a letra *s*, etc.

Regra 8.^a— Nunca se começará palavra alguma com *ç*.

Regra 9.^a— Os substantivos e adjectivos cuja terminação tónica seja no singular em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *ás*, *és*, *is*, *ós*, *us* de substantivos e adjectivos só se escreve com *s* quando a palavra estiver no plural.

Regra 10.^a— As palavras terminadas no som *ão* ou *ã* longo, empregam a vogal *a* com o til; as terminadas nos mesmos sons com a pronúncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*.

Assim *manhã*, *pagã*, *orfam*, *amam*, etc.

Regra 11.^a— Não se empregará o sinal de sinalefa nas contrações *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta*, *nisto*, *daquelle*, *nelle*, *nella*, *daquella*, *daquillo*, *destoutro*, *daquelloutro*.



IV

Sillabas—Acentuação

✓ **Sillaba** é a letra ou o grupo de letras pronunciadas de uma só vez.

Quando estas sillabas formam uma idéa temos a *palavra*.

Uma sillaba pôde ter de uma até cinco letras: *a*, *de*, *par*, *gras*, *trans*.

Conforme o numero de sillabas as palavras podem ser:

Monosillabo, aquella palavra que tem uma unica sillaba: *dôr*, *pai*.

Dissillabo, aquella que tem duas sillabas: *livro*, *branco*.

Trisillabo, aquella que tem tres sillabas: *tin-teiro*, *caneta*.

Polisillabo, aquella que tem mais de tres sillabas: *grammatica*, *inconstitucionalidade*.

Acento é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que pôde ter a sillaba d'uma palavra.

† O acento é considerado, na frase de Diomedes, a alma da palavra, ou, na opinião de Humboldt, a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a forma. (*Apud Pacheco e Lameira.—Gr. Portuguesa.*)

A palavra acento vem do Latim *accentus* que correspondia a tons do Grego, *tom*, *tenro*, da tensão das cordas da lira.

A adopção destes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o acento latino tinha, como o acento grego, um valor musical.

A anedota conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador Caio Graccho com o instrumento chamado *tonarion*, confirma as informações fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (*Guardia e Wierzeyski.*)

Conforme a quantidade os sons das palavras podem ser *longos* ou *breves*.

Longo é o som que tem mais duração.

Breve é o som que tem menos duração.

Conforme a intensidade a voz é *tonica* ou *atona*.

Tonica é a voz acentuada.

Atona é a voz não acentuada.

Predominante é a sillaba sobre que o acento cai.

Conforme a sillaba predominante a palavra é:

Oxitona ou **aguda**, aquella, cuja sillaba predominante é a ultima: *missal*, *amor*.

Paroxitona ou **grave**, aquella, cuja sillaba predominante é a penultima: *tinteiro*, *caneta*.

Proparoxitona, **esdruxula**, ou **datilica**, aquella, cuja sillaba predominante é a ante-penultima: *húmida*, *câmara*, *pécego*.

As duas ultimas denominações podem-se reunir sob o nome de **baritonas**.

× E' bom notar que em algumas palavras appa-

rece mais de um acento; ha como que um ritmo que se não pôde transgredir: *modestamente*, *civilidade*.

Ha certas palavras tambem que não têm acentuação propria, sujeitam-se á acentuação de outras palavras a que se ligam; taes são: *me*, *te*, *se*, *lhes*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*.

Neste caso pôde a acentuação cair na sillaba anterior á ante-penultima: *annuncia-se-lhes*.

Esses monosyllabos são denominados *encliticos*.

E' bom não confundir acento orthographico com acento prosodico.

Aquelle é um signal que modifica as vozes: *acento agudo*, *circumflexo* etc.

Este exprime a elevação maior ou menor da voz.

E' assim que a voz pôde ser acentuada, isto é, ser pronunciada com maior força e entretanto não levar nenhum signal orthographico: na palavra *caridade* a sillaba *da* é a acentuada, entretanto não está indicada por signal algum, por nenhum acento.



V

Alteração de sons

As palavras soffrem diversas modificações por addição, subtração, transposição e absorpção de sons.

Estas modificações têm o nome de *figuras de metaplasmos* ou *metaplasmas* (do grego *metaplasmos*), que significa transferencia.

São figuras de addição :

Protese que augmenta sons no começo do vocabulo : *alevantar* por *levantar* ; *acostumado* por *costumado*.

Epentese que augmenta sons no meio do vocabulo : *Mavorte* por *Marte* ; *despois* por *depois*.

Paragoge que augmenta sons no fim do vocabulo : *martire* por *martir*.

São figuras de subtração :

Apherese que diminui sons no começo do vocabulo : *postema* por *apostema* ; *hi* por *ahi*.

Sincope que diminui sons no meio do vocabulo : *mór* por *maior* ; *malina* por *maligna*.

Apocope que diminui sons no fim do vocabulo : *carcer* por *carcere* ; *assi* por *assim*.

São figuras de transposição :

Metatese que muda indeterminadamente o lugar dos sons do vocabulo : *guirlanda* por *grinalda* ; *frol* por *flôr*.

Tnese que muda as palavras enclíticas para o meio das formas de certas palavras : *dir-te-ei* por *dirci-te* ; *amar-te-ia* por *amaria-te*.

São figuras de absorpção :

Sinalepha que absorve a vogal final de um vocabulo quando o vocabulo seguinte começa por vogal : *d'est'arte* por *de esta arte* ; *do* por *de o*.

Ectlipse que absorve a vogal nasal no fim de um vocabulo : *co's* por *com os*.

E' figura muito usada no verso, principalmente para diminuir o numero de sillabas por necessidade de metrificação.

Crase que absorve um som quando se encontra com outro igual ; reune dois sons iguaes num só : *á* por *a a*, e antigamente *ó* por *a o*.

Contração que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o—do—de o* é a contração *no, numa* e em geral as contrações com a palavra *em*, que geralmente se escrevem *n'uma, —em uma ; n'aquelle—em aquelle* etc. Este modo de escrever é errado. Somente pela presteza da escrita e para maior facilidade, se escreve *do* em logar de *d'o*, usado em gallego ; como se escrever *n'uma* por *em uma* quando não ha letra a supprimir entre a palavra *em* e *uma* ?

Podia-se collocar o apostrofo, signal de suppressão da letra, no começo da palavra *'numa* como se faz em *'té* por *até*. Mas mesmo assim havia uma incorreção pois que a letra *n* que ahi apparece não vem do vocabulo *em*.

Brilhantemente explica Leite de Vasconcellos, da seguinte maneira, as transformações soffridas por esta palavra : « Quando tinha de se dizer *em o chão, em a casa*, etc., dizia-se nas épocas antigas *em lo chão, em la casa*, pois que não havia outra forma do artigo.

Uma nasal, porém, em contacto intimo com uma consoante, dá, ás vezes, a esta o caracter de nasal, e assim de *em lo, em la* fez-se *em no, em na*.

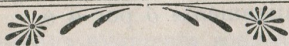
Os exemplos destas formas são numerosissimos até o seculo 15.^o, apparecendo ainda alguns no seculo 16.^o

Depois as nasaes foram absorvidas pela consoante nasal seguinte e *em no, em na* se tornaram respectivamente *en—o, en—a* ; *eno, ena*.

E como o *e* inicial em portuguez está sujeito em certas circumstancias á apherese ou quêda, facilmente o *e* de *eno* antes de outra palavra a cujo acento se subordina, foi supprimido na pronuncia e d'isto resultou a forma moderna *no* com suas flexões *na, nos, nas*.

Resumindo vê-se que a evolução historica de *no* foi a seguinte ; *em—lo em no—e no—eno—no*.

Por analogia o mesmo phenomeno foi transportado para as outras contrações em que entrava o elemento *em*, e escreveu-se : *neste, naquelle, numa* etc., e não *n'este, n'aquelle, n'uma*.



MORPHOLOGIA

Taxinomia : estuda a classificação das palavras.

Camponomia : estuda a flexão das palavras.

Etimologia : estuda a origem das palavras.

MORPHOLOGIA

Morphologia é a parte da grammatica em que se estudam as fórmulas das palavras.

A morphologia divide-se em tres partes: *Taxinomia*, *Campanomia* e *Etimologia*.

I

Taxinomia

Taxinomia é a parte da morphologia em que se estuda a classificação das palavras.

Conforme as variações que as palavras soffrem, estas se dividem em variaveis e invariaveis.

Variaveis são aquellas que soffrem modificações para exprimirem genero, numero, grau, modo, tempo etc.

Invariaveis são aquellas que não soffrem modificações.

Estas modificações se chamam *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado. Palavras consideradas *invariaveis* soffrem algumas variações: certamente varia em *certissimamente*; também palavras consideradas *variaveis* não mudam de fórmula: *quem*, *que*.

Consideradas historicamente as palavras se podem dividir em primitivas e derivadas.

Primitivas são as que não se originam de outras, dentro da língua: *arvore, mar*.

Derivadas são as que se originam das primitivas: *arvoredo, marujo*.

Comparados uns com os outros os vocabulos são: sinonimos, antonimos, homonimos e paronimos.

As duas primeiras classes são consideradas fazendo parte da familia ideologica; as duas ultimas, da familia phonica.

As primeiras representam idéas semelhantes ou completamente oppostas. As segundas, sem representarem semelhança de idéas, confundem os sons.

Sinonimos são os vocabulos que têm identico significado: *amor, amisade, estima; vêr, enxergar, olhar*.

Não póde haver sinonimos perfeitos senão quando um delles está em desuso; si ambos são usados esta sinonimia perfeita não póde durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará com uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um delles. (*Darmesteter*).

São diversas as causas da variedade dos sinonimos.

Entre as principaes contamos:

1.^a Formas divergentes produzidas por palavras de fundo popular: *mancha*, e de fundo erudito: *macula*, ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do acusativo *ladrão*.

2.^a Tecnologia scientifica: *odontalgia, dôr de dentes; be-xigas, variola*.

3.^a Diferenças locaes: *doce, bolos; pacora, banana*.

Na infancia das linguas é extraordinario o numero dos sinonimos que tem uma palavra.

Antonimos são os vocabulos que têm significados oppostos: *frio, calor; noite, dia*.

Homonimos são os vocabulos que, embora escritos ou pronunciados de modo semelhante, têm diverso significado: *fato, roupa e facto, acontecimento; círio, grande vela, sírio, estrella, Syrio, natural da Syria*.

Os homonimos dividem-se em *homophonos* e *homographos*.

Homophonos são os vocabulos que têm o mesmo som, embora escritos de modo differente: *secta*, a sexta parte e *cesta*, vaso feito de varas; *nós*, pessoa e *noz*, amendoa.

Homographos são os vocabulos que têm a mesma escrita e portanto o mesmo som: *bóta, calçado, bóta*, variação da palavra *botar (collocar)*.

A homonimia dá nascimento aos trocadilhos que os Francezes chamam *calembourgs*.

Entre os latinos citamos: *Malam malam malam*. Preferirei uma maçã (face) desagradavel.

Nisi non nisi nisi in aliis. Os gaviões não se estribam sinão nas azas.

Quid facies Veneris cum veneris ante? Ne sedias sed eas, ne pereas per eas. Que farás quando chegares ante as faces de Venus? Não pares porém segue sinão morrerás por ellas.

Entre as causas da homonimia podem-se enumerar:

Contração de palavras:

grão (contraído de *grande*) significando tamanho, e *grão* significando caroço;

cem (contraído de *centum*) indicando numero, e *sem* indicando exclusão.

Corrupção phonetica: a não pronuncia das letras dobradas: *pelo e pello*.

Paronimos são os vocabulos que têm quasi identica pronuncia. Têm sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmos: *descreção e discreção; suar e soar; detrair e distrair*.

Atendendo-se á significação dos vocabulos, elles se dividem em: substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição e conjunção ou mais resumidamente em: nome, verbo, particulas.

Destas são invariaveis o adverbio, a preposição e a conjunção.

II

Substantivo

Substantivo é a palavra que designa o nome de animal ou cousa: *Pedro, livro*.

Divide-se em proprio e appellativo.

Proprio é o substantivo que indica individualmente um animal ou cousa, distinguindo-o dos outros: *João, Pernambuco*.

Appellativo é o que indica a idéa de diversos animaes ou cousas, pertencentes a uma classe commun: *pedra, menino, gato*.

O appellativo é também chamado *commun*.

Os substantivos propios tornam-se appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe: *Os Andradás*.

Nos substantivos propios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o chamado *nome de baptismo*, e o *cognome*, chamado *nome de família*.

Assim em *Joaquim Nunes Machado*, *Joaquim* é o *prenome* e *Nunes Machado* é o *cognome*.

Os cognomes tirados dos prenomes têm a denominação especial de *patronímicos*: *Alvares* derivado de *Alvaro*, *Fernandes* derivado de *Fernando*, etc.

Nos tempos antigos os nomes propios serviam para caracterisar os individuos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Assim: *Aristides* era o melhor; *Job* que geme; *Archimedes* eminente machinista ou pensador; *Abrahão* pai da multidão; *Agar* estrangeira.

Este costume se encontra vivo nas tribus indigenas do Brasil: *Piragibe* espinha de peixe; *Poty* camarão.

E', pois, opinião corrente que todos os nomes propios de homens são antigos epitetos.

Os substantivos appellativos dividem-se em abstractos, concretos, collectivos e verbaes.

Abstracto é o substantivo que indica seres que só existem na nossa imaginação, isto é, não têm existencia real: *bondade, virtude*.

Concreto é o substantivo que indica seres que têm existencia real: *homem, banco*.

Collectivo é o substantivo que, estando no singular, indica pluralidade, indica multidão, reunião de seres da mesma especie: *povo, exercito, rebanho*.

E' principal caracteristico destes substantivos exprimirem pluralidade estando no singular.

Estes substantivos podem, porém, ser usados no plural.

E' assim que, si o substantivo exprime uma colleção (singular), se póde imaginar a existencia de mais de uma colleção (plural): *um rebanho, dois rebanhos*.

O collectivo póde ser *geral* e *partitivo*.

Geral é o que indica a totalidade da colleção: *tropa*.

Partitivo é o que indica uma parte da colleção: *batalhão*.

Póde ser determinado e indeterminado.

Determinado é o que indica um numero certo, positivo: *duzia*.

Indeterminado é o que indica um numero incerto, uma quantidade indeterminada: *chusma*.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que se podem chamar *especies* porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra.

Entre outros enumeramos:

<i>Alcatéa</i> de lobos	<i>Enxame</i> de abelhas
<i>Armento</i> de bois.	<i>Fato</i> de cabras
	<i>Jolda</i> ou <i>choldra</i> de as-
	sassinós
<i>Bando</i> de { aves	<i>Malta</i> de capoeiras
{ ciganos	<i>Manada</i> de bois
{ salteadores	<i>Matilha</i> de cães
	<i>Manga</i> de arcabuzeiros
<i>Cáfila</i> de camellos	<i>Nuvem</i> de moscas
<i>Cardume</i> de peixes	<i>Ponta</i> de mulas
<i>Chusma</i> de criados	<i>Quadrilha</i> de ladrões
	<i>Rancho</i> de soldados
	<i>Récula</i> de cavalgaduras
<i>Corja</i> de { bebedos	<i>Roda</i> de homens
{ ladrões	<i>Sucia</i> de velhacos
{ tratantes	<i>Vara</i> de porcos.
{ vadios	

Substantivo verbal é a parte do verbo empregada como substantivo: *o raiar* da lua.

Como o verbo, qualquer palavra ou mesmo uma frase inteira pôde tornar-se substantivo. A estas palavras dá-se o nome de *substantivo improprio*.

Locução substantiva é um grupo de palavras com função de substantivo: *guarda-roupa*, *bem-te-vi*, *Pedro Ivo*.

III

Adjectivo

Adjectivo é a palavra que exprime um attributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

Seu principal característico é vir sempre com o

substantivo claro a que modifica; quando está este occulto o adjectivo toma a denominação de *pronome*.

O adjectivo divide-se em *qualificativo* e *determinativo*.

Qualificativo é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa ou cousa expressa pelo substantivo: *bom* livro, *casa grande*.

Determinativo é o que limita, distingue ou designa a pessoa ou cousa expressa pelo substantivo: *meu* livro, *esta* casa.

O adjectivo qualificativo divide-se em *explicativo* e *restrictivo*.

Explicativo é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo: homem *bipede*, agua *molle*.

Restrictivo é o que mostra uma qualidade accidental, accessoria, que pôde pertencer ou não ao substantivo: homem *branco*, rosa *encarnada*.

Praticamente para distinguir-se o adjectivo restrictivo do explicativo basta collocar-se antes do substantivo a palavra *todo* e, si o sentido ficar completo e logico, o adjectivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Essa distincção é baseada mais na significação do substantivo do que na propriedade do adjectivo: assim é que um mesmo adjectivo pôde ser explicativo ou restrictivo, conforme o substantivo com que concordar: gelo *frio*, *frio* é adjectivo explicativo; tempo *frio*, *frio* é adjectivo restrictivo.

Locução adjectiva qualificativa é um grupo de palavras com função de adjectivo qualificativo: mesa *de marmore*, isto é, mesa *marmorea*; raio *da terra*, isto é, raio *terrestre*.

Os adjectivos determinativos dividem-se em :

Determina- tivos . . .	Possessivos	{	Numeraes	{	Cardinaes.
	Demonstrativos				Ordinaes.
	Relativos				
	Quantitativos				
	Articulares		Indefinidos		

Adjectivo possessivo é o que exprime idéa de posse em referencia ás pessoas grammaticaes.

As palavras que representam as pessoas grammaticaes são :

Eu, nós (1.^a pessoa), *tu, vós* (2.^a pessoa), *elle, ella, elles, ellas* (3.^a pessoa).

Os adjectivos são, portanto :

Masculino : *meu, teu, seu.*

Feminino : *minha, tua, sua.*

referindo-se a uma só pessoa.

Masculino : *nosso, vosso.*

Feminino : *nossa, vossa.*

referindo-se a mais de uma pessoa.

As fórmulas do plural são : *meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas.*

Adjectivo demonstrativo é o que indica a posição das pessoas e dos objectos.

São simples e compósitos.

Simple :

Este, esta, estes, estas, isto ; esse, essa, esses, essas, isso ; aquelle, aquella, aquellos, aquellas, aquillo ; o, a, os, as (antes de *que*).

Compósitos :

Est'outro, est'outra, est'outros, est'outras, ist'outro.

Ess'outro, ess'outra, ess'outros, ess'outras, iss'outro.

Aquell'outro, aquell'outra, aquell'outros, aquell'outras, aquill'outro.

As fórmulas : *isto, isso, aquillo*, e seus compósitos *ist'outro, iss'outro* e *aquill'outro, o, a, os, as* são considerados como *pronomes*.

Os elementos *est, ess, aquell, ist, iss, aquill*, se conservam invariaveis.

Este e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa que fala (1.^a pessoa).

Esse e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.^a pessoa).

Aquelle e suas variações referem-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.^a pessoa).

Relativo é o que lembra uma pessoa ou cousa e liga orações. E', por isto, chamado tambem *conjuntivo*.

São : *qual, quaes ; que ; quem ; cujo, cuja, cujos, cujas ; onde.*

Estas palavras devem antes ser incluídas na classe dos pronomes, pois que, com excepção de *cujo*, não trazem substantivo junto com que concordem.

Quantitativo é o adjectivo que indica um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprime uma quantidade certa, chama-se **numeral**.

Quando exprime um numero, uma quantidade incerta, indeterminada, chama-se **indefinido**.

Os numeraes dividem-se em *cardinaes* e *ordinaes*.

Cardinal é o que exprime simplesmente a idéa numerica : *cinco, cem.*

Ordinal é o que indica numero com idéa de ordem, de collocação : *quinto, centesimo.*

Os adjectivos numeraes ordinaes são os seguintes:

Primeiro	Quadragesimo
Segundo	Quinquagesimo
Terceiro	Sexagesimo
Quarto	Septuagesimo
Quinto	Octogesimo
Sexto	Nonagesimo
Setimo	Centesimo
Oitavo	Ducentesimo
Nono	Tricentesimo
Decimo	Quadragesimo
Decimo primeiro ou undecimo	Quingentesimo
Decimo segundo ou duodecimo	Sexcentesimo
Decimo terceiro etc.	Septingentesimo
Vigesimo	Octingentesimo
Trigesimo	Nonagesimo
	Millesimo
	Millionesimo

Pódem ser incluídos na classe dos numeraes os *multiplicativos*: *simples*, *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo* etc., assim como *corja* que antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie, *ponche*, bebida compôsta de cinco ingredientes, *aroba*, palavra arabe que significa a quarta parte etc.

Da mesma forma as palavras *dizimo*, *grosa* (doze duzias), *par* (dois), *novena*, *vintena*, *quarentena*, os numeraes italianos *duo*, *trio* etc. e os nomes formados com os termos latinos *deci*, *centi*, *milli*, e com os termos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *miria*, usadas estas duas classes ultimas em arithmetica.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos, o mesmo acontecendo a *biennio*, *triennio*, *centenario* etc. e os formados com o termo ávos: *onz'avos*, *doz'avos* etc.

Indefinido é o que indica numero ou quantidade não determinada, incerta.

Podemos enumerar os seguintes:

Algum, *alguma*, *alguns*, *algumas*, *alguem*.

Ambos, *ambas*.

Cada.

Cada um, *cada qual*.

Certo, *a*, *os*, *as*. No latim classico a forma é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brasil.

Demais.

Diverso, *a*, *os*, *as*.

Mesmo, *a*, *os*, *as*.

Mais.

Menos.

Muito, *a*, *os*, *as*.

Nada.

Nenhum, *nenhuma*, *nenhuns*, *nenhumas*, *ninguem*.

Outro, *a*, *os*, *as*, *outrem*.

Pouco, *a*, *os*, *as*.

Qual, *quaes* (repetido).

Qualquer, *qualquizer* (forma arcaica), *quaesquer*.

Quanto, *a*, *os*, *as*.

Que (significando *qual*, *quaes*, *quanto*, *que cousa*).

Quem (repetido).

Só.

Tal, *taes*.

Tanto, *a*, *os*, *as*.

Todo, *a*, *os*, *as*, *tudo*.

Um, *uma*, *uns*, *umas*.

Vario, *a*, *os*, *as*.

Entre os *indefinidos* pódem ser incluídos: *Fulano*, e por analogia—*sicrano*, *beltrano* e o termo—*gente*.

Adjectivo articular ou **artigo** é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

O artigo portuguez é unicamente com suas variações: *o*, *a*, *os*, *as*.

O artigo contrai-se e combina-se, em geral, com os termos *a*, *de*, *em* e *per* da maneira seguinte:

ao—a o
á—a a
aos—a os
ás—a as

do—de o
da—de a
dos—de os
das—de as

no—em o
na—em a
nos—em os
nas—em as

pelo—per o
pela—per a
pelos—per os
pelas—per as

Além do artigo *o* e suas variações, a lingua portugueza conserva o artigo *el*, arcaico, usado em fórmās como *el-rei*, *el-dourado*.

Já vimos que pódem os adjectivos determinativos ser usados sem substantivo claro, e que tomam, quando exercem esta função, a denominação de pronome.

Alguns grammaticos, porém, só dão a denominação de pronome aos pessoaes.

Pronome pessoal é o que lembra um nome em referencia ás pessoas grammaticaes.

As pessoas grammaticaes são tres: aquella que fala, aquella com quem se fala e aquella de quem se fala.

Os pronomes pessoaes são tres:

1.^a pessoa: *eu*, *nós*.

2.^a pessoa: *tu*, *vós*.

3.^a pessoa: *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*.

As variações da 1.^a pessoa são:

me, *mim*, *commigo*.

nós, *comnosco*.

As variações da 2.^a pessoa são:

te, *ti*, *contigo*.

vós, *comvosco*.

As variações da 3.^a pessoa são:

lhe, *lhes*.

o, *a*, *os*, *as*.

se, *si*, *comsigo* (fórmās reflexas).

IV

Verbo

Verbo é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes chamam aos verbos *palavras vivas* em contraposição aos nomes—*palavras mortas*.

Para que um facto se dê, para que uma acção se realise, é necessario um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre que a acção recaia.

Si se attender ao sujeito que levou a effeito esta acção, o verbo adquire *vozes*.

Vozes são as diversas maneiras de ser do sujeito.

As vozes são duas: *activa* e *passiva*.

Activa é aquella em que o sujeito pratica a acção: *temo*.

Passiva é aquella em que o sujeito recebe a acção: *sou temido*.

Existe tambem uma outra voz chamada *media* ou *reflexa* em que a acção é feita e recebida ao mesmo tempo pelo sujeito: *tu te queimaste*.

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma fôrma especial. Si se attender ao objecto sobre que a acção recai, os verbos se dividem em *transitivos* e *intransitivos*.

Transitivo é o verbo que exprime uma acção empregada directa e immediatamente sobre um objecto: *amo os livros*.

Intransitivo é o verbo que exprime uma acção empregada indirectamente sobre um objecto, ou exprime simplesmente uma acção completa: *venho do Recife; caí*.

Os verbos transitivos podem tornar-se intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos:—*lemos romances*—o verbo *lêr* está empregado na fôrma transitiva; mas si dissermos—*lemos sempre*—este verbo é considerado como intransitivo.

Quando dizemos:—*dormiste bem*—*dormiste* é um verbo de acção intransitiva; si dissermos:—*dormiste um somno reparador*—*dormiste* é um verbo transitivo.

Julio Ribeiro affirma:... « quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo. »

Os verbos dividem-se ainda em:

Pronominal é o verbo cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto: *eu me arrependo*. Os verbos pronominaes são conjugados com dois pronomes da mesma pessoa.

Perifrastico é o verbo formado com os verbos *haver, ter, estar, ir, vir, andar, viver, poder, dever, querer, saber* (ter aptidão) etc. *Hei de estudar; tenho de comer; estou lendo; ir caindo; vir a comer; andar saltando; viver escrevendo; posso cantar; devo trabalhar; quero brincar; sei estudar*.

Estes verbos, conforme a idéa que exprimem ou a significação que têm, dividem-se em: *Promissi-*

vo, Obrigatorio, Freqüentativo, Iterativo, Continuativo, Incoativo etc.

Defectivo é o verbo a que faltam algumas linguagens: *querer*.

A lingua portugueza poucos verbos defectivos possui, e o uso muito concorre para sua completa extinção.

Unipessoal é o verbo que só se conjuga na 3.^a pessoa: *troveja, chove*.

Os verbos também podem ser *substantivo* e *atributivo* ou *adjectivo*.

Verbo substantivo é o que exprime a affirmação de conveniencia ou desconveniencia entre duas idéas.

Ser é o unico verbo substantivo.

A's vezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a affirmação, exprime também a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

Ao verbo substantivo *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas; sómente fôrma a voz passiva no caracter de *auxiliar*.

Ha grande distinção entre os verbos *ser* e *estar*. *Ser* exprime um estado permanente, indica uma qualidade inerente ao sujeito: *Pedro é doente*.

Estar exprime um estado, uma situação passageira, indica uma qualidade accidental: *Pedro está doente*.

Verbo attributivo ou **adjectivo** é o que exprime affirmação com idéa de modo ou qualidade: *amar, partir*.

V

Palavras invariáveis

Ha certo accordo entre as grammaticas em considerarem como palavras invariáveis o *adverbio*, a *preposição* e a *conjunção*.

A estas se póde juntar a *interjeição* que não é propriamente palavra.

Estas quatro classes de palavras têm o nome de *particulas*.

I

Adverbio é a palavra que exprime uma circumstancia.

O papel do adverbio é modificar o sentido do adjectivo qualificativo, do verbo e do proprio adverbio.

As circumstancias expressas pelo adverbio são de:

Tempo : *agora, ainda, hoje, amanhã, antes, cedo, tarde, já, logo, nunca, depois, jamais, sempre.*

Lugar : *cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, onde, atrás, longe, eis.* Leoni chama aos adverbios—*aqui, ali, acolá*—de *pronominaes* porque correspondem aos pronomes—*este, esse, aquêlle.*

Ordem : *antes, primciramente, depois.*

Quantidade : *muito, pouco, assáz, tam, tanto, quam, quanto, quasi.*

Affirmação : *sim, certamente, verdadeiramente.*

Negação : *não, nunca, jamais.*

Duvida : *talvez, acaso, quiçá, provavelmente.*

Exclusão : *só, sómente, apenas, siquer.*

Modo : *bem, mal, assim, como e em geral os adverbios terminados em mente.*

Locução adverbial é um grupo de palavras com função de adverbio : *ás carreiras, d'ora em vante.*

II

Preposição é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre dois vocabulos.

Locução prepositiva é um grupo de palavras com função de preposição : *em cima de; conforme a.*

As preposições mais communs são : *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, per ou por, para, perante, sem, sob, sobre.*

As preposições classificam-se pelas relações que exprimem.

A preposição *A* exprime :

Direção : *Ir a Olinda.*

Tempo : *A 10 de Junho.*

Modo : *Andar a cavallo.*

Distancia : *A duas leguas.*

Instrumento : *Bater-se a espada.*

Materia : *Pintura a óleo.*

A preposição *Com* exprime :

Companhia : *Vou com meu filho.*

Modo : Com boas maneiras.

Meio : Com zombaria.

Causa : Caiu com o tiro.

Instrumento : Com ferro em brasa.

A preposição *De* exprime :

Lugar, ponto de partida : Ver de Olinda.

Posse : Livro de João.

Materia : Copo de ouro.

Tempo : De madrugada.

Extensão : Viagem de 20 leguas.

Idade : Moço de 20 annos.

Separação : Tirar os filhos de casa.

Motivo : Morrer de vergonha.

Meio : Cobrir de areia.

A preposição *Em* exprime :

Lugar onde, interior : No Recife, no bolso

Tempo : Em 1904.

Assumpto : Cuidar ~~em~~ trabalhar.

A preposição *Para* exprime :

Lugar para onde : Vou para o Recife.

Fim : Estudo para aprender.

III

Conjunção é a palavra que indica a relação entre dois juizos, entre duas idéas ou entre duas orações.

Locução conjuntiva é um grupo de palavras com função de conjunção.

As conjunções dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

Coordenativa é a conjunção que liga orações independentes embora tenham a mesma função na frase.

Subordinativa é a conjunção que liga orações dependentes, das quaes uma completa a outra.

As coordenativas são :

Copulativa : e, *tambem*, *nem*.

Adversativa : mas, *porém*, *contudo*, *todavia*.

Conclusiva : logo, pois, portanto, por consequente

Disjuntiva : nem, ou, já, quer.

As subordinativas são :

Condicional : si, *sinão*, *contanto que*.

Concessiva : quer, *embora*.

Temporal : quando, antes que, *emquanto*.

Causal : porque, por isso, *que*.

Integrante : que, si, *como*.

Comparativa : como, *assim como*, *que*.

IV

Interjeição : é um som articulado que exprime um sentimento subito.

« As interjeições não podem caracterizar o genio de nenhuma lingua porque pertencem geralmente a todas.

São gritos naturaes, indicativos de dôr ou de alegria que geralmente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que taes gritos não devem ser reputados partes da oração. »

As interjeições são gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

São gritos naturaes e espontaneos : entretanto existem algumas meramente convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já se empregam insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

A interjeição mais commum que serve para reforçar o vocativo é : ó, oh !

As interjeições indicam :

Appello : olá ! aqui d'el rei !

Dôr : ai ! ui ! apre ! guai !

Admiração : ha ! ah ! oh !

Mando ou exortação : eia ! sus !

Repugnancia ou aversão : apaga ! irra !

fôra !

Silencio : *chiton ! psiu !*

Como interjeições convencionaes notamos : *coragem ! misericordia ! diabo ! hom'essa ! Ave-Maria ! safa ! adeus !* que representam fórmulas abreviadas.

Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeiras : *apage ! eia ! sus ! bravo ! hip ! hurrah ! caramba ! oxalá !*

Locução interjetiva é um grupo de palavras com função de interjeição : *Ai de mim ! Deus nos acuda !*



I

Campenomia

Campenomia é a parte da morphologia em que se estudam as flexões das palavras.

Flexões são as variações morphologicas que os vocabulos soffrem em sua terminação.

As flexões dividem-se em nominaes e verbaes.

Flexões nominaes são as modificações que os nomes soffrem : são de *genero, numero e gráu.*

Flexões verbaes são as modificações que os verbos soffrem : são de *modo, tempo, pessoa* etc.

Ha diversas theorias para explicar a origem destas mudanças nas fórmulas das terminações.

A escola moderna provou que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distinta, eram, por assim dizer, pronomes, participios etc., que se soldaram á raiz.

Este phenomeno acha-se palpitante nas fórmulas do futuro e do condicional das linguas romanicas.

Em Portuguez : *amarei—amar-hei ; amaria—amar—havia—amar-hia.*

O Latim fórma os perfectos por meio de composição, como *amavi* em que *vi* está por *fui*.

O Francez tem as fórmulas analiticas *j'ai aimé* e o futuro *aimerai* por *j'ai à aimer*.

O Inglez tem a terminação *d* ou *ed* que é o preterito *did*.

A simples analyse de uma palavra nos mostra que existem dois elementos : o radical e a terminação.

Radical é a parte que indica a idéa principal da palavra e é geralmente invariavel.

Terminação é o elemento secundario, menos importante, geralmente variavel.

Ao radical se pôdem juntar os *affixos*, que se dividem em : *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

Prefixos são os elementos que se collocam antes do radical : *HEMI-spherio*.

Suffixos são os elementos que se collocam depois : *fac-ADA*.

Infixos são os elementos que se collocam no meio : *amar-TE-ei* ; *animal-z-inho*.

As palavras são compóostas de orgams que têm um sentido ; na palavra *xadeiros*, distinguimos o radical *pad*, a raiz *pa*, que indicam a idéa principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

Costuma-se muitas vezes na pratica confundir as idéas de raiz e radical, o que conveni distinguir.

Raiz é o elemento que encerra a idéa originaria, a idéa donde etimologicamente decorre um grupo de palavras ; *radical* ou *thema* é o vocabulo sem as desinencias. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, o radical *desanim* e a raiz *an* que significa *respirar, viver*.

Da raiz *mod* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos : *modo*, *modulo*, *medico*, *medicina*, *moderador*, *immoderado*, *commodo*, *incommodo*, *acommodar*, *medio*, em que se vê que o radical é *mod*, *medic*, *moder*, *comod*, etc. e a raiz é *mqd* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) pos-uimos em Portuguez as palavras : *respeitar*, *respeito*, *respeitavel*, *bispo*, *respectivo*, *respeitosamente*, *respectivamente*, *despeito*, *suspeitar*, *suspeita*, *circumspecto*, *inspector*, *inspecção*, *aspecto*, *prospecto*, *perspicacia*, *perspectiva*, *expectativa*, *auspicio*, *especular*, *especulador*, *espia*, *especie*, *especial*, *especifico*, *espelho*, etc. (Deduzido de Max Muller).

Entretanto, despojando estas palavras de suas terminações, o que resta não tem igualdade ou similhaça entre si.

II.

Substantivo

FLEXÃO DE GÊNERO

Genero é a distinção do sexo dos animaës. Por extensão a noção de genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dois : *masculino* e *feminino*.

Ha tres processos para se determinar o genero dos substantivos : a *significação*, a *terminação* e a *accepção*.

São **masculinos** pela *significação* : os nomes de animaës machos : *João*, *cavallo* ; os nomes de deuses : *Satanaz*, *Baccho* ; os nomes dos pontos cardeaes e ventos : *Norte*, *Sul*, *Zephiro* ; os nomes de rios, montes, mares : *Beberibe*, *Alpes*, *Caspio* ; os nomes de mezes : *Janeyro* ; as notas de musica e os nomes de numeros : *dó*, *ré*, *mi* ; *dez*, *cem*.

São **femininos** pela *significação* : os nomes de animaës femeas : *Maria*, *leãoa* ; os nomes de deusas e divindades : *Venus*, *Justiça* ; os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias : *America*, *Creta*, *Roma* ; os nomes dos dias da semana, com excepção do *sabbado* e *domingo* ; os no-

mes de sciencias, artes e letras, com excepção do *desenho*; os substantivos abstractos: *sêde, embriaguez*.

São **masculinos** pela terminação:

1.º os terminados em *á*, como: *cajá*; exceptuam-se: *pá*;

2.º os terminados em *e*: como: *pente*; exceptuam-se: *arvore, ave, carne, cidade, fonte, ponte, rêde, serie*, etc. e os substantivos abstractos.

3.º os terminados em *é*, como: *café*; exceptuam-se: *chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*;

4.º os terminados em *i*, como: *jaboti*, exceptuam-se: *juriti*;

5.º os terminados em *o*, como: *tinteiro*;

6.º os terminados em *ó*, como: *cipó*; exceptuam-se: *avó, eiro, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*;

7.º os terminados em *u*, como: *cajú*; exceptuam-se: *tribu*;

8.º os terminados em *ai, au, eu*, como: *pai, pau, chapéu*; exceptuam-se: *náu*;

9.º os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como: *animal, cordel, funil, anzol, paul*; exceptuam-se: *cal, pastoral, moral, vestal, capital* (cidade principal);

10.º os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como: *orgam, iman, homem, himen, se-raphim, gruin, som, colon, jejum*; exceptuam-se: *adem, nuvem, ordem*, e os terminados em *gem*, como: *imagem, personagem*.

12.º os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como: *altar, prazer, porvir, calor, catur*; exceptuam-se: *colher, mulher, côr, dôr, flôr*;

12.º os terminados em *az*, como: *ananaz*; exceptuam-se: *tenaz, paz*; os terminados em *ez*, como: *arnez*; exceptuam-se: *fez* (só usado no plural *fêzes*), *rez, tez, torquez, vez*; os terminados em *iz*, como: *juiz*; exceptuam-se: *aboiz, cerviz, cicatriz, codorniz, matriz, perdiz, raiz, sobrepeliz, variz*; os terminados em *oz*, como: *calabroz*; exceptuam-se: *foz, noz*,

pioz, voz; os terminados em *uz*, como: *arcabuz*; exceptuam-se: *cruz, luz*;

13.º os terminados em *is* e *us*, como: *oasis, pús*; exceptuam-se: *bilis, cutis, phenis*;

14.º os terminados em *ão*, como: *coração* e os augmentativos: *caixão* etc. Outros, porém, derivados do feminino latino conservam este genero em *Portuguez*: *ocasião, multidão*.

São **femininos** pela terminação:

1.º os acabados em *a*, como: *caneta, lira*; exceptuam-se: *dia* e em geral os nomes gregos em *a*, como: *planeta*;

2.º os terminados em *ã* e *ê*, como: *irmã, lâ, mercê*. Os terminados em *ã* confundem-se com os terminados em *an*.

3.º os terminados em *ade*, como: *saudade*; exceptuam-se: *alvaiade, alcaide, abade, frade*.

Pela accepção temos:

Capital, fundo monetario, é masculino.

Capital, cidade principal, é feminino.

Cabeça, chefe principal, é masculino.

Cabeça, parte do corpo, é feminino.

Cura, sacerdote, é masculino.

Cura, curativo, é feminino.

Lente, professor, é masculino.

Lente, vidro de augmento, é feminino.

Poucas são as regras para a formação do feminino dos substantivos:

1.^a os que acabam em consoante soffrem o augmento da letra *a*: *autor, autora; portuguez, portugueza*.

2.^a os que acabam em vogal soffrem a troca dessa letra para *a*: *filho, filha; infante, infanta*.

3.^a os que acabam em *ão*, mudam estas letras para *ôa*, ou para *ona*, ou para *ã*: *leão, leôa; folgazão, folgazona; irmão, irmã*.

Muitos são os substantivos que formam o feminino irregularmente.

Taes são :

abade—abadessa	ladrão—ladra
actor—actriz	macho—femea
alcaide—alcaideza	macho—besta
autocrata—autocratiz	marido—mulher
avô—avó	monge—monja
barão—baroneza	mu—mula
bode—cabra	padrasto—madrasta
boi—vaca	padre—madre
cão—cadella	padrinho—madrinha
carneiro—ovelha	pai—mãe
cavallo—egua	papa—papiza
cervo—corça	pardal—pardoca
compadre—comadre	perdigão—perdiz
conde—condessa	perú—perua
czar—czarina	poeta—poetiza
diacono—diaconiza	príncipe—princeza
dom—dona	prior—prioriza
duque—duqueza	profeta—profetiza
embaixador—embaixatriz	rapaz—rapariga
frade ² —freira	rei—rainha
frei—soror	rêu—ré
gallo—gallinha	sacerdote—sacerdotiza
gamo—corça	sandeu—sandia
genro—nora	sultão—sultana
herói—heroína	tecelão—tecedeira
homem—mulher	tabaréu—tabarôa ou taba-
ilhéu—ilhôa	réa

Alguns substantivos admittindo flexão de genero indicam augmento de volume ou de capacidade : *jarro*, *jarra* ; *vallo*, *valla*.

Outros cujo masculino indica unidade e o feminino colleção : *fruto*, *fruta* ; *ramo*, *rama* ; *baga*, *baga* ; *marujo*, *maruja*.

Outros, finalmente, cuja flexão feminina dá ao substantivo uma significação completamente differente da forma masculina :

<i>barro</i> —argila	<i>barra</i> —entrada do
<i>cachaço</i> —pescoço	porto
<i>pinto</i> —animalzinho	<i>cachaça</i> —aguardente
<i>tino</i> —juízo, instinto	<i>pinta</i> —marca
	<i>tina</i> —vasilha

Ha substantivos que, debaixo de uma só forma, designam ambos os sexos : são os **epícenos**.

Para distingui-los juntam-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*.

Assim *tigre*, *jaguar*, *sabiá*, *cegonha*, quando ha necessidade de differenciar os seus sexos, diz-se : *o tigre macho*, *o tigre femea*, ou então, *o macho do tigre*, *a femea do tigre*, etc.

Outros substantivos têm o genero determinado pelo adjectivo que modifica o seu sentido : *o martir*, masculino ; *a martir*, feminino ; *este hipocrita*, masculino ; *esta hipocrita*, feminino.

Estes substantivos são conhecidos pelo nome de **communis a dois**.

Alguns grammaticos dão aos substantivos epícenos e communis a dois o nome de *uniformes* ; aos outros chamam *biformes*.

Em Portuguez, como vimos, os generos são dois : *masculino* e *feminino* ; entretanto a lingua latina, d'onde se originou a nossa, tem mais um que é o *neutro*.

E' bom notar que os romanos cêdo perderam tambem o sentido do emprego do neutro, genero, a que com muita razão chamam os grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Apezar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Bar-

ros que pôdem ser classificados como neutros: os nomes das letras do alphabeto, os substantivos verbais: *o querer, o amar*, etc., e o artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terminações de alguns dos adjectivos de tres fórmulas, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivamente ou para modificarem orações inteiras.

Temos as fórmulas: *este* (masc.), *esta* (fem.), *isto* (neutro); *esse* (masc.), *essa* (fem.), *isso* (neutro); *aquelle*, (masc.), *aquella* (fem.), *aquillo* (neutro); *todo* (masc.), *toda* (fem.), *tudo* (neutro); *algun* (masc.), *alguma* (fem.), *algo* (neutro); *elle* (masc.), *ella* (fem.), *ello*— antigo— (neutro); *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro).

Como affirma Theophilo Braga em sua *Grammatica*, ha alguns adjectivos de uma só fórmula para o masculino, e feminino que tambem affectam esta fórmula neutra:

Rude . . . m. e f. *Rudo*
Aere . . . m. e f. *Agro*
Cem . . . m. e f. *Cento*
Abundante. m. e f. *Avondo* (antigo)

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo, algo, outrem, isso*, etc. preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predica-dos de um nome neutro ou de uma frase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as fórmulas substantivas: *o verdadeiro, o bello, o bom*, são verdadeiros tipos do neutro.

Além destes, possuímos termos latinos que, por serem do genero neutro nessa lingua, pôdem ser considerados do mesmo genero em Portuguez onde são empregados: *memorandum, ultimatum, fas, nefas, agenda, mare magnum, Corpus Christi*.

Estudando-se os varios periodos da lingua portugueza verifica-se a mudança de genero de algumas palavras. Assim:

Mar era feminino, como ainda se vê na palavra *preimar* (*plena-mar*).

Cometa, planeta, clima, diadema, estratagema, theorema, problema, eram palavras femininas.

Camões diz no *Os Lusíadas*: *a planeta apressada*.

João de Barros emprega *a clima*.

Arvore, linhagem, tribu, origem base, catastrophe eram termos masculinos.

Phoca era feminino no Latim e no Portuguez moderno, era antigamente masculino, como em Camões e Felinto: *Que só dos feis phocas se navega. Mataram um grande phoca*.

Fim era feminino, como se vê no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende: *Por seu nojo e minha fim*. Garret diz: *O povo, á maneira de nossos antigos escritores, ainda hoje faz fim ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem a tóa. Fim* como alvo, objecto, é sempre masculino; como termo, acabamento de vida, sempre feminino, para elles.

Numero

II

Numero é a propriedade que têm os substantivos de mostrar a unidade e a pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dois: *singular* e *plural* que, existentes em Latim, passaram para Portuguez.

Algumas palavras fazem lembrar o *dual* da lingua grega; taes são: *dois, ambos, nós, vós*, etc.

A regra geral para os substantivos formaram o plural é acrescentar a letra *s* ao singular.

Esta letra é a terminação do accusativo plural das declinações no Latim, com excepção dos nomes neutros.

Destes nomes, cujo accusativo termina em *a*, possui o Portuguez, indicando idéa do plural, palavras, como *alinaria* (os animaes), *moda* (os modos).

Biblioteca Pública Municipal
 Ver. Romulo C. D'Araco
 Pindamonhangaba

Regras para a formação do plural

Os substantivos que terminam em vogal oral ou nasal seguem a regra geral: *livro, livros; maçã, maçãs; orgam, orgams*. Exceptuam-se: *ademan* e *canon* que fazem *ademanes* e *canones*.

Fazem também o plural regular os substantivos originados de linguas estrangeiras: *almanach, almanachs; bond, bonds; deficit, deficits*.

Outros, porém, conservam o plural originario: *memorandum, memoranda; erratum, errata; dilletante, dilletanti* etc.

Os que no singular já terminam em *s* não sofrem alteração passando para o plural: *pires*.

Exceptua-se *Deus* que, significando os do paganismo ou os falsos, faz *Deuses*; *simples* que faz *simplices* e antigamente *ourives* e *alferes* que faziam *ourivezes* e *alferезes*.

Garcia de Rezende na MISCELANEA diz:

OURIVEZES e escultores
São mais sotis e melhores;
e DO LEAL CONSELHEIRO:

E assy como os OURIVEZES.

O singular era *ourivez* e o plural *ourivezes*.

Câmbões no *Os Luziadas* usa: ALFEREZES *volteiam as bandeiras*.

A forma *simples* no plural é já bastante antiga.

Garcia d'Orta intitulou um seu famoso e apreciado livro de *Dialogo dos SIMPLES e Droga da India*.

Todavia Duarte Nunes Leão ainda emprega: *outros infinitos os quaes são SIMPLEZES e não compósitos*. (*Orthographia da Lingua Portugueza*).

Os substantivos terminados em *ão* formam o plural de tres modos:

Uns seguem a regra geral, isto é, soffrem o acrescimo da letra *s*: *mão, mãos, ancião, anciãos, cidadão, cidadãos*.

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *coração, corações*.

Outros mudam a terminação *ão* para *ães*: *capitão, capitães*.

Geralmente a fôrma da palavra no Latim determina o plural em Portuguez.

Assim si os substantivos fizerem o acusativo plural em *anos* em Portuguez o plural é *ãos*: *granos—grãos*.

Si fizerem o acusativo plural em *ones* o plural portuguez é *ões*: *leones—leões*.

Si fizerem o acusativo plural em *ones*, o plural portuguez é *ães*: *panes—pães*.

Outros autores sujeitam estas regras á derivação castelhana:

Si o nome castelhano termina em *an*, o plural é *ães*: *sacristan, sacristães*; si termina em *ano*, o plural é *ãos*: *ciudadano, cidadãos*; se termina em *on*, o plural é *ões*: *coraçon, corações*.

Os que não tiverem origem latina ou castelhana fôrma o plural em *ões*.

Ha certos nomes terminados em *ão*, cujo plural não está bem determinado: *aldeão* faz *aldeões* ou *aldeãos*; *deão* faz *deões* ou *deãos*; *ermitão* faz *ermitões* ou *ermitãos*; *guardião* faz *guardiões* ou *guardiãos*; *villão* faz *villões* ou *villãos*; *truão* faz *truões* ou *truãos*.

Os que terminam em *em, im, om, um*, mudam o *m* em *ns*: *homem, homens; seraphim, seraphins; som, sons; atum, atuns*.

Os que terminam em *al, ol, ul*, mudam o *l* em *es*: *animal, animaes; lençol, lençoes; paúl, paúes*.

Exceptuam-se: *cal, mal, real, consul* e seus compósitos que fazem *cales, males, réis, consules* etc.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is*: *papel, papeis*.

Os que terminam em *il* não acentuado, mudam o *il* em *eis*: *fossil, fosseis; projectil, projecteis*.

Os que terminam em *il* acentuado, mudam o *l* em *s*: *barril, barris*.

Os que terminam em *r* ou *z* acrescentam *es*: *amor, amores; juiz, juizes*. Nota-se que o substantivo *carácter* fôrma o plural *caractères*, havendo, assim, mudança da sillaba acentuada.

Os que terminam em *ex* ou *ix* mudam estas letras para *ice* e acrescentam *s*: *index*, *índices*; *calix*, *calices*. Em Portuguez poucos são os nomes desta terminação e apresentam elles duas fórmulas no singular: *index*, *índice*; *calix*, *calice*.

OBSERVAÇÃO.— Os substantivos masculinos terminados em *o*, cujo penultimo *o* fôr fechado ou circumflexo, estão subordinados ás seguintes regras pro-sódicas que, aliás se sujeitam ainda a duvidas.

1.^a Si no feminino a letra *o* fôr fechada, será também fechada no plural: *môço*, *môça*, *môços*, *môças*.

2.^a Si no feminino a letra *o* não fôr fechada, também não o será no plural: *porco*, *pôrca*, *pórcos*, *pórcas*.

3.^a Si o substantivo não tiver feminino, a letra *o* será aberta no plural: *goso*, *gósos*; *corpo*, *córpos*.

Estas regras são as apresentadas geralmente pelos grammaticos. Parece-nos porém, que as seguintes, deduzidas de um artigo do Dr. Castro Lopes, resolvem a questão, tendo somente o defeito de serem muito extensas:

Quando o *o* fechado no singular é seguido das letras *b*, *c*, *ç*, *d*, *f*, *gr*, *j*, *l*, *lh*, *m*, *n*, *p*, *rd*, *rm*, *ro*, *rr*, *rs*, *rt*, *rv*, *st*, *t*, *x*, ou *ch*, com o som de *x*, e *z*, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: *globo*, *globos*; *soco*, *socos*; *almoço*, *almôços*; *lodo*, *lodos*; *fôço*, *fôços*; *sogro*, *sogros*; *nojo*, *nojos*; *bolso*, *bolsos*; *piolho*, *piolhos*; *tomo*, *tomos*; *dono*, *donos*; *escopo*, *escopos*; *acordo*, *acordos*; *mormo*, *mormos*; *choro*, *choros*; *morro*, *morros*; *dorso*, *dorsos*; *conforto*, *confortos*; *sorvo*, *sorvos*; *encosto*, *encostos*; *gafanhoto*, *gafanhotos*; *roxo*, *roxos*; *mochô*, *mochos*; *rapozo*, *rapozos*.

Exceptuam-se: 1.^o quando o *o* é seguido de *o* mas precedido de *tr* abre-se no plural: *troco*, *trócos*; 2.^o quando o *o* é seguido de *ç*, mas precedido de *p*, ou *tr*, fica aberto no plural: *poço*, *poços*; *destrôço*, *destróços*; 3.^o *miolo* e *tijolo* fazem no plural—*miólos* e *tijólos*—porque não têm consoante alguma que preceda immediatamente o *o*. Pela mesma razão: —*olho* faz *ólhos*.

4.^o Exceptuam-se também—*côro* e *jôro* que fazem *córos* e *fóros*; *socorro* e *forro* que fazem—*socórros* e *fórros*.

5.^o *Porto*—faz no plural—*pórtos*.

6.^o *Composto*, *imposto* e *preposto*—fazem: *compóostos*, *impóostos* e *prepóostos*;—e como estes, todos os formados do verbo *pôr*.

Quando a vogal *o* fechada vem antes de *g*, *rn*, *rp*, *so*, *ss*, *v*, no plural transforma-se em *ó* aberto.

Antes de *g*:—*fogo*, *fógos*;—exceptuam-se:—*desafogo*, e *pedagogo*.

Antes de *rn*:—*adorno*, *adórnos*.

Antes de *rp*:—*corpo*, *córpos*.

Antes de *so*:—*goso*, *amorado*, *gósos*, *amórósos* e todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss*:—*osso*, *óssos*—exceptuam-se:—*endosso*, *ensosso*; porque—*endosso*—é composto do vocabulo—*dorso* (o antes de *rs*), e—*ensosso*—é composto de *in* e *salsus* que mudando *a* em *o*, *l* em *s* produz as sillabas—*osso*—as quaes não vêm do substantivo—*osso*.

Antes de *v*:—*ovo*, *óvos*; *povo*, *póvos*.

Alguns substantivos não são usados no singular: *alviçaras*, *algemas*, *matinas*, *nupcias*, *trevas*, etc.

Outros não se usam no plural:

1.^o os nomes proprios.

Exceptua-se o caso em que são empregados figuradamente, indicando uma classe. Nos *Lusiadas*:

Dá a terra lusitana Scipiões

Cesares, Alexandros, dá Augustos.

2.^o os nomes de sciencias, artes, virtudes, vicios e ventos, empregados abstractamente: *philologia*, *pintura*, *caridade*, *embriaguez*, *norte*.

3.^o os nomes de metaes e substancias inorganicas: *ouro*, *hidrogenio*.

4.^o os nomes de productos animaes e vegetaes: *leite*, *mel*, *azeite*.

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Ha substantivos que, soffrendo a flexão de plural, mudam de significação:

Bem, *bens*, (fortuna).

Honra, *honras* (dignidades).

Liberdade, *liberdades* (atreuimento).

Letra, *letras* (literatura, sciencia).

Os substantivos compósitos formam o plural de modo especial, conforme os elementos de composição.

Os compósitos de substantivos, de adjectivos, ou de um substantivo e um adjectivo, ambos tomam a forma do plural: *mestre-escola*, *mestres-escolas*; *gentil-homem*, *gentis-homens*; *capitão-mór*, *capitães-móres*; *lusco-fusco*, *lúscos-fuscos*.

Nos compósitos de verbo e substantivo ou de palavra invariável e substantivo ou adjectivo, sómente o ultimo termo toma a forma do plural: *guarda-vestido*, *guarda-vestidos*; *sobre-mesa*, *sobre-mesas*; *maldito*, *malditos*.

Os compósitos terminados em verbo tomam a flexão *s* como si fossem substantivos simples: *vai-vem*, *vai-vens*; *mal-me-quer*, *mal-me-queres*; *bem-te-vi*, *bem-te-vis*.

Os compósitos de dois substantivos ligados pela preposição *de*, recebem a flexão no primeiro elemento de composição: *cabo-de-esquadra*, *cabos-de-esquadra*.

Gráu

III

Os substantivos, além da flexão de genero e de numero, podem também mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos.

Dá-se a essa flexão o nome de *gradativa*.

Gráu é a maior ou menor intensidade que póde ter a significação das palavras.

A noção de gráu póde ser applicada a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

Destê modo quem negará que nos sinonimos se observam estes fenomenos?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa*?

O mesmo podemos dizer si observarmos a etimologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus* etc.

Nos pronomes as formas do gráu comparativo ariano *ter* são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*; *vos*, comparativo *voster*.

Os verbos, por sua vez, podem ser susceptíveis de gráu. Assim, exprimindo a frequencia ou reiteração de um acto, diremos: *saltitar*, *palpitar* e *tutucar* originados de *saltar*, *palpar* e *tocar*.

Este processo é usado pelos indigenas: *muré* flauta, *murémuré* flauta grande.

Muitas vezes encontramos as formas do gerundio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão á frase, o que também acontece no Gallego e Espanhol: *Estar dormindinho*.

Da mesma maneira os adverbios aceitam uma mudança na terminação para tomar forma diminutiva: *cedinho*, *devagarinho*.

No estilo familiar é uso repetir a mesma palavra para augmentar a força da expressão: *Estou muito muito satisfeito*. Em Gil Vicente encontram-se formas de uso popular:

Que dos mui muitos ciúmes

Nasce o mui muito amor.

Nos antigos Cancioneiros: *tam muito*.

Os gráu são dois: *augmentativo* e *diminutivo*.

O estado normal da palavra chama-se *positivo*.

O gráu augmentativo e o diminutivo podem ser *analitico* e *sintetico*.

Analitico é o representado por duas palavras.

Neste caso as palavras empregadas são: *grande* para o augmentativo, e *pequeno* para o diminutivo: *casa grande*, *casa pequena*.

Sintetico é o formado por meio de suffixos.

E' este o caso mais usual na lingua, e para elle ha as seguintes regras.

Para formar o *augmentativo sintetico* devemos observar:

1.º Os nomes que terminam em vogal, perdem

esta letra e soffrem o acrescimo dos suffixos *ão, aço, az, azio, orio, astro* : *casaco, casacão* ; *mestre, mestraço* ; *copo, copazio* ; *muro, muralha* ; *sabido, sabidorio* ; *poeta, poetastro*.

2.º Os que terminam em consoante soffrem, sem mais alteração, o acrescimo desses suffixos : *mulher, mulherão* ou *mulheraça* etc.

Muitos substantivos formam o augmentativo de um modo irregular.

Assim de *amigo* o augmentativo é *amigalhão* ; de *boca, boqueirão* ; de *espada, espadagão* ; de *cão, canzarrão* ; de *nariz, narigão* ; de *tolo, tolerão* ; de *santo, santarrão* ; de *homem, homemzarrão*.

A lingua portugueza possui certas palavras que exprimem augmento, representadas por palavras no positivo : *cansaço, comilão, dizidor, estirão, fujão*.

Para formar o *diminutivo sintetico* devemos observar :

1.º Si o nome termina em vogal perde a vogal e soffre o augmento dos suffixos diminutivos ; ou depois de acrescentar a letra *z*, juntam-se sem alteração alguma esses suffixos : *filho, filhinho* ; *cão, cãozinho*.

2.º Si termina por consoante juntam-se os suffixos, ou se acrescenta primeiro a letra *z* e juntam-se depois os suffixos : *colhér, colherinha, colhérzinha*.

Os suffixos diminutivos são :

acho : *rio, riacho*.

culo : *animal, animalculo*.

ejo : *lugar, lugarejo*.

el : *corda, cordel*.

elha : *aza, azelha*.

ela : *via, viela*.

ete : *sabão, sabonete*.

eto : *côro, côreto*.

ico : *abano, abanico*.

ilha : *manta, mantilha*.

im : *flauta, flautim*.

inho : *bolo, bolinho*.

isco : *chuva, chuvisco*.

ito : *pequeno, pequenito*.

ola : *saco, sacola*.

ote : *rapaz, rapazote*.

ulo : *globo, globulo*.

Os augmentativos são muitas vezes tomados em mau sentido, são empregados por ironia : *sabichão*, indicando homem ignorante ; *valentão*, homem medroso.

Este grau tem o nome particular de **pejorativo**.

Alguns diminutivos exprimem, em certos casos, carinho, amor : *paizinho, mulherzinha*.

O diminutivo também pôde ser formado pela repetição de uma syllaba do substantivo : *Zézé* formado de *José* ; *Lolota*, de *Carlota* ; *Lulú*, de *Luiz*.

Esses diminutivos são chamados *hipocoristicos*.

São de grande interesse as seguintes observações de João Ribeiro :

1.ª Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo : do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga* ; o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*.

2.ª O genero do augmentativo dos femininos pôde ser masculino : um *mulherão*, um *carão* : o mesmo pôde succeder aos diminutivos : um *espadim*, um *flautim*.

3.ª Os diminutivos dos nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias fases da vida do animal : *pinto, frango, gallo* ; *bezerro, boi* ; *novilha, vitella, vaca* ; *leitão, porco* ; *borrego, orelha* ; *poldro, sen-deiro, cavallo* ; *borracho* é diminutivo de ave de ninho ; *cachorro* diminutivo de animaes quadrupedes.

III

Adjectivo

FLEXÕES

I

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos, applicam-se com poucas excepções ou ampliações aos adjectivos. Precisamos fazer notar que os adjectivos não têm genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados *uniformes*, em contraposição aos outros que são *biformes*, isto é, têm duas fórmulas.

D'entre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos:

Os adjectivos que terminam em *o* mudam-no para *a*: *justo, justa, cujo, cuja*. Os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o*: *novo, nova; generoso, generosa*. Só é uniforme. O adjectivo *parvo* significando *pequeno*, segue a regra geral: *parva*; significando *tolo, palerma, nescio* faz o feminino *parvoa*.

Os que terminam em *u* acrescentam *a* quando aquella letra é precedida de consoante: *cru, crua*. Quando faz parte do ditongo *eu* muda este ditongo em *éa*: *européu, européa; plebeu plebéa*. Exceptuam-se: *meu, minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; sandeu, sandia; ilhéu, ilhóa; tabaréu, tabaróa*.

Os que terminam em *ez, or, ol* e *um* acrescentam *a*: *portuguez, portugueza; conhecedor, conhecedora; espanhol, espanhola; um, uma; algum, alguma*. Exceptuam-se: *cortez, montez, pedrez, soez; bicolor, incolor, multicolor, semsabor, tricolor*, e os comparativos em *or*: *reinol; cabrum, commum, ovelhum, vacuum*, que são uniformes.

E' preciso notar que os nomes terminados em *or*, têm tres fórmulas para o feminino: *director, directora; enredador, enredadeira; gerador, geratriz*.

Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão*, mudam esta terminação para *ã*: *christão, christã*.

Afastam-se destas regras: *bom, bôa; dois, duas; mau, má*.

São uniformes:

1.º Os acabados em *e*: *prudente*. Exceptuam-se: *este, esta; esse, essa; aquelle, aquella*.

2.º os acabados em *al*: *leal*; em *el*: *cruel, amavel*; em *il*: *util, subtil*; em *ul*: *azul*; em *ar*: *singular*; em *er*: *esmolero*; em *az*: *capaz*; em *iz*: *feliz*; em *oz*: *veloz*; em *m*: *ruim*; em *n*: *joven*; em *s*: *simples*.

Antigamente não tinham terminação feminina os adjectivos terminados em *or*: *Maria morador em Lisboa*. (Fern. Lopes.)—*Arte imitador da natureza*.—(Arrais).

Até o seculo 15.º os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes. O mesmo acontecia com os terminados em *ez, iz*: *A nossa portuguez casta linguagem*. (Hyssope. Diniz.)

Os adjectivos fórmulas o plural da mesma maneira que os substantivos.

Apenas se nota que os adjectivos contraídos

como :--*são* contraído de *santo* ; *grão* contraído de *grande*, não se usam no plural.

Qualquer só tem flexão de numero no seu primeiro termo componente : *quaesquer*.

Gráu

II

Herdamos do Latim os dois *gráus* de significação a que estão sujeitos os adjectivos qualificativos.

São : **comparativo** e **superlativo**.

O adjectivo está no **POSITIVO** se exprime só e simplesmente a qualidade : *Maria é bella*.

O adjectivo está no **COMPARATIVO** si exprime uma qualidade em *igual*, *maior* ou *menor* gráu relativamente á qualidade de outro substantivo.

Os comparativos são tres :

De *igualdade* : *O mar é TAM BELLO como o céu*.

De *superioridade* : *O mar é MAIS BELLO que o céu*.

De *inferioridade* : *O mar é MENOS BELLO do que o céu*.

O adjectivo está no **SUPERLATIVO** si exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente á qualidade de outro substantivo. É o **SUPERLATIVO RELATIVO** : *o MAIS RICO dos homens não é o MAIS FELIZ. O orgulhoso é o MENOS FELIZ na sociedade*.

O adjectivo está também no **SUPERLATIVO** si exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade. É o **SUPERLATIVO ABSOLUTO** : *homem MUITO ALTO, ou ALTÍSSIMO*.

D'ahi conclui-se que o gráu comparativo subdivide-se em comparativo de *igualdade*, de *superioridade* e de *inferioridade*, e que o superlativo subdivide-se em *absoluto* e *relativo*.

Póde-se fórmr o **comparativo** de dois modos :
1.º *analiticamente*, juntando-se ao positivo os adverbios *tão*, *tanto* (igualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as fórmr *como* e *quanto* : *A luz é TAM PRECIOSA COMO ou QUANTO a agua*.

A *mais* e *menos* corresponde *que* ou *do que* :
Outra pedra MAIS CLARA QUE ou DO QUE o diamante.

A *rosa* é MENOS BELLA QUE ou DO QUE a violeta.

2.º *sinteticamente*, por meio de suffixo *or*.

Só possuímos em Portuguez os seguintes comparativos sintéticos : *bom*, comp. *melhor* ; *máu*, comp. *peior* ; *grande*, comp. *maior* ; *pequeno*, comp. *menor* ; *alto*, comp. *superior* ; *baixo*, comp. *inferior*.

Junior, *senior*, *major*, *prior*, *exterior*, *posterior*, *anterior*, embora pela sua origem possam ser incluídos nesta classe, são considerados como substantivos ou adjectivos positivos.

O Portuguez possui também fórmr de comparativo sintético exprimindo idéa de superioridade ou inferioridade mas representadas por adjectivo positivo : *maiusculo* que corresponde no Latim a *grandiusculus*, e *minusculo* dos quaes formamos também—*maiorzinho* e *menorzinho*—e o substantivo—*minzinho*.

O superlativo, como vimos, póde ser *absoluto* e *relativo*.

Si fôr expresso por uma só palavra é *sintético* ; si fôr expresso por mais de uma, é *analítico*.

O superlativo *absoluto sintético* se fórmr com o acrescimo da terminação *imo* : *facil*, sup. abs. sint. *facilimo* ou *facilissimo*.

Alguns adjectivos soffrem modificações antes de aceitar este acrescimo.

Os que terminam em *vel*, mudam esta terminação para *bil* : *agradavel*, *agradabilissimo* ; *notavel*, *notabilissimo*.

Os que terminam em vogal ou ditongo nasal

mudam o *ão* ou *m* em *n*: *chão*, *chanissimo*; *commum*, *communissimo*.

Os que terminam em *z*, mudam-no para *c*: *feroz*, *ferocissimo*.

Os que terminam em *co*, mudam esta terminação para *qu*: *rico*, *riquissimo*; ou deixam cair a vogal: *parco*, *parcissimo*.

Deixam também cair a vogal final os terminados em *e* e *o*: *excellente*, *excellentissimo*; *bello*, *bellissimo*.

Os que terminam em *go* mudam esta terminação para *gu*: *vago*, *vaguissimo*.

Possui a lingua portugueza superlativos absolutos synteticos formados irregularmente.

Estão em primeiro lugar:

Bom	comp.	melhor	sup.	optimo.
Máu	«	peor	«	pessimo.
Grande	«	maior	«	maximo.
Pequeno	«	menor	«	minimo.
Alto	«	superior	«	summo ou supremo
Baixo	«	inferior	«	infimo.

Em segundo lugar:

acre	sup.	acerrimo	livre	sup.	liberrimo
amigo	«	amicissimo	magnifico	«	magnificentissimo
antigo	«	antiquissimo			
aspero	«	asperrimo	misero	«	miserrimo
celebre	«	celeberrimo	nobre	«	nobilissimo
christão	«	christianissimo	pobre	«	pauperrimo
cruel	«	crudelissimo	sagrado	«	sacratissimo
doce	«	dulcissimo	sabio	«	sapientissimo
					mo
fiel	«	fidelissimo	salubre	«	saluberrimo
frio	«	frigidissimo	simples	«	simplissimo
geral	«	generalissimo	simi-	«	similimo
			lhante		
humilde	«	humilimo	sem po-	«	uberrimo
íntegro	«	integerrimo	sitivo ...	{	

Muitos destes superlativos têm, além desta forma, uma outra regular: *pobrissimo* e *pauperrimo*; *früissimo* e *frigidissimo*; *inteirissimo* e *integerrimo*. Os primeiros são superlativos *populares* e os segundos, *eruditos*.

Ha também superlativos e mesmo comparativos cujos positivos não se empregam: *minazcissimo*, positivo *minaz*; *belacismo*, positivo *belaz*.

O superlativo *absoluto analitico* se forma antepondo-se ao adjectivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*, ou então os adverbios em *mente*, ou os adverbios *assáz* e *demasiado*: *João é mui*, *MUITO*, *ASSÁZ*, *GRANDEMENTE*, *NADA sabio*.

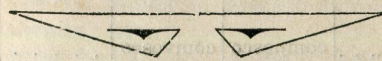
O superlativo *relativo syntetico* se forma com os comparativos synteticos precedidos do artigo e seguidos da preposição *de*: *o MELHOR DOS agouros é combater pela patria*.

O superlativo *relativo analitico* se forma antepondo-se as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao positivo: *A caridade é A MAIS NOBRE das virtudes*. *O ar é O MENOS PESADO dos elementos*.

Alguns adjectivos não têm gráu: *joven*, *longinquo*, *adolescente*, *primeiro*, *immortal*, *repentino* etc.

Ha um outro modo de formação de superlativos, que se observa principalmente no Hebraico: o da reduplicação:— *Cantico dos Canticos*. *Rei dos Reis*. Este processo aproxima o superlativo do numero plural, diz Sayce.

O superlativo é gráu que pertence ao adjectivo, entretanto na linguagem popular ou familiar costumamos empregá-lo com os substantivos: *COUSISSIMA nenhuma*.



Pronomes pessoaes

III

Além das flexões de genero e de numero que têm os pronomes pessoaes como qualquer adjectivo, apresentam mais a

DECLINAÇÃO

Singular

	1. ^a pessoa	2. ^a pessoa	3. ^a pessoa	3. ^a pessoa (reflexa)
Nominativo. . . .	eu	tu	elle, ella	si
Dativo.	mihi	ti	lhe	se
Acusativo	me	te	o, a	se
Ablativo	commigo	contigo	comtigo	comsigo

Plural

Nominativo. . . .	nós	vós	elles, ellas	si
Dativo.	nos	vos	lhes	se
Acusativo	nos	vos	os, as	se
Ablativo	commosco	comvosco	comtoso	comsigo

•••••

IV

Verbo

O verbo admitte variações de pessoa, numero, tempo e modo.

Chama-se **pessoa e numero** do verbo as fórmas que elle toma para indicar a pessoa e numero do sujeito.

As pessoas são tres, representadas pelos pronomes: *eu, tu, elle* ou *ella* para o numero *singular*; *nós, vós, elles* ou *ellas* para o numero *plural*.

As pessoas podem tambem ser representadas pelas fórmas verbaes sómente, com exclusão dos pronomes pessoaes.

Tempo é a fórmula que o verbo toma para indicar a época do que vai ser enunciado.

Os tempos são tres: **Presente, preterito ou passado e futuro.**

O **Presente** indica que a acção é actual: *Amo.*

O **Preterito** indica indeterminadamente que a acção foi realizada: *Amei.*

Este tempo é chamado tambem **Aoristo.**

O **Futuro** indica que a acção ainda se vai realizar: *Amarei.*

Além destes ha mais:

O **Preterito Imperfeito** que indica a acção passada contemporânea de outra passada: *ESTUDAVA quando chegaste.*

O **Preterito perfeito composto** ou simplesmente **Preterito Perfeito** que indica que acção passada é repetida, ainda continúa: *Tenho amado.*

O **Preterito mais que perfeito** que indica que a acção é passada relativamente a uma outra já passada: *Amára ou tinha amado.*

O **Futuro anterior** que indica que a acção ha de realizar-se relativamente a um outro tempo: — *Terei amado.*

Os tempos pôdem ser:

Simples, os expressos por um só verbo: *amo.*

Compóstos, os expressos por mais de um verbo: *terei amado.*

Os verbos que fazem parte dos tempos compóstos, chamam-se **Auxiliares**, como *ser*, *ter* e *haver*.

O verbo *ser* fórma a voz passiva.

Os verbos *ter* e *haver* fórmam dois tempos: preterito e futuro.

O preterito é formado com estes verbos e o participio passado: *hei amado; tenho amado.*

O futuro é formado com esses verbos conjugados com o verbo principal regido da preposição *de*: *tenho de amar, hei de amar*, ou com o futuro simples do auxiliar e o participio passado do verbo principal: *terei amado, haverei amado.*

Modo é a fórma que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres: **indicativo**, **imperativo** e **subjuntivo**.

Dá-se o *indicativo* quando se enuncia, indica um facto: *amo.*

Dá-se o *imperativo* quando pedimos ou desejamos que um facto se realize: *amai.*

Dá-se o *subjuntivo* quando esse facto depende de uma contingencia para sua realização: *amasse.*

Alguns grammaticos acrescentam a estes o **condicional** e o **infinitivo**.

Porém o **condicional** não passa de um tempo futuro dependente de uma condição. E', como diz Adolpho Coelho, um imperfeito formado por derivação impropria ou um futuro passado, na expressão de Meyer—Lubke.

O **Infinitivo** é um verdadeiro nome substantivo ou adjectivo, é uma simples fórma nominal, indica o facto de uma maneira vaga e geral.

O **Participio presente** tem o valor de um adjectivo e termina em *te*. Muitos delles têm hoje o valor de substantivos: *levante (levar); tenente (ter); poente (poer).*

Ha alguns verbos que não possuem participios presentes: *vestir, dar*, etc.

O **Participio passado** é tambem um derivado verbal que equivale a um adjectivo.

Termina, menos no verbo *pôr*, em *do*, serve para fórmam as linguagens compóstas e exprime a acção terminada, o acto realizado: *amado.*

O **Participio do futuro** é simples adjectivo ou substantivo e termina em *ouro*: *casadouro*; em *undo*: *furibundo*; em *endo*: *reverendo.*

Desappareceu completamente da conjugação portugueza e só existe com as funções de nome.

O **Gerundio** termina em *ando, endo, indo, ondo*: *amando, lendo vestindo, pondo.*

QUADRO DOS TEMPOS

MODO INDICATIVO	MODO SUBJUNTIVO
<i>Tempos simples</i>	<i>Tempos simples</i>
Presente— <i>Amo.</i>	Presente,— <i>Ame.</i>
Pret. imperf.— <i>Amava.</i>	Pret. imperfecto— <i>Amasse.</i>
Pret. aoristo— <i>Amei.</i>	Futuro— <i>Amar.</i>
Pret. mais que perfeito.— <i>Amára.</i>	<i>Tempos compósitos</i>
Futuro.— <i>Amarei.</i>	Preterito perfeito— <i>Tenha amado.</i>
Condicional.— <i>Amaria.</i>	Preterito mais que perfeito— <i>Tivesse amado.</i>
	Futuro— <i>Tiver amado.</i>
<i>Tempos compósitos</i>	INFINITIVO
Preterito perfeito.— <i>Tenho amado.</i>	<i>Tempos simples</i>
Pret. mais que perfeito.— <i>Tinha amado.</i>	Pres. impessoal— <i>Amar.</i>
Futuro.— <i>Terei amado.</i>	Pres. pessoal— <i>Amar eu.</i>
Condicional— <i>Teria amado.</i>	Gerundio— <i>Amando.</i>
	<i>Tempos compósitos</i>
	Pret. impes.— <i>Ter amado.</i>
MODO IMPERATIVO	Preterito pessoal— <i>Ter eu amado.</i>
Presente ou Futuro— <i>Ama tu.</i>	Gerundio— <i>Tendo amado.</i>

A noção de tempo não é bem firmada em nossa lingua. Em primeiro lugar se diz, e com razão, que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se este momento com o immediatamente posterior, reduz-se aquelle a *passado*.

Além disto possuímos muitos vícios e modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos:—*Napoleão Bonaparte diz a seus soldados.* E' o chamado *presente historico*.

Do 2.º caso:—*Vou amanhã.*

Conjugar um verbo é fazê-lo passar por todas as fórmulas que modificam a idéa contida no thema, relativamente á existencia, ao sujeito, á acção, ao tempo (*Guardia e Wierzeyski*).

Conjugação é o conjunto de todas as flexões do verbo.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do presente impessoal do infinitivo.

A 1.ª conjugação termina em *ar*; a 2.ª em *er*; a 3.ª em *ir*; a 4.ª em *or*.

A 4.ª conjugação é de uso pratico; é fórmula contracta da 2.ª conjugação. A ella pertence o verbo *pôr* (*poer*) e seus compósitos.

Conforme a conjugação, os verbos se dividem em *regulares* e *irregulares*.

Regular é o verbo que segue a norma da conjugação a que pertence: *amar*.

Irregular é o verbo que se afasta da norma da conjugação a que pertence: *pedir*.

Terminações dos verbos

Tempos simples

1.^a conj.

2.^a conj.

3.^a conj.

Indicativo

<i>Presente</i>	o	o	o
	as	es	es
	a	e	e
	amos	emos	imos
	ais	eis	is
	am	em	em
<i>Imperfeito</i>	ava	ia	ia
	avas	ias	ias
	ava	ia	ia
	ávamos	íamos	íamos
	aveis	íeis	íeis
	avam	iam	iam
<i>Aoristo</i>	ei	i	i
	aste	este	iste
	ou	eu	iu
	ámos	emos	imos
	astes	estes	istes
	aram	eram	iram

<i>Mais que per- feito</i>	ára	âra	íra
	áras	êras	íras
	ára	êra	íra
	áramos	êramos	íramos
	áreis	êreis	íreis
	áram	êram	íram
<i>Futuro (*)</i>	ei	ei	ei
	ás	ás	ás
	á	á	á
	emos	emos	emos
	eis	eis	eis
	ão	ão	ão
<i>Condicional</i>	ia	ia	ia
	ias	ias	ias
	ia	ia	ia
	íamos	íamos	íamos
	íeis	íeis	íeis
	iam	iam	iam

Imperativo

<i>Presente</i>	a	e	e
	ai	ei	i

Subjuntivo

<i>Presente</i>	e	a	a
	es	as	as
	e	a	a
	emos	âmos	âmos
	eis	ais	ais
	em	am	am
<i>Preterito im- perfeito</i>	asse	esse	isse
	asses	esses	isses
	asse	esse	isse
	ássemos	essemos	issemos
	ásseis	esseis	isseis
	assem	essem	issem

(*) O futuro e o condicional formam-se juntando-se estas terminações ao infinito presente impessoal.

<i>Futuro</i>	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem

Infinitivo

<i>Presente im-</i> <i>personal</i>	ar	er	ir
<i>Presente pes-</i> <i>soal</i>	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem
<i>Gerundio</i>	ando	endo	indo
<i>P. passado</i>	ado	ido	ido

Conjugação regular

Tempos simples

1.^a conj. 2.^a conj. 3.^a conj.

Modo indicativo

Presente

Eu amo	Como	Parto
Tu amas	Comes	Partes
Elle ama	Come	Parte
Nós amamos	Comemos	Partimos
Vós amais	Comeis	Partis
Elles amam	Comem	Partem

Preterito imperfeito

Eu amava	Comia	Partia
Tu amavas	Comias	Partias
Elle amava	Comia	Partia
Nós amávamos	Comíamos	Partíamos
Vós amaveis	Comieis	Partieis
Elles amavam	Comiam	Partiam

Preterito aoristo

Eu amei	Comi	Parti
Tu amaste	Comeste	Partiste
Elle amou	Comeu	Partiu
Nós amámos	Comemos	Partimos
Vós amastes	Comestes	Partistes
Elles amaram	Comeram	Partiram

Preterito mais que perfeito

Eu amára	Comêra	Partíra
Tu amáras	Comêra	Partíras
Elle amára	Comêra	Partíra
Nós amáramos	Comêramos	Partíramos
Vós amáreis	Comêreis	Partíreis
Elles amáram	Comêram	Partíram

Futuro

Eu amarei	Comerei	Partirei
Tu amarás	Comerás	Partirás
Elle amará	Comerá	Partirá
Nós amaremos	Comeremos	Partiremos
Vós amareis	Comereis	Partireis
Elles amarão	Comerão	Partirão

Condicional

Eu amaria	Comeria	Partiria
Tu amarias	Comerias	Partirias
Elle amaria	Comeria	Partiria
Nós amariamos	Comeríamos	Partiríamos
Vós amarieis	Comerieis	Partirieis
Elles amariam	Comeriam	Partiriam

Modo imperativo

Ama tu	Come tu	Parte tu
Amai vós	Comei vós	Parti vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu ame	Coma	Parta
Tu ames	Comas	Partas
Elle ame	Coma	Parta
Nós amemos	Comâmos	Partâmos
Vós ameis	Comais	Partais
Elles amem	Comam	Partam

Preterito imperfeito

Eu amasse	Comesse	Partisse
Tu amasses	Comesses	Partisses
Elle amasse	Comesse	Partisse
Nós amássemos	Coméssemos	Partíssemos
Vós amásseis	Comésseis	Partísseis
Elles amassem	Comessam	Partissem

Futuro

Eu amar	Comer	Partir
Tu amares	Comeres	Partires
Elle amar	Comer	Partir
Nós amarmos	Comermos	Partirmos
Vós amardes	Comerdes	Partirdes
Elles amarem	Comerem	Partirem

Infinitivo

Presente impessoal

Amar	Comer	Partir
------	-------	--------

Presente pessoal

Amar eu	Comer	Partir
Amare tu	Comeres	Partires
Amar elle	Comer	Partir
Amarmos nós	Comermos	Partirmos
Amardes vós	Comerdes	Partirdes
Amarem elles	Comerem	Partirem

Gerundio

Amando	Comendo	Partindo
--------	---------	----------

Participio passado

Amado	Comido	Partido
-------	--------	---------

4.ª Conjugação

PÔR

Modo indicativo

Presente	Preterito imperfeito	Aoristo
Eu ponho	Punha	Pus
Tu pões	Punhas	Poseste
Elle põe	Punha	Pôs
Nós pomos	Púnhamos	Posemos
Vós ponde	Punheis	Poséstes
Elles põem	Punham	Poséram
Mais que perfeito	Futuro	Condicional
Eu posera	Porei	Poria
Tu poseras	Porás	Porias
Elle posera	Porá	Poria
Nós poséramos	Poremos	Poríamos
Vós posereis	Poreis	Porieis
Elles poseram	Porão	Poriam

Modo imperativo

Põe tu	Ponde vós
--------	-----------

Modo subjuntivo

Presente	Preterito imperfeito	Futuro
Eu ponha	Posésse	Posér
Tu ponhas	Posésse	Poséres
Elle ponha	Posésse	Posér
Nós ponhâmos	Poséssemos	Posérmos
Vós ponhais	Posésseis	Posérdes
Elles ponham	Poséssem	Posérem

Infinitivo

Presente pessoal

Pôr eu
Pôres tu
Pôr elle
Pôrmos nós
Pôrdes vós
Pôrem elles

Presente impessoal

Pôr
Gerundio
Pondo

P. passado
Pôsto

Conjugação dos verbos auxiliares

TER

HAVER

SER

Modo indicativo

Presente

Eu tenho
Tu tens
Elle tem
Nós temos
Vós tendes
Elles têm

Hei
Has
Há
Havemos
Haveis
Hão

Sou
E's
E'
Somos
Sois
São

Preterito imperfeito

Eu tinha
Tu tinhas
Elle tinha
Nós tínhamos
Vós tinheis
Elles tinham

Havia
Havas
Havia
Havíamos
Havíeis
Haviam

Era
Eras
Era
Eramos
Ereis
Eram

Preterito aoristo

Eu tive
Tu tiveste
Elle teve
Nós tivemos
Vós tivestes
Elles tiveram

Houve
Houveste
Houve
Houvemos
Houvestes
Houveram

Fui
Foste
Foi
Fomos
Fostes
Foram

Mais que perfeito

Eu tivera
Tu tiveras
Elle tivera
Nós tivéramos
Vós tivereis
Elles tiveram

Houvera
Houveras
Houvera
Houvéramos
Houvereis
Houveram

Fôra
Fôras
Fôra
Fôramos
Fôreis
Fôram

Futuro

Eu terei
Tu terás
Elle terá
Nós teremos
Vós tereis
Elles terão

Haverei
Haverás
Haverá
Haveremos
Havereis
Haverão

Serei
Serás
Será
Seremos
Sereis
Serão

Condicional

Eu teria
Tu terias
Elle teria
Nós teríamos
Vós teríeis
Elles teriam

Haveria
Haverias
Haveria
Haveríamos
Haveríeis
Haveriam

Seria
Serias
Seria
Seríamos
Seriéis
Seriam

Modo imperativo

Tem tu
Tende vós

Há
Havei

Sê
Sêde

Modo subjuntivo

Presente

Eu tenha
Tu tenhas
Elle tenha
Nós tenhamos
Vós tenhais
Elles tenham

Haja
Hajas
Haja
Hajâmos
Hajais
Hajam

Seja
Sejas
Seja
Sejâmos
Sejais
Sejam

Preterito imperfeito

Eu tivesse	Houvesse	Fôsse
Tu tivesses	Houvesse	Fôsses
Elle tivesse	Houvesse	Fôsse
Nós tivéssemos	Houvéssemos	Fôssemos
Vós tivésseis	Houvesseis	Fôsseis
Elles tivessem	Houvessem	Fôssem

Futuro

Eu tiver	Houver	Fôr
Tu tiveres	Houveres	Fôres
Elle tiver	Houver	Fôr
Nós tivermos	Houvermos	Fôrmos
Vós tiverdes	Houverdes	Fôrdes
Elles tiverem	Houverem	Fôrem

Infinitivo

Presente impessoal

Ter	Haver	Ser
-----	-------	-----

Presente pessoal

Ter eu	Haver	Ser
Teres tu	Haveres	Seres
Ter elle	Haver	Ser
Termos nós	Havermos	Sermos
Terdes vós	Haverdes	Serdes
Terem elles	Haverem	Serem

Gerundio

Tendo	Havendo	Sendo
-------	---------	-------

Participio passado

Tido	Havido	Sido
------	--------	------

Conjugação completa

(AUXILIAR TER)

ESTUDAR

Modo indicativo

Presente

Eu estudo
Tu estudas
Elle estuda
Nós estudamos
Vós estudais
Elles estudam

Pret. aoristo

Eu estudei
Tu estudaste
Elle estudou
Nós estudámos
Vós estudastes
Elles estudaram

Preterito imperfeito

Eu estudava
Tu estudavas
Elle estudava
Nós estudavamos
Vós estudaveis
Elles estudavam

Pret. perfeito

Eu tenho estudado
Tu tens estudado
Elle tem estudado
Nós temos estudado
Vós tendes estudado
Elles têm estudado

Preterito mais que perfeito

Eu estudára	Eu tinha ou tivera estudado
Tu estudáras	Tu tinhas ou tiveras estudado
Elle estudára	Elle tinha ou tivera estudado
Nós estudáramos	Nós tínhamos ou tiveramos estudado
Vós estudáreis	Vós tinheis ou tivereis estudado
Elles estudáram	Elles tinham ou tiveram estudado

Futuro

Eu estudarei	Eu terei estudado
Tu estudarás	Tu terás estudado
Elle estudará	Elle terá estudado
Nós estudaremos	Nós teremos estudado
Vós estudareis	Vós tereis estudado
Elles estudarão	Elles terão estudado

Condicional

Eu estudaria	Eu teria estudado
Tu estudarias	Tu terias estudado
Elle estudaria	Elle teria estudado
Nós estudariamos	Nós teríamos estudado
Vós estudarieis	Vós teríeis estudado
Elles estudariam	Elles teriam estudado

Modo imperativo

Estuda tu
Estudai vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu estude
Tu estudes
Elle estude
Nós estudemos
Vós estudeis
Elles estudem

Preterito imperfeito

Eu estudasse
Tu estudasses
Elle estudasse
Nós estudássemos
Vós estudásseis
Elles estudassem

Preterito perfeito

Eu tenha estudado
Tu tenhas estudado
Elle tenha estudado
Nós tenhamos estudado
Vós tenhais estudado
Elles tenham estudado

Pret. mais que perfeito

Eu tivesse estudado
Tu tivesses estudado
Elle tivesse estudado
Nós tivéssemos estudado
Vós tivésseis estudado
Elles tivessem estudado

Futuro

Eu estudar
Tu estudares
Elle estudar
Nós estudarmos
Vós estudardes
Elles estudarem

Eu tiver estudado
Tu tiveres estudado
Elle tiver estudado
Nós tivermos estudado
Vós tiverdes estudado
Elles tiverem estudado

Infinitivo

Pres. impessoal

Estudar

Pret. impessoal

Ter estudado

Pres. pessoal

Estudar eu
Estudares tu
Estudar elle
Estudarmos nós
Estudardes vós
Estudarem elles

Pret. pessoal

Ter eu estudado
Teres tu estudado
Ter elle estudado
Termos nós estudado
Terdes vós estudado
Terem elles estudado

Gerundio

Estudando

Tendo estudado

Participio passado

Estudado

Conjugação (voz passiva)

SER AMADO

Modo indicativo

Presente

Eu sou
Tu és
Elle, ella é
Nós somos
Vós sois
Elles, ellas são

{ amado, a
{ amados as

Eu era
Tu eras
Elle, ella era
Nós eramos
Vós ereis
Elles, ellas eram

{ amado, a
{ amados, as

Pret. imperfeito

Aoristo

Eu fui
Tu foste
Elle, ella foi

{ amado, a

Eu fôra
Tu fôras
Elle, ella fôra

{ amado, a

Mais que perfeito

Nós fomos	{ amados, as	Nós fomos	{ amados, as
Vós fostes		Vós foreis	
Elles, ellas foram		Elles, ellas foram	

Futuro

Condicional

Eu serei	{ amado, a	Eu seria	{ amado, a
Tu serás		Tu serias	
Elle, ella será		Elle ella, seria	
Nos seremos	{ amados, as	Nós seríamos	{ amados, as
Vós sereis		Vós serieis	
Elles serão		Elles, ellas seriam	

Modo imperativo

Sê tu amado ou amada
Sêde vós amados ou amadae.

Modo subjuntivo

Presente

Pret. imperfecto

Eu seja	{ amado, a	Eu fosse	{ amado, a
Tu sejas		Tu fosses	
Elle, ella seja		Elle, ella fosse	
Nós sejamos	{ amados, as	Nós fossemos	{ amados, as
Vós sejais		Vós fosseis	
Elles, ellas sejam		Elles, ellas fossem	

Futuro

Eu fôr	{ amado, a
Tu fôres	
Elle, ella fôr	
Nós fôrmos	{ amados, as
Vós fôrdes	
Elles, ellas fôrem	

Infinitivo

Presente impessoal

Ser amado, a

Pres. pessoal

Gerundio

Ser eu	{ amado, a	Sendo amado, a, os as
Seres tu		<i>P. passado</i>
Ser elle, ella		Amado
Sermos nós	{ amados, as	Amados
Serdes vós		Amada
Serem elles, ellas		Amadas

NOTA.— Os tempos compósitos são formados á similhaça do verbo *estudar*: *tenho sido amado, terei sido amado, tiver sido amado*, etc.

Basta empregar o verbo *ser* em sua conjugação completa juntando-lhe o particípio passado do verbo principal.

Conjugação do verbo pronominal

LEMBRAR-SE

TEMPOS SIMPLES

Modo indicativo

Presente

P. aoristo

Eu *me* lembro
Tu *te* lembras
Elle *se* lembra
Nós *nos* lembramos
Vós *vos* lembrais
Elles *se* lembram

Eu *me* lembrei
Tu *te* lembraste
Elle *se* lembrou
Nós *nos* lembrámos
Vós *vos* lembrastes
Elles *se* lembraram

Imperfeito

Mais que perfeito

Eu *me* lembrava
Tu *te* lembravas
Elle *se* lembrava
Nós *nos* lembrávamos
Vós *vos* lembraveis
Elles *se* lembravam

Eu *me* lembrára
Tu *te* lembráras
Elle *se* lembrára
Nós *nos* lembráramos
Vós *vos* lembráreis
Elles *se* lembráram.

Futuro

Eu *me* lembrarei
Tu *te* lembrarás
Elle *se* lembrará
Nós *nos* lembraremos
Vós *vos* lembrareis
Elles *se* lembrarão

Condicional

Eu *me* lembraria
Tu *te* lembrarias
Elle *se* lembraria
Nós *nos* lembraríamos
Vós *vos* lembraríeis
Elles *se* lembrariam

Modo imperativo

Lembra-*te* tu
Lembra*í-vos* vós

Modo subjuntivo

Presente

Eu *me* lembre
Tu *te* lembres
Elle *se* lembre
Nós *nos* lembremos
Vós *vos* lembreis
Elles *se* lembrem

Pret. imperfeito

Eu *me* lembrasse
Tu *te* lembrasses
Elle *se* lembrasse
Nós *nos* lembrássemos
Vós *vos* lembrásseis
Elles *se* lembrassem

Futuro

Eu *me* lembrar
Tu *te* lembrares
Elle *se* lembrar
Nós *nos* lembrarmos
Vós *vos* lembrardes
Elles *se* lembrarem

Infinitivo

Presente impessoal

Lembrar-*se*

Presente pessoal

Lembrar-*me* eu
Lembrares-*te* tu
Lembrar-*se* elle
Lembrarmos-*nos* nós
Lembrardes-*vos* vós
Lembrarem-*se* elles

Gerundio

Lembrando-*se*

P. passado

Lembrado

Conjugação do verbo impessoal

CHOVER

Modo indicativo

Presente

Chove

Pret. imperfeito

Chovia

Aoristo

Choveu

Mais que perfeito

Chovêra

Futuro

Choverá

Condicional

Choveria

Modo subjuntivo

Presente

Chova

Imperfeito

Chovesse

Futuro

Chover

Infinitivo

Presente

Chover

Gerundio

Chovendo

Passado

Chovido

OBSERVAÇÕES

VERBOS REGULARES

Os verbos terminados em :

car—mudam o *c* em *qu* antes de *e*: *calcar*, *calque*;

çar—perdem a cedilha antes de *e*: *caçar*, *cacei*;

cer—tomam a cedilha antes de *a*, *o*: *carecer*, *careça*, *careço*;

ear—mudam o *e* em *ei* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e 2.^a pessoas do plural: *clarear*, *clareio*, *clareie*;

iar—uns mudam o *i* em *ei* euphonico no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.^a e 2.^a pessoas do plural: *agenciar*, *agremiar*, *anciar*, *cadenciar*, *commerciar*, *diligenciar*, *evidenciar*, *incendiar*, *licenciar*, *mediar*, *negociar*, *odiar*, *premiar*, *presenciar*, *penitenciar*, *remediar*, *sentenciar*, etc.

Outros conservam o *i* sem alteração: *adiar*, *afiar*, *atiar*, *alumiar*, *aviar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*, *fiar*, *miar*, *saciar*, *tosquiar*, *variar*.

gar—mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *pagar*, *pague*;

ger, gir—mudam o *g* em *j* antes de *a*, *o*: *eleger*, *eleja*, *elejo*; *corrigir*, *corrija*, *corrijo*;

guer, guir—mudam o *gu* em *g* antes de *a*, *o*: *erguer*, *erga*, *ergo*; *distinguir*, *distinga*, *distingo*;

uzir—perdem o *e* na 3.^a pessoa do singular do indicativo presente: *luzir*, *luz* (*luze*); *reduzir*, *reduz*, (*reduze*).

Antigamente se não dava esta apocope.

VERBOS IRREGULARES

1.^a Conjugação

Dar

Ind. *presente*: Dou, dás, dá, damos, dais, dão.
auristo: Dei, deste, deu, demos, destes, deram.
m. q. p.: Dera, déras, déra etc.

Subj. *pres.*: Dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.
imp.: Dêsse, dêsses, dêsse, dêsseamos, etc.
fut.: Dêr, dêres, dêr, dêrmos, etc.

OBSERVAÇÃO—Não será mencionado o *imperativo* porque as pessoas que elle tem (a 2.^a de cada numero) se formam das correspondentes do presente do indicativo com a perda da letra *s* final. Exceptua-se o verbo *ser*.

As outras pessoas que o *imperativo* não possui—a 1.^a e a 3.^a—são suppridas pelas do subjuntivo; ex.: *Dê eu, dá tu, dê elle, demos nós, dai vós, dêem elles*.

Si a conjugação fôr negativa, as pessoas do *imperativo* são todas substituidas pelas do subjuntivo; ex.: *Não dê eu, não dês tu, não dê elle, não demos nós, não deis vós, não dêem elles*.

Assim se diz que em Portuguez não ha propriamente *imperativo negativo*.

Estar

Ind. *presente*: Estou, estás, está, estamos, etc.
auristo: Estive, estiveste, estive, estivemos etc.
m. q. perf.: Estivêra, estivêras, estivêra, etc.

Subj. *presente*: Esteja, esteja, esteja, estejamos, etc.
imperf.: Estivesse, estivesses, estivesse, etc.
fut.: Estiver, estiveres, estiver, etc.

OBSERVAÇÃO—Os compósitos *constar*, *obstar*, *prestar*, *restar*, e *sustar* são regulares.

2.^a Conjugação

Caber

- Ind. pres.** : Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.
auristo : Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.
m. p. perf. : Coubéra, coubéras, coubéra, coubéramos, etc.
Subj. pres. : Caiba, caibas, caiba, caibâmos, etc.
imperf. : Coubesse, coubesses, coubesse, etc.
fut. : Coubér, coubéres, coubér, coubérmos, etc.

Crêr

- Ind. pres.** : Creio, crês, crê, crêmos, crêdes, crêem.
Subj. pres. : Creia, creias, creia, creiâmos, etc.
Da mesma forma se conjuga o verbo *lêr*.

Dizer

- Ind. pres.** : Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
auristo : Disse, dissêste, disse, dissemos, dissêstes, etc.
m. q. perf. : Dissêra, dissêras, dissêra, dissêramos, etc.
fut. : Direi, dirás, dirá, diremos, direis, etc.
cond. : Diria, dirias, diria, diríamos, etc.
Subj. pres. : Diga, digas, diga, digâmos, digais, digam.
imp. : Dissesse, dissesses, dissesse, dissêssemos, etc.
fut. : Dissér, dissêres, dissér, dissérmos, dissérdes, etc.
Inf. p. passado : Dito.

Fazer

- Ind. pres.** : Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
auristo : Fiz, fizêste, fez, fizemos, fizêstes, fizéram.
m. q. perf. : Fizêra, fizêras, fizêra, fizéramos, etc.
fut. : Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
cond. : Faria, farias, faria, fariamos, etc.
Subj. pres. : Faça, faça, faça, façâmos, façais, etc.
imperf. : Fizêsse, fizêsses, fizêsse, fizêssemos, etc.
fut. : Fizér, fizéres, fizér, fizérmos, etc.
Inf. p. passado : Feito.

Perder

- Ind. pres.** : Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Subj. pres. : Perca, percas, perca, percâmos, percais, etc.

Poder

- Ind. pres.** : Posso, podes, póde, podêmos, podeis, podem.
auristo : Pude, podeste, pôde, podêmos, etc.
Subj. pres. : Possa, possas, possa, possâmos, etc.
imperf. : Podêsse, podêsses, podêsse, podêssemos, etc.
fut. : Podér, podéres, podér, podérmos, etc.
Não se usa no **imperativo**.

Prazer (impessol)

- Ind. pres.** : Praz.
auristo : Prouve.
m. q. perf. : Prouvéra.
Subj. pret. imperf. : Prouvesse.
fut. : Prouvér.

Querer

- Ind. pres.** : Quero, queres, quer, queremos, quereis, etc.
auristo : Quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, etc.
m. q. perf. : Quisêra, quisêras, quisêra, quiséramos, etc.
Subj. pres. : Queira, queiras, queira, queirâmos, etc.
imp. : Quisêsse, quisêsses, quisêsse, quisêssemos, etc.
fut. : Quisér, quiséres, quisér, quisérmos, etc.
Não se usa no **imperativo**.

Requerer

- Ind. pres.** : Requeiro, requêres, requér, requeremos, etc.
Subj. pres. : Requeira, requeira, requeira, requirâmos, etc.
Antigamente dizia-se na 3.^a pessoa do singular do indicativo presente *requere*: *O Gama lhe requere* (Camões). Ainda hoje quando se lhe seguem os pronomes *o, a, os, as*, assim se emprega: *requere-o, requere-a*.

Saber

- Ind. pres.** : Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
auristo : Soube, soubeste, soube, soubemos, etc.
Subj. pres. : Saiba, saibas, saiba, saibâmos, etc.
imperf. : Soubesse, soubesses, soubesse, etc.
fut. : Soubér, soubéres, soubér, etc.

Trazer

- Ind. pres.** : Trago, trazes, traz, trazemos, etc.
auristo. : Trouxe, trouxe, trouxe, etc.
m. q. perf. : Trouxera, trouxeras, trouxera, etc.
fut. : Trarei, trará, trará, traremos, etc.
cond. : Traria, trarias, traria, etc.
Subj. pres. : Traga, tragas, traga, tragamos, etc.
imperf. : Trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.
fut. : Trouxér, trouxéres, trouxér, etc.

Valer

- Ind. pres.** : Valho, vales, vale ou val, valem, etc.
Subj. pres. : Valha, valhas, valha, valhemos, etc.

Vêr

- Ind. pres.** : Vejo, vês, vê, vêmos, vêdes, vêem.
auristo. : Vi, viste, viu, vimos, viste, viram.
m. q. perf. : Vira, viras, vira, víramos, víreis, etc.
Subj. pres. : Veja, veja, veja, vejamos, veja, etc.
imperf. : Visse, visse, visse, vissemos, visseis, etc.
fut. : Vir, vires, vir, vírmos, vírdes, vírem.
Inf. p. passado : Visto.
 O seu derivado **Prover** afasta-se no :
Ind. p. auristo : Provi, proveste, proveu, provemos, etc.
m. q. perf. : Provêra, provêras, etc.
Subj. p. imperf. : Provêsse, provêsses, provêsse, etc.
futuro : Provér, provéres, provér, etc.
Inf. p. passado : Provido.

3.^a Conjugação

Aderir

- Ind. pres.** : Adiro, adêres, adêre, aderimos, aderis, adêrem.
Sub. pres. : Adira, adiras, adira, adiramos, etc.
 Por este verbo se conjugam : *advertir, aferir, comedir, compêlir, competir, conseguir, deferir, despir, discernir, digerir, divergir, divertir, enxerir, expêlir, ferir, impêlir, mentir, preterir, reflectir, repêlir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir, etc.*

Acudir

- Ind. pres.** : Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudis, acódem.
Sub. pres. : Acuda, acudas, acuda, acudamos, etc.
 Antigamente este verbo era regular : conservava o *u* em toda a conjugação : **Acude e corre pai.** (Camões— *Os Lusíadas*). O mesmo se observa relativamente a *fugir, instruir e consumir*, empregados pelo mesmo poeta.
 Por este verbo se conjugam : *bulir, construir, consumir, cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir, etc.*

Agredir

- Ind. pres.** : Agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agredem.
Sub. pres. : Agrida, agridas, agrida, etc.
 Por este verbo se conjugam : *prevenir, transgredir, etc.*

Cobrir

- Ind. pres.** : Cubro, cóbres, cóbre, cobrimos, cobris, cóbrem.
Sub. pres. : Cubra, cubras, cubra, etc.
Inf. p. pres. : Coberto.
 Por este verbo se conjugam : *dormir.*

Cortir

- Ind. pres.** : Curto, curtes, curte, curtimos, curtis, curtem.
Sub. pres. : Curta, curtas, curta, etc.
 Por este verbo se conjugam : *sortir.*

Frigir

- Ind. pres.** : Frijo, frêges, frêge, frigimos, frigis, frégem.
Inf. p. pass. : Frito ou Frigido.

Ir

- Ind. pres.** : Vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão.
auristo : Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m. q. perf. : Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram.

Subj. pres.: Vá, vás, vá, vámos, vades, vão.
imperf.: Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.
fut.: Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

Medir

Ind. pres.: Meço, medes, mede, medimos, medís, medem.
Subj. pres.: Meça, meças, meça, meçâmos, etc.

Por este verbo conjugam-se *ouvir*, *pedir*, *despedir*, *impedir*, etc.

NOTA.—Os verbos *despedir* e *impedir* só têm relativamente a *pedir* a semelhança de forma; não têm nem a mesma origem, nem aproximada significação.

A essa semelhança se deve o facto de serem considerados irregulares quando deviam ser conjugados regularmente no indicativo presente e no subjuntivo: *despido*, *impido*, *despida*, *impida*, etc.

Os exemplos nos escritores antigos são sem conta:

Vieira: *Eia, meu príncipe, despida-se* V. A. dos livros.

Com esta ultima advertencia vos **despido**, ou me **despido** de vós.

Duarte Nunes Leão na *Orthographia* emprega: **despida-me**.

Francisco José Freire confirma que alguns escritores não querem fazer irregular este verbo, como hoje diz a maior parte dos modernos.

Camões em *Os Lusíadas*: Não me **impidas** o gosto da tornada.
 Castilho no *Presbyterio da Montanha*: **impidam** de seguir.

Remir (redimir)

Ind. pres.: Redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem.

Subj. pres.: Redima, redimas, redima, etc.

Rir

Ind. pres.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Subj. pres.: Ria, rias, ria, riâmos, riais, riam.

Vir

Ind. pres.: Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem.
imperf.: Vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, etc.
auristo.: Vim, vieste, veiu, viemos, viestes, viéram.
m. q. perf.: Viéra, viéras, viéra, viéramos, viéreis, etc.
Subj. pres.: Venha, venhas, venha, venhâmos, etc.
imperf.: Viesse, viesseis, viesse, viessemos, etc.
fut.: Viér, viéres, viér, viérmos, etc.
Inf. p. pass.: Vindo.

Defectivos

Ha alguns verbos que se não conjugam em certas pessoas.

São considerados defectivos aquelles a cujo radical se seguem as letras *a* ou *o*: *brandir*, *carpir*, *discernir*, *explodir*, *feder*, *fruir*, *ganir*, *inherir*, *latir*; aquelles a cujo radical se seguem as letras *a*, *o*, e: *abolir*, *adir*, *banir*, *colorir*, *delinquir*, *delir*, *demolir*, *empedernir*, *exaurir*, *extorquir*, *falir*, *florir*, *munir*, *polir*, *renhir*, *retorquir*.

Precaver, *rehaver* não se usam nas tres pessoas do singular e na 3.^a do plural do indicativo, do imperativo e no subjuntivo presente.

Soer só se usa em *sóe*, *sóes*, *sóem*, *soía*.

O uso de certas formas dos verbos defectivos pelos escritores, vai restringindo a lista desses verbos.

Vemos, assim, empregados: *bane*, *extórque*, *extórquam*, *colorem*, *déle* etc.

Participio passado

Muitos verbos têm duas formas no participio passado: uma forma regular e outra irregular.

A 1.^a é empregada geralmente com os verbos *ter* e *haver*; a 2.^a, simples adjectivo verbal, é mais usada com os verbos *ser* e *estar*.

1.^a CONJUGAÇÃO

<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>	<i>Part. Pass. Reg.</i>	<i>Part. Pass. Irreg.</i>
Aceitado	<i>Aceito ou aceite</i>	Ignorado	<i>Ignoto</i>
Agradado	<i>Grato</i>	Infeccionado	<i>Infecto</i>
Aprontado	<i>Pronto</i>	Juntado	<i>Junto</i>
Bemquistado	<i>Bemquisto</i>	Libertado	<i>Liberto</i>
Captivado	<i>Captivo</i>	Limpado	<i>Limpo</i>
Cegado	<i>Cégo</i>	Livrado	<i>Livre</i>
Completado	<i>Completo</i>	Matado	<i>Morto</i>
Confessado	<i>Confesso</i>	Manifestado	<i>Manifesto</i>
Cultivado	<i>Culto</i>	Misturado	<i>Misto</i>
Curvado	<i>Curvo</i>	Molestado	<i>Molesto</i>
Densado	<i>Denso</i>	Murchado	<i>Murcho</i>
Descalçado	<i>Descalço</i>	Ocultado	<i>Oculto</i>
Despertado	<i>Desperto</i>	Pegado	<i>Preso</i>
Dispersado	<i>Disperso</i>	Professado	<i>Professo</i>
Entregado	<i>Entregue</i>	Salvado	<i>Salvo</i>
Enxugado	<i>Enxuto</i>	Segurado	<i>Seguro</i>
Expressado	<i>Expresso</i>	Sepultado	<i>Sepulto</i>
Expulsado	<i>Expulso</i>	Situado	<i>Sito</i>
Faltado	<i>Falto</i>	Soltado	<i>Solto</i>
Fartado	<i>Farto</i>	Sujeitado	<i>Sujeito</i>
Findado	<i>Findo</i>	Suspeitado	<i>Suspeito</i>
Fixado	<i>Fixo</i>	Voltado	<i>Volto</i>

2.^a CONJUGAÇÃO

Absorvido	<i>Absorto</i>	Escurecido	<i>Escuro</i>
Acendido	<i>Aceso</i>	Immergido	<i>Immerso</i>
Agradecido	<i>Grato</i>	Incorrido	<i>Incurso</i>
Attendido	<i>Attento</i>	Morrido	<i>Morto</i>
Bemquerido	<i>Bemquisto</i>	Nascido	<i>Nado, Nato</i>

Benzido	<i>Bento</i>	Pervertido	<i>Perverso</i>
Convencido	<i>Convicto</i>	Prendido	<i>Preso</i>
Convertido	<i>Converso</i>	Removido	<i>Remóto</i>
Corrompido	<i>Corrupto</i>	Resolvido	<i>Resoluto</i>
Defendido	<i>Defeso</i>	Revolvido	<i>Revólto</i>
Desenvolvido	<i>Desenvolto</i>	Rompido	<i>Roto</i>
Devolvido	<i>Devoluto</i>	Submettido	<i>Submisso</i>
Dissolvido	<i>Dissoluto</i>	Surpreendido	<i>Surpreso</i>
Elegido	<i>Eleito</i>	Suspendido	<i>Suspenso</i>
Enchido	<i>Cheio</i>	Torcido	<i>Torto</i>

3.^a CONJUGAÇÃO

Affligido	<i>Afflicto</i>	Expellido	<i>Expulso</i>
Circumduzido	<i>Circumduto</i>	Exprimido	<i>Expresso</i>
Coagido	<i>Coacto</i>	Extinguido	<i>Extinto</i>
Comprimido	<i>Compresso</i>	Imprimido	<i>Impresso</i>
Concluído	<i>Concluso</i>	Incluído	<i>Incluso</i>
Confundido	<i>Confuso</i>	Omittido	<i>Omisso</i>
Contundido	<i>Contuso</i>	Opprimido	<i>Oppresso</i>
Corrigido	<i>Correcto</i>	Submergido	<i>Submerso</i>
Dirigido	<i>Directo</i>	Suprimido	<i>Supresso</i>
Distinguido	<i>Distinto</i>	Surgido	<i>Surto</i>
Erigido	<i>Erecto</i>	Tingido	<i>Tinto</i>



I Etimologia

Etimologia é a parte da morphologia em que se estuda a origem ou a derivação das palavras.

As palavras de lingua portugueza se derivam, em sua maior parte, da lingua latina considerada a *lingua-mãe*.

A evolução do Latim, dando nascimento ás linguas *romanicas* ou *novo-latinas*, tornou patentes certas leis determinantes da transformação dos sons.

Estas leis pôdem ser resumidas nas nove seguintes:

1.^a PERSISTENCIA DO ACENTO TONICO: *amare*, amar; *hominem*, homem.

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da lingua portugueza.

É uma lei que se observa em todas as linguas romanicas.

Ha algumas excepções produzidas:

a) por analogia: amávamos modelado em amáva, derivado de *amabámos*.

b) a conjugação latina em *ere* breve originou verbos em *ere* longo: *cúrrere*, correr.

2.^a QUEDA DA VOZ NÃO ACENTUADA, quer no principio: *episcopus*, bispo; quer no meio: *malitatem*, maldade; quer no fim: *misturare*, misturar.

3.^a CONVERSÃO DAS VOZES ACENTUADAS OU NÃO.

Segundo diz Meyer Lübke, as modificações das vogaes são devidas em primeiro lugar ao acento. As tónicas, por causa do esforço maior com que são articuladas, alongam-se, redobram-se, ditongam-se; as átonas são sujeitas a enfraquecer-se em sons incolores e a desaparecer.

São as seguintes as mais importantes conversões vocaes:

a em e: *alacrem*, alegre.

a » i: *Agnēs*, Ignez.

a » o: *fanem*, fome.

a » ei: *basium*, beijo.

a » ou: *saltum*, soute.

e » a: *reginam*, rainha.

e » i: *mecum*, migo.

e » o: *per*, por.

e » ei: *cremare*, queimar.

i » a: *bilancem*, balança.

i » é: *trifolium*, trevo.

o » a: *dominam*, dama.

o » e: *obscurum*, escuro.

o » u: *totum*, tudo.

u » e: *umbelicum*, embigo.

u » o: *urticam*, ortiga.

u » oi, ou: *lavaturum*, lavaçouro, *venturus*, vindouro.

y » a: *symphonium*, sanfone.

y » e: *gypsum*, gesso.

y » o: *byrsum*, bolsa.

y » u: *cryptam*, gruta.

æ » e: *aram*, era.

au » o: *pauper* pobre; pôde se conservar: *caudam*, cauda; se muda tambem para *ou* e *oi*: *aurum*, ouro e oiro; e se muda para *a*: *augustus*, agosto.

œ em e: *caelum*, céu.

4.^a QUEDA OU PERDA DA CONSOANTE ENTRE VOGAES: *comedere*, comer; *malum*, máu; e perda ou transformação da consoante final: *ad*, a; *sic*, sim.

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a cair mais facilmente.

Desde que uma consoante, pela sua posição ou formação, é pouco percebida, não servindo de caracter distintivo ao grupo phonico, é facil desaparecer.

5.^a PERSISTENCIA DA CONSOANTE INICIAL QUE, ÁS VEZES, SE TRANSFORMA: *casa*, casa; *catus*, gato.

E' no principio das palavras que as consoantes apresentam maior força de resistencia.

No segundo exemplo apontado dá-se o que se chama:

6.^a ABRANDAMENTO, isto é, TROCA DE LETRAS QUE TÊM O MESMO ORGAM SONORO.

Os principaes casos de abrandamento na passagem dos sons do Latim para o Portuguez são:

b em *m*: *morbo*, mormo; *cannabis*, cânhamo.

b » *v*: *debere*, dever.

c » *g*: *caveolam*, gaiola.

c » *ch*: *murcidum*, murcho.

c » *z*: *crucem*, cruz.

d » *g*: *delphinum*, golphinho.

d » *l*: *judicare*, julgar.

d » *r*: *cicadulam*, cigarra.

f » *h*: *fetibundus*, hediondo.

f » *v*: *aurificem*, ourives.

g » *z*: *spargere*, esparzir.

l » *r*: *lilium*, lirio.

l entre vogal e consoante se vocaliza: *falcem*, foice.

m em *n* antes de *t*: *comitem*, conde.

n » *l*: *animam*, alma.

n » *m*: *finem*, fim.

n » *r*: *sanare*, sarar.

p » *b*: *lupum*, lobo.

p » *m*: *calupniam*, calumnia.

q » *g*: *aquam*, agua.

q » *l*: *papyrus*, papel.

t » *d*: *rotam*, roda.

t » *c*, *z*: *gratiam*, graça; *avaritiam*, avareza.

v » *b*: *vultur*, abutre.

v » *f*: *palaveredus*, palafrem.

v » *g*: *vastare*, gastar, pela influencia do *w* germanico, pronunciado *gu*: *werra*, guerra.

x em *s* ou *x*: *sex*, seis; *axe*, eixo. Houve tambem a produção de um *i*. Como *x* tem dois elementos *c*, *s*, em alguns casos *c* não se vocaliza, mas assimila-se ao *s*: *dixi*, disse.

z em *g*: *zinziber*, gengibre (atração).

7.^a REFORÇO, que é uma excepção, um phenomeno opposto ao abrandamento e um facto muito raro: *passionem*, paixão; *scalam*, escada.

8.^a DISSIMILAÇÃO, isto é, reacção ou repulsão que

um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido: o suffixo *al* se junta ao radical que contenha *r*, e o suffixo *ar* ao radical que contenha *l*: *austral*, *rural* ao lado de *popular*, *secular*.

Esta lei tambem existe em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen que dizem que ha um principio pelo qual essa lingua se esforça por não repetir o mesmo som na palavra.

Assim, havendo dois suffixos quasi identicos *ali* e *ari*, formam-se em Latim: *austr-alis*, *rur-alis*, *reg-alis*, *mor-alis*, *mort-alis*, ao lado de *vulg-aris*, *popul-aris*, *epul-aris*, isto é, o suffixo *ari* não se junta em regra a um thema ou raiz que contenha já outro *r*, nem o suffixo *ali* a um thema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott é da mesma opinião e diz: Si o corpo da palavra encerra um *l*, os romanos preferem a desinencia *aris*: *seculares*, *regularis*, com as duas unicas excepções: 1.^a que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l*: *pluralis*, *lateralis*; 2.^a quando o *l* fazia parte de uma consoante composta, como em *fluvialis*, *glacialis*.

9.^a CONVERSÃO dos grupos *cl*, *fl*, *pl*, *tl* em *ch*: *clave*, chave; *flamma*, chamma; *plorare*, chorar; *tolutare* (*t'lutare*) choutar.

CONVERSÃO de *ct* em *ch* ou *ut* ou *it*: *cactum*, cacho; *actum*, auto; *lectum*, leito; *octum*, oito, outo (arcaico).

CONVERSÃO de *bl*, *cl*, *gl*, *pl*, *sl*, *tl* em *lh*: *tribulare*, *tribl'are*, trilhar; *articulum*, *artic'lum*, artelho; *tegulam*, *teg'lam*, telha; *scopulum*, *scop'lum*, escolho; *insulam*, *ins'lam*, ilha (unico exemplo, diz Julio Ribeiro); *vetulum*, *vet'lum*, velho.

CONVERSÃO de *gn* em *nh*: *lignum*, lenho.

Observe-se que em:

Mr, *m'l* intercala-se um *b*: *umero*, *um'ro*, ombro; *cumulo*, *cum'lo*, combro.

Bl, *gl* perdem, ás vezes, a inicial: *blastimare*, lastimar; *glande*, lande.

Pt, assimila-se: *nepta*, (netta), neta.

Ps, *rs* assimilam-se em *ss*: *ipse*, esse; *persona*, pess a.

São estas as leis mais importantes, reconhecidas por todas as grammaticas, para a transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las; entretanto, ha dois grandes principios, que juntos á influencia do meio, pôdem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é a lei do menor esforço que Sweet e Palsy chamam *principio de economia*.

O segundo é o *principio de enfase*, largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiram-se d'ahi duas leis:

1.º A linguagem tende constantemente a desembaraçar-se do que é superfluo.

2.º A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessario.

E' da primeira que derivam a fraca acentuação das sillabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dois sons consecutivos, a abreviação das sillabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma lingua.

O inglez, de todas as linguas indo-européas, é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, não é uma prova de fraqueza, é uma prova de bom senso.

E' a lei de economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre, no emprego de suas forças. A riqueza não é mais que a força economizada.

O instinto do bello, o sentimento da harmonia e do ritmo, a necessidade da simplicidade, as necessidades superiores da clareza logica, o espirito, enfim, eis os grandes autores dessas permutas que têm por fim os fins intellectuaes da palavra: supprimir ou diminuir a pouco e pouco nas articulações tudo o que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que incommodam aos ouvidos, que fazem abrir desagradavelmente a boca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que se aproximam dos berros, dos mugidos, dos sibilos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa, por isto, de ser verdadeira e é, por certo, uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse sosinho, tornar-se-iam as linguas, depois de um certo tempo, desconhecidas e, por consequencia, seriam improprias para servir de meio de communicacão.

E' justamente o que se observa no emprego dos arcaísmos e neologismos, cuja luta é um dos factos mais interessantes a estudar na vida literaria de uma lingua.

Sobre as consoantes duplas *lh* e *nh* notamos as observações de Pacheco Junior:

« A nossa consoante dupla *lh* só foi representada graphicamente no seculo 15.

Nos seculos 14. e 15. representavam-na (como no hespanhol e provençal,) por *ll* ou *l* ainda quando não se seguia o *i* palatai: *fillo, filo, muller, mellor*.

Em S. Paulo o povo pronuncia *moiado, teiado*; o francez diz *bataion (bataillon)*.

O *l* latino tem tres sons: lingual, dental e palatal; o ultimo soava quasi como a nossa molhada e em *batalha, filho, lhe* se percebe um som rapido do *i*. Esse *h* inorganico servia apenas para substituir o *i* palatal ou alongar a vogal.

O emprego do *nh* foi uma consequencia logica da adopção do *lh*. Julgamos que os romanos pronunciavam *gn* e *nh* com o som da nossa molhada, como os francezes e italianos e não diziam como nós *signo, magno* mas *sinho, manho*. Esse modo de escrever (*cognoscere*, conhecer, *ignôro*, popular *inhôro*; os antigos diziam *conhâto* de *cognâto*), o facto de ser essa nossa molhada representada antigamente por *gn*: *pegnorar, senhor*, e de serem as palavras em que os elementos *g, n* soam separados, todas de creação artificial, de origem erudita: *igneo, inexpugnabel, estagnado*, bastariam para verificar nossa hypothese, notando-se que isso efa commum ao celtico e ibero»

II

DERIVAÇÃO

As palavras se derivam umas das outras por meio de suffixos: *vigoroso*—*vigor* e suffixo *oso*.

As palavras pôdem formar-se de outras por meio de prefixos, ou por termos *juxta-postos*: *prevêr*—*vêr* e prefixo *pre*; *ponta-pé*.

Os prefixos e suffixos são de origem vernacula, latina e grega.

PREFIXOS

I

Vernaculos são os prefixos que se originam na propria lingua portugueza.

Os mais conhecidos são :

ante—precedencia —*antehontem*
contra—oposição—*contradizer*
com, co—união—*compôr, cooperar*
em—collocação—*embarcar*
entre—collocação em meio—*entrelaçar*
sem—exclusão—*semsabor*
sob—em baixo—*sobpôr*. Toma as formas *so*—*sopapo* ; *soto*—*sotopôr*, e *sota*—*sotapiloto*.
sobre—em cima—*sobrenome*

Latinos são os prefixos que se originam da lingua latina.

Os mais conhecidos são :

a, ab, abs, separação : *aversão, abnegação, abstenção, ausente (ab-sente)*
a, ad : lugar onde, direcção, tendencia : *abordagem, adjunto*. Toma por assimilação as fórmas :
ac : *acceder*
af : *affirmar*.
ag : *aggravar*.
al : *allumiar*
ap : *apparecer*
ar : *arrogar*
as : *assentar*
at : *attender*

bene : bem : *beneficio*
bis ou *bi* : duas vezes : *bisneto, bipede*
circum : ao redor : *circumferencia*
cis : aquem : *cisalpino, ceterior*
cum : companhia. Toma por assimilação as

formas :

co : *coirmão, coevo*
col : *collaborar, collegio*
cor : *corresponder*

de : principio, origem : *decorrer*
des : negação : *desventura*

dis : negação, separação : *discordancia, disjunção*
e, ex : fóra de : *emergir, enorme, extração*
extra : alem de : *extraordinario*
in : negação, lugar onde : *infiel, inscrever*. Toma por assimilação as fórmas :

il : *illegal*
im : *immortal*
ir : *irregular*
inter : no meio : *interpôr*
intro : para dentro : *intrometer*
juxta : junto : *juxtaposição*
male : mal : *maleficio*
ob : situação fronteira, opposição : *objecto, obstar*. Toma varias fórmas por assimilação,

como :

oc : *ocasião*
of : *offensa*
op : *oposição*
pene : quasi : *península*
per : atravez, por meio de : *perdurar, perverter*
post : depois de : *postumo, pospôr*
pre : antecedencia : *prevêr*
preter : alem : *preterição*
pro : antes, a favor : *proclamar, promoção*
re : repetição : *relêr*
retro : para trás : *retrogradar*
satis : bastante : *satisfazer*
semi : metade : *semicirculo*
sine : sem : *sincura, simples*
sub : inferioridade : *subchefe*

Por assimilação toma varias fórmas, como :

suc : *successo*
suf : *sufficiente*
sug : *suggestir*
sus : *susceptibilidade*
 ou perde o *b* : *sujeitar*
subter : inferioridade : *subterfugio*

super : superioridade : *superficie*, *superfino*
supra : em cima, além de : *supramencionado*, *supranumerario*

trans : além de, mudança : *transmittir*

Tem as fórmas :

tras : *trasladação*

tres : *tresvario*, *treslêr*.

tra : *tradução*, *tramontano*

tris : *tri* : tres vezes : *trisavô*, *triangulo*

ultra : além de : *ultramontano*, *ultramar*

un, *uni* : uma vez : *unanime*, *unicornio*

vice : substituição, em lugar de : *vice-rei*. Tem a forma *vis* : *visconde*.

Gregos são os prefixos que se originam da lingua grega.

Os mais conhecidos são :

a, *an* ; negação : *atheu*, *anonimo*.

O prefixo *a* usa-se antes de consoante ; *an* antes de vogal.

amphi : ambos : *amphibio*.

ana : reduplicação, elevação, para traz : *anabaptista*, *analize*, *anacronico*.

anti ; opposição : *antipatia*.

apo : longe : *apogeu*, *aphelio*.

archi : supremacia : *arcanjo*, *archiduque*.

cata : para baixo, ordem : *catastrophe*, *catalogo*.

dia : lugar intermedio : *diametro*.

dys : mal : *dispepsia*.

em, *en* : tendencia para dentro : *embrião*, *encephalo*.

ex : separação : *exodo*, *eclipse*.

epi : sobre : *epilogo*, *epitaphio*.

eu : bem : *euphonia*, *evangelho*.

hemi : metade : *hemispherio*.

hyper : excesso : *hiperbole*.

hypo : debaixo : *hipotese*.

meta : mudança : *metatese*.

mega : grande : *megaterio*.

micro : pequeno : *microscopio*.

neo : novo : *neologismo*.

pan : tudo : *panorama*.

para : ao lado : *paragrapho*.

peri : ao redor : *perimetro*, *perifrased*.

pro : anteposição : *protese*.

syn : juntamente : *sintaxe*, *simpathia*, *sillogismo*, *sistema*.

Pódem-se incluir nesta lista os nomes dos numeros gregos : *mono*, *dis*, *tri*, *tetra*, *penta*, *hex*, *hepta*, *octo*, *ennea*, *deca*. etc.

Além destes elementos ha o prefixo arabe al que deu origem a muitas palavras portuguezas : *albergue*, *açucar*, *azulejo* etc.

SUFFIXOS

II

Os suffixos da lingua portugueza são, em grande parte, originados do latim ou formados no proprio seio da lingua.

Temos, assim, suffixos que juntos a substantivos formam substantivos ; outros que juntos a adjectivos formam substantivos etc.

Substantivos derivados de substantivos.

aça, *aço* : quantidade, augmento : *fumaça*, *espinhaço*, *cansaço*.

ada : golpe, porção, tempo : *facada*, *rapazeada*, *alvorada*.

ade : irmandade.

ado, *ato* : profissão, dignidade : *professorado*, *ducado*, *baronato*.

agem : colleção, estado : *folhagem*, *aprendizagem*,

al : extensão, quantidade : *areal*, *laranjal*.

alha: extensão: *muralha*. Tem também sentido pejorativo: *gentaiha*.

ano: origem, seita: *bahiano*, *republicano*.

aria: colleção, *livraria*.

ario, *eiro*, *eira*: profissão, officio, lugar onde: *boticario*, *porteiro*, *costureira*, *gallinheiro*. Os dois ultimos suffixos fórman nomes de arvores frutiferas: *limoeiro*, *mangueira*.

astro: suffixo pejorativo: *poetastro*, *padrasto*.

cida: matador: *regicida*, *filhicida*, *insecticida*.

ela: acção, reunião: *corruptela*, *parentela*.

ense: indica a patria: *brasiliense*.

ia: emprego, lugar em que elle é exercido: *prelazia*, *recebedoria*.

ista: emprego: *oculista*. E' de grande uso e fórma também palavras significando seita: *abolicionista*.

voro: comedor: *herbivoro*, *insectivoro*.

Além destes, ha os suffixos que indicam augmento, como: *ão*, *az*, etc, e outros que indicam diminuição como: *inho*, *elha*, *ela*, etc.

Substantivos derivados de adjectivos:

ção, *ude*: qualidade, estado: *gratidão*, *juventude*.

encia: qualidade: *corpulencia*.

eza: nobreza, pobreza.

íça, *ícia*: justiça, malicia.

ice: tolice, velhice.

idade: fidelidade, salubridade, claridade. Ha grande numero de palavras formadas com este suffixo.

Concorre com os substantivos em *ão*: *solidade*, *solidão*; *variedade*, *variação*.

mento: estado, acção: *atrevimento*.

ura: brandura.

Substantivos derivados de verbos:

ão: rasgão, comparação.

ante: caminhante.

ança, *ença*, *ancia*. *encia*, formam nomes abstractos: *lembrança*, *crença*, *ignorancia*, *resistencia*.

douro: matadouro.

iz: chamariz. E' o unico exemplo, affirma Julio Ribeiro.

mento: acção, resultado: *fallecimento*, *testamento*. Concorre com os substantivos em *ção*: *fundamento*, *fundação*; *fragmento*, *fracção*.

Adjectivos derivados de substantivos:

al, *il*: imperial, febril.

ano: romano.

aneo: subterraneo, contemporaneo.

ario, *eiro*: imaginario, interesseiro.

atico: lunatico.

ente: paciente.

imo: maritimo.

oso—suffixo de grande emprego: *nervoso*, *rendoso*, *invejososo*.

udo: cabelludo.

Adjectivos derivados de adjectivos:

al: maternal, angelical.

el: cruel.

ento: pardacento.

ete: triguerete.

este: agreste.

onho: tristonho.

oso: verdoso.

Adjectivos derivados de verbos:

ando, *endo*: venerando, tremendo.

ado, *ido*: amado, temido.

ante, *ente*, *inte*: amante, agente, pedinte.

ivo: fugitivo.

izo: espantadizo.

undo: moribundo, vagabundo.

vel: amavel, movel. A fórma *avel* concorre

com *ante* e *oso* : *amavel, amante, amoroso*. A *fórma*
ivel com *ivo* : *sensível, sensitivo*. Tem a *fórma bre* :
nobre.

Derivação de verbos :

ar, er, ir : *ajoelhar, emmagrecer, cuspir*.
escer : *florescer*.
icar : *fabricar*.
inhar : *escrevinhar*.
itar : *dormitar*.
izar : *arborizar, fertilizar*.

A lista dos elementos gregos que formam termos portu-
gueses, pôde ser augmentada com os elementos—verdadeiras
palavras—que ora figuram de prefixos, ora de suffixos e mui-
tas vezes constituem todo o radical.

São principaes os seguintes :

Acro, extremidade, sumidade, *acrobata, acrostico*.
agogo, guia, *demagogo*.
algia, dôr, *odontalgia*.
antropos, homem, *antropophago, philanthropia*.
auto, por si mesmo, *autonomia, autobiographia*.
archo, governo, *monarchia*.
archaios, antigo, *arcaismo*.
arithmos, numero, *aritmética*.
baro, peso, *barometro*.
bibliu, livro, *biblioteca, biblia*.
bio, vida, *biographia, amphibio*.
caco, máu, *cacophonia*.
cele, tumor, *gastrocele hidrocele*.
cephalo, cabeça, *cephalalgia, microcephalo*.
christo, ungido, *christão, antichristo*.
chiro, mão, *chiographia*.
chrono, tempo, *cronica*.
chryso, ouro, *Chrisostomo, crisalida*.
cosmo, mundo, *cosmographia, microcosmo*.
cracia, poder, governo, *autocracia, democracia*.
cyno, cão, *cinocephalo*.
cripto, occulto, *criptogamico*.
demo, povo, *Democríto, epidemia*.
dromo, carreira, *hippodromo, dromedario*.
dynamis, força, *dinamite*.
electron, electricidade, *electrometro*.
eidos, fórma, *espheroide, caleidoscopio*.
entomo, insecto, *entomologia*.

ethnos, povo, *etnographia*.
gameo, casamento, *bigamia*.
gastro, estomago, *gastronomo, epigastro*.
genéo, especie, *homogenéo*.
genio, gerado, *hidrogenio*.
géo, terra, *geographia, apogeu*.
gono, angulo, *poligono*.
gramma, letra, *grammatica, monogramma*.
grapho, que escreve, *tipographo, graphico, graphophone*.
heli, sol, *heliographia, aphelio*.
hemero, dia, *ephemeride*.
hemo, sangue, *hemorragia*.
hetero, diverso, *heterogeneo*.
hierro, sagrado, *hierogliphio*.
hippos, cavallo, *hippodromo*.
hodos, caminho, *exodo*.
homeo, igual, *homeopatia*.
homo, igual, *homophono, homonimo*.
hydro, agua, *hidrobio, hidrographia*.
idios, proprio, *idioma, idiopatia*.
ichtyo, peixe, *ichtiologia*.
icono, imagem, *iconoclasta*.
iso, igual, *isosceles*.
latria, adoração, *idolatria*.
litho, pedra, *litographia, aerolito*.
logia, palavra, tratado, *analogia, mitologia*.
macro, grande, *macrocosmo*.
machia, combate, *taurumachia*.
mancia, advinhação, *cartomancia*.
mania, loucura, *monomania, maniaco*.
meso, meio, *mesocarpio, mesoclise*.
melo, canto, *melodrama*.
metron, medida, *metrologia, perimetro*.
micro, pequeno, *microcosmo*.
miso, que odeia, *misantropo*.
mimo, imitador, *pantomima*.
morpho, fórma, *morphologia, amorpho*.
mytho, fabula, *mitologia*.
nau, navio, *nauta, aeronauta*.
necro, morto, *necrologia, necroterio*.
neo, novo, *neologismo, neophito*.
neso, ilha, *Polínesia, nesographia*.
nevro, nervo, *neuralgia*.
nomia, lei, *astronomia*.
nosó, doença, *nosographia*.
onyma, nome, *anonimo, onomatopéa*.
odonto, dente, *odontologia*.

ophtalmo, olho, *ophtalmia*.
orama, vista, *diorama*, *cosmorama*.
ornitho, passaro, *ornitologia*.
ortho, direito, *ortographia*.
osteo, osso, *osteologia*.
oxy, acido, *oxigenio*.
paleo, *paleon*, antigo, *paleographia*, *paleontologia*.
pan, pantos, tudo, *panorama*, *panteismo*.
pathia, sentimento, *simpatia*, *patologia*.
phagia, comer, *antropophagia*.
philo, amigo, *bibliophilo*, *philologia*.
phobia, temor, *hidrophobia*.
phono, som, *phonographo*, *euphonia*.
photo, phos, luz, *photographia*, *phosphoro*.
podo, pé, *antipoda*, *polipo*.
polis, cidade, *metropole*, *Petropolis*.
potamo, rio, *potamographia*, *hippopotamo*.
phisio, natureza, *phisilogia*.
poly, muito, *polisillabo*.
proto, primeiro, *protomedico*.
pseudo, falso, *pseudonimo*.
psycho, alma, *psicologia*, *metempsicose*.
ptero, aza, *aptero*.
pyro, fogo, *pirotecnia*, *pirilampo*.
phren, cerebro, *phrenologia*.
sophia, sabedoria, *philosophia*.
stereo, solido, *stereometria*.
scopio, vista, *microscopio*.
tele, ao longe, *telephonio*.
theo, Deus, *teologia*, *ateu*.
techê, arte, *politecnica*, *tecnologia*.
thermo, calor, *termometro*.
tono, som, *monotono*, *tonico*.
tomia, córte, *anatomia*.
topo, logar, *topographia*.
typo, modelo, *tipographia*, *prototipo*.
zoo, animal, *zoologia*.

Além deste modo de formação ha a *juxtaposi-*
ção em que os elementos que a compõem, não estão
perfeitamente fundidos, aglutinados: *redactor-chefe*,
vai-vem.

As palavras juxtapostas compõem-se de:
substantivo e substantivo: *arco-iris*.
substantivo e adjectivo: *redea-falsa*.

adjectivo e substantivo: *gentil-homem*.
verbo e substantivo: *guarda-vestido*.
particula e adjectivo: *mal-dito*.
particula e substantivo: *entre-casco*.
verbo e verbo: *vai-vem*.
palavras diversas: *bem-te-vi*.

Assim, as palavras são *compôstas* quando fórma-
das por meio de prefixo e juxtaposição; são *deriva-*
das quando formadas por meio de suffixo.

A formação de palavras compôstas dá lugar ao
hibridismo.

Hibridismo é a formação de palavras com
elementos de linguas diversas.

Sociologia: latim e grego.

Monoculo: grego e latim.

Linguística: latim e grego.

Velodromo: latim e grego.

Cipóchumbo: tupi e latim

Alcoolmetro: arabe e grego.

O hibridismo é aceitavel quando um dos ele-
mentos componentes não existe na lingua ou quan-
do está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer algumas observações:

1.º Ha casos em que a juxtaposição é tam intensa que
só uma analyse rigorósa chega a conhecer a composição:

Naufragio, *navis-fragium*, quebramento da náu.

Marmota, *murem-montis*, rato montez.

Acabrunhar, *caput-pronare*, vergar a cabeça.

Kermesse, *kerk-misse* (holandez), igreja missa.

2.º A's vezes a junção do prefixo produz um som desa-
gradavel.

Para evita-lo supprime-se a letra final: *emigrar* de *ex-*
migrare; *intrinseco*, de *intra-secus*; ou então a consoante final
assimila-se á inicial da palavra seguinte: *acclamar*, *ad-clama-*
re, etc.

Estas modificações, na opinião de Darmsteter, já eram
usuaves no Latim e são communs ás linguas novo-latinas.

3.º Muitos compôstos latinos, pelo desaparecimento do
signal externo da composição, foram considerados palavras
simples: *colhêr*, de *co-ligere*.

As raízes dividem-se em *atributivas* que exprimem noção de relações e *demonstrativas* que designam os seres e suas modificações.

As raízes são sempre monosyllabicas e, na impossibilidade de chegar até á sua fórma mais simples, Max-Müller apresenta as seguintes modificações:

- 1.^a vogal: *i—ir.*
- 2.^a vogal + consoante: *ad—comer.*
- 3.^a consoante + vogal: *da—dar.*
- 4.^a consoante + vogal + consoante: *cad—cahir.*
- 5.^a vogal + grupo de consoantes: *arc—ajustar.*
- 6.^a grupo de duas consoantes + vogal: *plu—correr.*
- 7.^a grupo de duas cons. + vog. + con. *spec—vêr.*
- 8.^a cons. + vog. + grupo de duas cons: *vert—gírar.*
- 9.^a grupo de duas cons. + vog. + grupo de duas consoantes: *sparg—espalhar.*

III

Declinação

Na *Sciencia da Linguagem* diz Max Müller sobre casos: Na linguagem philosophica dos stoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *queda*, isto é, a relação de uma idéa com outra e o acto pelo qual uma palavra cái e se apoia sobre outra.

Longas e vivas discussões appareceram sobre a questão de se saber si o termo *ptosis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammaticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cái nem sobre cousa alguma se apoia, mas sim serve de ponto de apoio ás outras palavras da oração.

Ed. Chaignet explica a razão desta denominação de *caso recto* dizendo:

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque não percebemos senão movimentos e acções; a substancia immovel que os produz, se occulta e desaparece.

Porém como não existe ella só para isto, mas é também e fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, suppono-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

D'ahi a fórma que toma o sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina soffreram senão completo desaparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria lingua latina.

A diminuição e depois o desaparecimento nas linguas romanas da declinação tem causas phoneticas e syntaticas. Sem remontar além do Latim classico que nos offerece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m* final.

Na 1.^a declinação ficando confundidos o nominativo e o acusativo, resultou a vinda das preposições para reger o acusativo.

O desaparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema preposicional que também se encontra no Latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas novolatinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distincção do artigo *li* nominativo, de *le* acusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação se encontra em todas as linguas modernas.

Em Portuguez encontramos alguns vestigios da declinação latina.

Do **nominativo** temos principalmente os nomes proprios: *Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, Deus, Jesus*, etc; *calix, simples, demo, elle, ladro* (de que prevaleceu o feminino *ladra* em lugar de *ladrona*), *leopardo, serpe, vinagre*.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma addição posterior á declinação nominal. Tudo parece indicar que o acusativo é a forma primitiva do nome.

Do **genitivo** poucos vestigios se encontram em Portuguez e isto é facil de explicar porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos:—*aqueducto, jurisconsulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto*.

Do **dativo**, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Possuimos os pronomes:—*mim, ti, si, lhe; crucifixo, devoto, fideicomisso*.

Foi o **acusativo** um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o Portuguez conservou toda a força sintactica.

E' occasião de, sucintamente, tratarmos da questão de saber qual seja o caso d'onde etimologicamente derivou o maior numero das palavras portuguezas: do acusativo, ou do ablativo?

Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez não pôde vir de *servum* (ac.) e sim deve vir de *servo* (abl).

Este grande argumento cai por terra desde que attendâmos que o suffixo *m*, resto da forma ariana *ma*, se perdeu, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo particular, e era muitas vezes supprimido, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro*, *urbe*, por *virum*, *urbem*.

Diz Corssen: E' difficil de dizer quando as consoantes *s* e *m*, cujo som na boca do povo desde os tempos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de ressoar e desapareceram.

Desde o começo do seculo 4.^o a queda completa do *m* e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos, assim, no Latim barbaro: *illo* por *illum*, *Antonio* ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o acusativo o caso originario, basta observarmos as palavras imparisyllabas neutras:

tempo	— ac.	tempus.	abl.	tempore.
corpo	— »	corpus.	»	corpore.
peito	— »	pectus.	»	pectore.
lado	— »	latus.	»	latere.

D'onde se vê, a se originarem do ablativo estas palavras deviam ser em Portuguez: *tempre*, *corpore*, *latre*, etc., como succede com os nomes que não são neutros.

arvore	— ac.	arborem.	abl.	arbore.
lebre	— »	leporem.	»	lepore.

Ainda se encontram vestigios do acusativo nas pronomes:—*te*, *se*, *nos*, *vos*, nos termos *o*, *a*, (*illum* *illam* acusativos de *ille*, *illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se vestigios do acusativo:—*marmota*, *morcego*, *homem*.

O **vocativo**, por ser uma repetição do nominativo, sómente deu em Portuguez a palavra: *Ave-Maria*.

Em Portuguez para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O **ablativo**, segundo Bréal, tornou-se, pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um grande numero de relações, vindo, então, em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* nos faz crêr que é talvez a elle a quem se deve o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escritor algum anterior. O *ablativo* foi o caso que mais relações representava e, segundo diz J. F. de Castilho, em cada grupo de palavras nove descendem do ablativo.

Verificou tambem este escritor que em uma pagina de Cicero dois terços dos substantivos e adjectivos estavam no ablativo.

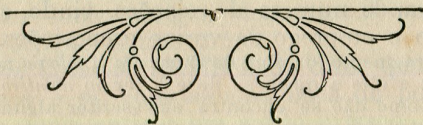
Em Portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestigios deste caso:—*Amanuense*, *agora*; as formas *migo*, *tigo*, *sigo*, que passaram aglutinadas com as preposições para o Portuguez, Italiano e Espanhol, e todos os adverbios em *mente* (ablativo de *mens*, *mentis*).

Na linguagem popular encontramos fórmulas com esta origem, taes como: *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido), *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da frase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal: Todos sabem que um dos principaes caracteres que distinguem as linguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntarmos d'onde vem essa mudança, a observação externa nos revela duas cousas: a pronunciação e o acento tónico.

Corssen demonstrou que para o fim do imperio romano *o, u* acabaram de confundir-se; que da mesma maneira os sons *e, i* se tinham aproximado tanto que se tornou difficil distingui-los.

Não precisa maior prova para se demonstrar o desaparecimento da declinação em Portuguez.



IV

Etimologia do substantivo

Difficil é determinar com precisão a origem dos substantivos.

Emquanto se póde dizer que os determinativos são de origem latina, que os adverbios também o são; póde-se dizer, entretanto, que todas as linguas estrangeiras deram substantivos á lingua portugueza.

Os substantivos proprios se derivam do Latim, como também do Hebraico, Grego e Germanico.

Do Latim: *Mario, Deodato, Cicero.*

Do Hebraico: *David, Moysés.*

Do Grego: *Theocrito, Philippe, Diogenes.*

Do Germanico: *Carlos, Eduardo, Isabel.*

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circumstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que: *Aristides* era o melhor; *Job* que geme; *Archimedes*, eminente machinista ou pensador; *Carlos*, forte, habil; *Leopoldo*, ornado, valente; *Julio* que tem o primeiro pelo; *Abrahão* pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra muito vivo nas tribus indigenas do Brasil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

E' opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos, isto é, antigos adjectivos.

Em certos nomes proprios encontram-se ás vezes os elementos gothico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para se explicar a formação dos substantivos *patronimicos*, isto é, dos substantivos proprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz : Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A forma *ez* peculiar dos patronimicos: *Alvarez*, filho de *Alvaro*, *Fernandez*, filho de *Fernando*, *Mendez*, filho de *Mendo*, que subsiste no euskariano *ez*, *iz*, apparece no cantabrico e asturiano na forma *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronome iberico.

João Ribeiro apresenta a opinião do padre Larramendi que no *El imposible vencido* julga que o suffixo dos patronimicos é originado pela posposição do artigo vascuense ou biscaíno *ez*: *Perez* de *Pero*, *Garcez* de *Garcia*.

Frederico Diez julga ser originado do genitivo gothico em *is*: *Rodrigues*, *Roderiquiz*: Gothico *Hrothareikis*; *Fernandes*, *Ferdinandiz*: Gothico *Ferthananthis*.

Knapps diz : A noção do patronimico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se assim do latim: *Paes* de *Pelagiis*. Sendo a flexão do plural vemos o italiano em *i*: *Galileo*, *Galilei*.

Os appellativos são, em geral, derivados do Latim em que o acento tonico denota o caso de origem; os nomes scientificos veem do grego, e os de tecnologia artistica, em sua maior parte, do italiano, principalmente os que se referem á musica e á pintura, ou são tomados das linguas modernas.

(Este estudo será melhor desenvolvido na parte relativa á formação do lexico portuguez).

Como já vimos no Capitulo relativo á *Declinação latina*, varios são os casos latinos sobre que se formaram os substantivos portuguezes, sendo que o caso mais commum foi o *acusativo*.

A's vezes os dois casos — *nominativo* e *acusativo* — dão origem á mesma palavra, cuja derivação é indicada pelo acento tonico.

<i>erro</i>	nominativo	latim	<i>erro</i>
<i>error</i>	acusativo	»	<i>errorem</i>
<i>ladro</i>	nom.	»	<i>latro</i>
<i>ladrão</i>	ac.	»	<i>latronem</i>
<i>leo</i>	nom.	»	<i>leo</i>
<i>leão</i>	ac.	»	<i>leonem</i>
<i>saibo</i>	nom.	»	<i>sapor</i>
<i>sabor</i>	ac.	»	<i>saporem</i>
<i>tredo</i>	nom.	»	<i>tradito</i>
<i>traidor</i>	ac.	»	<i>traditorem</i>
<i>virgo</i>	nom.	»	<i>virgo</i>
<i>virgem</i>	ac.	»	<i>virginem</i>

O mesmo se encontra em Francez: *Pâtre*, *pasteur*: *sire*, *seigneur*; *chanfre*, *chanteur*.

E' o que constitui as fórmas divergentes.



V

Adjectivos

Os adjectivos são considerados, por alguns philologos, como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que *o sol* é *o brilhante*, *o rapido*.

Parece, á primeira vista, que o que mais devia ferir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os attributos.

Sayce nos *Principes de Philologie Comparée*, com melhores razões, é de opinião que o vocabulo primitivo tinha o sentido de uma frase, e diz que a linguagem pertence á sociedade e não ao homem, devia, pois, começar com a frase e não com a palavra.

Segundo Rousseau, as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas linguas já constituídas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram, a principio, a cada palavra o sentido de uma proposição inteira.

Esta opinião, na actualidade defendida pelo celebre philologo Schleicher, se tornou de aceitação geral.

I

ARTIGO

Artigo, segundo affirma Max-Müller, é a tradução literal do nome grego *arthron*, no latim *artus*, que significa a articulação, ou junta dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados como articulações ou artigos do discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distinção entre os pronomes pessoais e os simples artigos, a que se deu então, o nome de *arthra*.

A existencia do artigo data do seculo 6.º e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta função.

Affirma Diez que exemplos aos centos desse emprego fôram apresentados pelo sabio Raynouard e muitos outros.

Sobre a origem do artigo em Portuguez divergem as opiniões dos linguistas.

Uns são de opinião que o artigo se origina do grego.

Esta theoria não tem base alguma scientifica.

Bem se sabe que o Grego popular nada innovou no Latim, apenas criou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da lingua.

O uso do artigo data do seculo 6.º, e é de verdadeiro emprego popular.

Além disto devemos considerar que, si apezar da grande influencia que os Gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nessa lingua, o Latim não possui artigo, como poderia aquelle povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica, em Portugal, onde a sua influencia foi sómente sobre os usos e costumes?

Além disso o plural do artigo no Grego é muito differente do nosso,

A segunda opinião, sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo *hoc*, *hac*, e no plural o accusativo *hos*, *has*.

Diz este ultimo grammatico: « O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.º seculo da era christã, entendia que o pronome *hic*, *hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Biblioteca Pública Municipal
Ver. Romulo C. D'Arace
Pindamonhangaba

Egger affirma que nas escolas do imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hie*, *hæc*, *hoc* para designar os generos dos nomes. »

O que parece robustecer a opinião de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga fôrma de escrever: *ho*, *ha*.

Devemos notar, porém, em 1.º lugar que o *h* latino já tinha desaparecido da lingua do povo nos fins da Republica Romana não ficando vestigios delle nas linguas derivadas do Latim.

Ainda mais: o *c* de *hoc*, *hac* é uma letra que em caso algum se elimina completamente; pôde abrandar-se: *caveolam*, — gaiola; *amicum*, — amigo; outras vezes e principalmente nos monosyllabos nazala-se: *nec*, — nem; — *sic*, — sim; *pectinem*, pente.

Para explicar a letra *h* da fôrma arcaica *ho*, *ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escritas com *h* no seculo 15. :— *hinsidias*, *husofructo*. *he*, *um*, —actualmente — *insidias*, *usofructo*, *é*, *um*.

A terceira opinião, a nosso vêr a verdadeira, diz que o artigo se origina do accusativo *illum*, *illam* (singular), *illos*, *illas*, (plural).

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do accusativo de *ille*, *illa*, *illud*.

O Espanhol tem *el*, *la*, *los*, *las*; o Francez *el*, *il*, *la*, *li*; *le*, *la*, *les*; o Valachio *le*, *a*, *i*; o Provençal *lo*, *la*, *il*, *li*, *las*; o Italiano *el*, *la*, *lo*, *le*, *gli*; por que razão só o Portuguez, que tem as fôrmas antigas *el*, *lo*, *ho* e as modernas *o*, *a*, *os*, *as*, havia de se afastar desta regra, sem um motivo plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro que diz que se não pôde negar ter havido no Portuguez e no Gallego luta pela existencia entre as fôrmas, *lo*, *la*, *los*, *las*, e as fôrmas *o*, *a*, *os*, *as*, encontrando-se exemplos classicos dumas e doutras.

POSSESSIVOS

II

Os *adjectivos possessivos* vieram do Latim, sendo que as fôrmas do plural são da propria lingua portugueza.

Fôrmas masculinas:

Meu — <i>meum</i>	Nosso — <i>nostrum</i>
Teu — <i>tuum</i>	Vosso — <i>vostrum</i>
Seu — <i>suum</i>	Seu — <i>suum</i>

As fôrmas *teu* e *seu* parece que se formaram por analogia da fôrma *meu*.

Fôrmas femininas:

Minha — <i>meam</i>	Nossa — <i>nostram</i>
Tua — <i>tuam</i>	Vossa — <i>vostram</i>
Sua — <i>suam</i>	Sua <i>suam</i>

Devemos notar o feminino *minha* ao lado de *tua* e *sua*.

A fôrma primitiva, porém, era *mia* até ao seculo 12; pelo prolongamento da nasal *m*, ficou *minha*. Facto identico se verifica em *mui* pronunciado *muin*, em *muito* (*muinto*) e em *mancha* (lat. *macula*.)

Encontra-se a fôrma *mia* no Cancioneiro Inedito: *Mia morte*; *com mia mulher* (Diez).

DEMONSTRATIVOS

III

São originados do Latim:

<i>Este</i> , <i>esta</i> ,	lat. <i>iste</i> , <i>ista</i>
<i>Essè</i> , <i>essa</i>	« <i>ipse</i> , <i>ipsa</i>

Aquelle, aquella « *ecce ille, (ecc'ille), ecce illa, (ecc'illa)*

O mesmo se dá com as fórmas compósta :

Est'outro, est'outra lat. *ist'alterum, a*
Ess'outro, ess'outra « *ips'alterum, a*
Aquell'outro, quell'outra « *ecc'illum alterum, a*

Os demonstrativos apresentam vestígios do género neutro nas fórmas :

isto, (istud) ; isso (ipsud) ; aquillo (ecc'illud.)

RELATIVOS

IV

Os relativos têm suas etimologias no Latim :

<i>Que</i>	lat.	<i>qui</i>
<i>Qual</i>	«	<i>qualis</i>
<i>Quem</i>	«	<i>quem</i>
<i>Cujo</i>	»	<i>cujus</i>

Assim, pois, da declinação latina do pronome *qui* o Portuguez herdou o nominativo *que*, o accusativo *quem*, e o genitivo *cujo*.

NUMERAES

V

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela phonetica :

um, <i>unus</i>	seis, <i>sex</i>
dois, <i>duos</i>	sete, <i>septem</i>

tres, *tres*
 quatro, *quatuor*
 cinco, *quinque*

oito, *octus*
 nove, *novem*
 dez, *decem*

« De 11 a 15, dizem Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*.

De 16 a 19, abandonando as fórmas syntheticas, seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia *por ser mais claro*, segundo refere Prisciano, e em toda a numeração d'elle não mais se apartou ».

onze, <i>undecim</i>	dezeseis, <i>sex decim</i>
doze, <i>duodecim</i>	dezeseite, <i>septem decim</i>
treze, <i>tredecim</i>	dezoito, <i>octo decim</i>
quatorze, <i>quatuordecim</i>	dezenove, <i>novem decim</i>
quinze, <i>quindecim</i>	

De 20 a 90 há sómente o atrophiamiento do numeral latino :

vinte, <i>viginti</i>	sessenta, <i>sexaginta</i>
trinta, <i>triginta</i>	setenta, <i>septuaginta</i>
quarenta, <i>quadraginta</i>	oitenta, <i>octoginta</i>
cincoenta, <i>quingenta</i>	noventa, <i>nonaginta</i>

Cem vem de *centum*.

De 200 a 900 dá-se a transformação *genti* em *centos*.

duzentos—*ducenti*
 trezentos—*tricenti* etc.

Os outros numeraes como *mil* e seus multiplos correspondem ás fórmas latinas, sendo que *milhão*, *bilhão* e seus compósta são de criação portugueza.

Os ordinaes vêm directamente do Latim :

Primo ou primeiro ou primario—*primus, primarius*.

Segundo—*secundus*

Tercio ou terceiro ou terciario—*tercius, tertius*.

Quarto—*quartus* etc.

INDEFINIDOS

VI

Algun—*aliqu'uno*. A fôrma *alguem* origina-se de *aliquem*.

Ambos—*ambo*.

Cada—*quisque*, ou melhor da preposição grega *kata*. O composto *cada um* tem no Latim a fôrma *quisque ad unum*.

Certo—*certus*. No Latim classico a fôrma é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brasil.

Demais—E' de formação portugueza.

Diverso—*diversus*

Mesmo—*metipsissimus*, contraído em *metipsimus*, *metips'mus*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*.

Mais—*magis*

Menos—*minus*

Muito—*multus*

Nada—*res nata*

Nenhum—*nec'unum*; é propriamente de formação portugueza. A fôrma *ninguém* vem de *nequem* ou *nec-hem*—*nem* homem.

Outro—*alter*. A fôrma *outrem* é para muitos originada de *outro hem*—*outro* homem

Pouco—*paucus*

Qual—*qualis*. E' empregado na fôrma *qualquer*, de origem vernacula, com a fôrma arcaica *qualquier*.

Quanto—*quantus*

Que—*qui*

Quem—*quem*

Só—*solus*

Tal—*talis*

Tanto—*tantus*

Todo—*totus*. Tem a fôrma neutra: tudo—*totum*

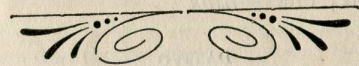
Um—*unus*

Vario—*varius*

O indefinido *fulano* origina-se do arabe *folano*.

Pensa Julio Ribeiro ser incerta a sua origem.

A atração da rima talvez criasse os termos *beltrano*, *sicrano*, si é que *beltrano* não é o substantivo proprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam para fim identico os substantivos proprios *Sancho* e *Martinho*.



VI

Pronomes pessoas

Os *pronomes pessoas* apresentam vestígios da declinação latina :

NOMINATIVO

ego—*ego* ; nós— *nos*
tu—*tu* ; vós—*vos*
elle—*ille* ; elles—*illi*
ella—*illa* ; ellas—*illas*

DATIVO

mim, *mi*—*mihi* ; nos—*nobis*
ti—*tibi* ; vos—*vobis*
lhe—*illi* ; lhes, *illis*

ACUSATIVO

me—*me* ; nos— *nos*
te—*te* ; vos—*vos*
o, a— *illum, illam* ; os, as—*illos, illas*

ABLATIVO

migo—*mecum* ; nosco—*nobiscum*
tigo—*tecum* ; vosco—*vobiscum*

FÓRMA REFLEXA 3.^a PESSÔA

Dativo : si—*sibi*

Acusativo : se—*se*

Ablativo : sigo—*secum*

Observações

Eu, teve no seculo 12 as fórmãs *ei* depois *geu*, latente em *nan geu* (popular), *nem cu*.

Tu, *te*, *me*, *se*, *nós*, *nos*, *vós*, *vos*, vieram sem alteração e directamente do Latim.

Elle, *ella*, *elles*, *ellas*, têm as formas arcaicas *el*, *ello*, *ille*.

Mim, é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento commum da nasal, como *muito* pronunciado *muinto*.

Em Portuguez ha varias paiaavras duplas, nasaladas ou não : *assi*, *assim*; *si*, *sim*.

Lhe, *lhes*, têm as formas primitivas *lhi*, *lhis*, e as intermediarias *li*, *illi*, *lhi*, plural *les*, *lhis*.

O, *a*, *os*, *as*, substituem desde o seculo 16 o pronome *elle* e suas variações; têm as formas antigas *lo*, *la*, *los*, *las* : *amá-lo*, *quere-las*.

Ti e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela quéda do *b* e contração do *i*.

Migo, *tigo*, *sigo*, usados em Portuguez sempre com a preposição *com*, vêm das formas latinas compóstas *mecum*, *tecum*, *secum*, em que os pronomes *me*, *te*, *se*, já trazem a preposição *cum*.

Dá-se em Portuguez uma repetição *commigo*—*cummecum*.

O mesmo se observa a respeito de *nosco* e *vosco* derivados, por meio de contração, de *nobiscum* e *vobiscum*.

Etimologia verbal: Pessoas, Modos. Themas simples

I

E' um facto aceito por grande numero de philologos que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um thema adjectivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principal a *Grammatica Comparada das linguas indo-europeas* de Bopp, o sabio guia do illustrado glotologo Sr. Adolpho Coelho, é um manancial inesgotavel, manancial de que este escritor aproveitou as principaes idéas sobre a theoria da conjugação latina.

Ha em Portuguez quatro conjugações:

A 1.^a em *ar* que corresponde á latina em *are*.

A 2.^a em *er* que corresponde ás latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve).

A 3.^a em *ir* que corresponde a *ire*.

A 4.^a em *or* que forma uma conjugação á parte: pertencia até ao seculo 15 á 2.^a e corresponde á latina em *ere* (breve).

O estudo comparativo das conjugações latina e portugueza é muito complexo e difficiloso.

Em nossa lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assunto, que é o do distincto glotologo portuguez A. Coelho, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

Será este livro o nosso farol na presente exposição.

Analizando primeiramente a formação dos verbos, diz que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-europeas compõe-se o verbo da raiz, que

é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: thema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.^a pessoa do singular, *sci* o presente, (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os themas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am*, suffixo *a*; e compostos, como *ama-vi*, thema *ama* e o thema de preterito *vi-fui*.

Desinencias pessoais:

A desinencia da primeira pessoa do singular é *m*, do thema pronominal indo-europeu *ma* que conserva as seguintes fórmulas:

1.^a do imperfeito da raiz italica *fu*, no latim *bam* por *fuam*: *amabam*.

2.^a do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.^a do optativo e do subjuntivo: *siem*, *dicam*.

4.^a do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom notar-se que nas demais fórmulas da primeira pessoa do presente assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escrita: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom* etc.

O mesmo se observa no acusativo latino.

E' o phenomeno que se dá em Portuguez: *amava*, *era*, *dizia*, *diga*.

A forma *inquam* não tem correspondente em nossa lingua e a forma *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do latim vulgar *so* pronunciado como *do*, *sto*, portuguez: *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amavimus*.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus*—*amamos*.

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular apresenta tres fórmulas:

1.^o *tí* do thema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te* etc.: no perfeito *dedisti*.

2.^o *s* indo-germanico, forma secundaria de *s* de *si*.

Este *si* é forma assibilada de *ti*, diz Schleicher.

Conserva-se em Latim: *amas*, *amabas*, excepto no perfeito: *amavisti dedisti*.

O mesmo se dá no Portuguez, mudando-se somente o *tí* em *te*: *amaste*, *dêste*.

3.^o *to*, desinencia enfatica do imperativo, da forma do antigo latim *tod*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal: *ama, dá*.

A desinencia da segunda pessoa do plural em Latim é *tis*, indo-germanico *tasi*, que aparece em todos os tempos: *fertis, datis, dedistis* etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e*: *ferte, date*.

Ocorre em Latim uma forma enfática *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no preterito por causa do *s* que o precede *amastes—amavistis*.

Fóra deste tempo abranda-se em *d*: *amatis*, antigo Portuguez—*amades*—ficando finalmente sincopado o *d* por estar entre vogaes, como em *fidelis*, portuguez—*fiel*.

Em alguns verbos o *d* conserva-se, afirma Diez, porque se apoia sobre o *n*: *Pondes, tendes*; ou sobre o *r*: *Cantardes, amardes*.

Possui também a forma arcaica *sondes—sois*, usada no Archipelago Açoriano: *Sondes menina e moça vos tornareis a casar*.—*Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria*.—(Canto popular, recolhido por Theophilo Braga.)

Até o século 15 as formas verbaes conservam o *d*, d'ahi em diante encontram-se as duas formas e na Grammatica de João de Barros (1540) aquella letra desaparece.

A desinencia da terceira pessoa do singular é em Latim *t*, forma secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que só aparece em composição: *is-te, is-ta, is-tu-d*.

No imperativo *to* vem *tod*, no osco *tud*, no grego *to*.

Do 4.º século da era christã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e ás vezes supprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros Cancioneiros Portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etimologico e que só era empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém —*e*—

A desinencia, portanto, da 3.ª pessoa do singular do Latim não deixou vestígios em Portuguez.

A desinencia da terceira pessoa do plural em Latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *tremēti*, e é igual no indo-germanico *nti* empregada depois do thema vogal e *anti* usada depois do thema consonantal.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a forma do presente da raiz *es*: *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*, indo-germanico *ntat*.

A desinencia da terceira pessoa, depois de reduzida a forma do Latim *nt*, passou por ultteriores modificações.

Em Portuguez o *t* aparece apocópado, o *n* tornado final fica reduzido a uma consonancia nazal ou, melhor, funde-se com a vogal que o precede em uma vogal nazalada, representada por *til, m* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ão* ou *am* facilmente explicada, ou, então, é *em* que ora provém do *e* ora do *u* latino.

Desinencias pessoas

SING.	LATIM	PORTUGUEZ
1.ª pessoa	<i>m</i>	(desapareceu)
2.ª pessoa	<i>s</i>	<i>s</i>
	<i>ti</i> (perfeito)	<i>te</i>
	<i>to</i> (imperativo)	(não tem)
3.ª pessoa	<i>t</i>	(desapareceu)
	<i>to</i> (imperativo)	(não tem)
PLURAL		
1.ª pessoa	<i>mus</i>	<i>mos</i>
2.ª pessoa	<i>tis</i>	<i>des</i> (ant); <i>es, is</i>
	<i>te</i> (imperativo)	<i>de</i> (ant); <i>e, i</i>
	<i>iote</i> (imperativo)	(não tem)
	<i>e</i>	(não tem)
3.ª pessoa	<i>unt</i> { <i>un, um</i>	<i>um, om, am</i> , (ant.)
		<i>am, ão</i> :
	<i>nt</i> , <i>n</i> (lat. vulgar)	<i>em, ão</i> .

Sobre o titulo de suffixos *modaes* vamos comparar, ajudado pelo philologo A. Coelho, as alterações que a lingua latina e a portugueza soffreram nos modos de seus verbos.

O *indicativo* não tem suffixo modal. Forma-se pela união do thema verbal ás desinencias pessoas.

O *imperativo* só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoas adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas indo-européas o optativo e o conjuntivo que no Latim se fundiram no subjuntivo.

O lugar dos suffixos modaes é entre o thema verbal e a desinencia pessoal.

A forma primitiva do suffixo do optativo era *ja*, e nas linguas indo-européas *já*.

No subjuntivo latino descobrem-se algumas fórmulas primitivamente do presente optativo.

Estas fórmulas passaram pelas seguintes modificações:

$$\begin{matrix} ja-ie \\ ja-i\acute{e} \end{matrix} \left\{ \begin{matrix} i-i \\ i-i \end{matrix} \right.$$

As duas fórmulas primitivas só foram conservadas no ramo asiático das línguas indo-europeas; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

<i>siem</i>	<i>sim</i>
<i>sies</i>	<i>sīs</i>
<i>siet</i>	<i>sīt</i>
<i>siemus</i> (fórmula hipotética)	<i>simus</i>
<i>sietis</i> (" ")	<i>sītis</i>
<i>sient</i>	<i>sint</i>

Com as raízes *vel*, *ed*, *du* (*da*): *velim* por *veliem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *daies*.

Em Português, como em Latim, a final do thema optativo da primeira conjugação, em *ā* (única que conservou a forma optativa) é constantemente *e*:

Lat. <i>amem</i>	Port. <i>ame</i>
<i>ames</i>	<i>ames</i>
<i>amet</i>	<i>ame</i>
<i>amemus</i> etc.	<i>amemos</i> etc.

As fórmulas do subjuntivo em Latim são as dos themas em *a* (3.ª conjugação) e dos verbos em *e* (2.ª conjugação) e *i* (4.ª conjugação).

Dicam, *dicas dicāt*, e posteriormente *dicat*, etc.

Nas formas subjuntivas dos verbos em *e* e *i*, o suffixo *aja* que forma o thema verbal dessas conjugações e o suffixo *a* do subjuntivo passaram pelas seguintes modificações:

$$aja+a = a\acute{a} \left\{ \begin{matrix} e\acute{a}-e\acute{a} \\ i\acute{a}-i\acute{a} \end{matrix} \right.$$

por ex: *moneámus* — *vestiámus*.

O subjuntivo presente dos verbos primários, em *a*, foi

conservado, e o dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Português pelos em *e* e *i*.

VERBO PRIMITIVO

Lat. <i>Dicam</i>	Port. <i>Diga</i>
<i>Dicas</i> etc.	<i>Digas</i>

VERBO DERIVADO EM E

Lat. <i>Debeam</i>	Port. <i>Deva</i>
<i>Debeas</i> etc.	<i>Devas</i>

VERBO DERIVADO EM I

Lat. <i>Vestiam</i>	Port. <i>Vista</i>
<i>Vestias</i>	<i>Vistas</i>

II

Themas temporales.

Sobre os themas do presente distinguimos:

1.º Themas constituídos pela raiz sem suffixos.

Nesta classe a raiz apresenta-se ou na sua forma simples ou reforçada.

Raízes com vogal não reforçada, simples.

O Latim offerece poucos casos:

a) presente da raiz latina *es* (ser) como: *sum* por *esum* de *es-m* (*u* vogal euphônica ou ligativa); *sumus* por *esumus* de *esmus*.

b) algumas fórmulas do presente da raiz latina *vol* (querer): *volumus* por *volmus* (*u* ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer): *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar): *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as fórmulas do presente da raiz latina *da* (pôr): *do*, *dis*, *dit*, *dimus*, *ditis*, *dunt*, que aparecem nos compostos *ab-dit*, *cre-dit*, etc.

Raízes com vogal reforçada.

A esta classe pertence o thema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente aparecia com as fórmulas: *citur*, *eis*, *cit* onde o ditongo se contraiu em *i* longo.

Parecem pertencer a esta classe: *fló, flás, plát* etc.; *for, faris* etc. (ant. lat.) que ocorre em *fabula* etc.; *dó, dás, dát* onde a vogal só é reforçada no singular e *nó, ná, nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é: *sou, és, é, somos, sois, são*.

Só ha a notar que a 3.^a pessoa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distingui-la da 2.^a singular.

O *s* desta pessoa é signal constante da 2.^a pessoa, emquanto que na 3.^a não tinha significação.

Quanto aos themas: *rdl, ná, fld, fá*, perderam-se em nossa lingua; os compósitos de *do* seguem analogicamente os themas em *a*; as fórmulas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos: *—dou, dás, dá* etc.; *estou, está, estamos* etc.

Quanto aos themas *ed, fer* pertencem ao caso:

2.^o *Themas constituidos pela raiz com o suffixo A.*

Em Sanscrito, como em Latim, encontram-se numerosas fórmulas do presente constituídas deste modo.

No Latim, porém, em virtude da phonologia e differenciação das fórmulas pessoais, o suffixo toma as fórmulas:

- | | |
|---|----------|
| 1. ^o singular | <i>o</i> |
| 1. ^o pl. 2. ^o sing. e pl. 3. ^a sing. | <i>i</i> |
| 3. ^o plural | <i>u</i> |

As fórmulas paralelas entre essas duas linguas mostram que o *o* da 1.^a pessoa provem de um *á* primitivo.

Assim *fero* corresponde ao Sanscrito *bharami* em que o *a* é reforçado.

No plural em que esta letra não é reforçada, temos *ferimus* e não *feromus*.

3.^o *Themas constituidos pela raiz reduplicada.*

O numero destes themas é muito pequeno em Latim.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo *a*, quando termina em vogal esta é considerada como si fosse aquelle suffixo.

4.^o *Themas constituidos pela raiz com o suffixo NA.*

Neste caso ou o thema conserva o valor da letra *n* do suffixo: *lini* raiz *li*; *cerni* raiz *cer*; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons: *vincti, victum, vici*; *fundit, fudi, fusum*; *frangit, fregi, fractum*.

5.^o *Themas constituidos pela raiz com o suffixo SKA.*

A esta classe pertencem: *gnascor*, raiz *gna*; *gnoscit*, raiz *gno*; *pascit*, raiz *pa*; *gliscit*; *sciscit*; *discit*; *crescit*; e poucos mais.

Este suffixo *ska* constitui fórmulas conhecidas ordinariamente como incoativas.

Elle existe tambem no verbo *miscere*, onde se fundiu intimamente com a raiz de modo que percorre todas as fórmulas do verbos e aparece nos derivados: *miscui, mixtus*.

6.^o *Themas constituidos pela raiz com o suffixo TA.*

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por gutural: *pectit, flectit*.

Em Portuguez as desinencias destes cinco ultimos casos ou se conformam com as dos themas em *e* e soam:

- | | |
|---|---|
| 1. ^a singular: <i>o</i> :— <i>devo</i> | 1. ^a pl.: <i>é</i> :— <i>devemos</i> |
| 2. ^a » <i>e</i> :— <i>deves</i> | 2. ^a » <i>é</i> :— <i>deveis</i> |
| 3. ^a » <i>e</i> :— <i>deve</i> | 3. ^a » <i>e</i> :— <i>dévem</i> |

ou se conformam com as dos themas dos verbos derivados em *i* e soam:

- | | |
|--|---|
| 1. ^a singular: <i>o</i> :— <i>visto</i> | 1. ^a pl. <i>i</i> :— <i>vestimos</i> |
| 2. ^a » <i>e</i> :— <i>vêstes</i> | 2. ^a » <i>i</i> :— <i>vestis</i> |
| 3. ^a » <i>e</i> :— <i>vêste</i> | 3. ^a » <i>e</i> :— <i>vêstem</i> |

Devemos observar que depois do *z* (e lat.) e *r*, cai o *e* final da 3.^a pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal: *—diz, induz, quer*; entretanto no imperativo, temos: *—dize, induze*, etc.

7.^o *Themas constituidos pela raiz com o suffixo JA.*

A vogal *a* que no Sanscrito fica reforçada, soffre em Latim as mesmas modificações que o suffixo *A* (2.^o caso).

Assim do primitivo *ja* da primeira pessoa do singular no Sanscrito aparece em Latim *io* (*jo*); de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cai, e *iu* (*ju*): *capió* por *capioim* de *capjomi*; *capis* por *capjis*, de *capjasi* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma forma: *fugio, fugi, fugitum*; *facio, feci, factum*.

Em Portuguez não se encontram vestigios delle na 3.^a pessoa do plural: de *fugiunt* vem—*fogem*; de *faciunt* vem—*fazem*.

Na 1.^a pessoa do singular, ora sincopa o *j* depois d'elle ter influído sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j* por metatese para o interior da raiz. Assim temos, ora—*jazo*—de—*jacio*,—*fujo*—de — *fugio*,— *faço*—de—*facio*,—ora *caibo*—de *capió*,—*paíro*—de *pario*.

Em—*sei*—de *sapio*, o *i* final representa o *j* do suffixo: de *sapio* veio—*saibo*—d'onde por sincopa do *b*—*saio* e *seio*. A queda do *o* deu-se para evitar a homonymia com—*seio* de *sinus*.

Confessa, em todo caso, com muita razão Adolpho Coelho que não confia nesta explicação. É possível que a queda do *o* seja puramente mecanica.

Sobre os themas do *perfeito* temos:

Estes themas são simples ou compósitos.

Simples, como *fui*; compósitos, como *jacui* por *jac* — *fui*.

A explicação dos primeiros é talvez o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia podem ser explicados da seguinte maneira:

1.º Os themas ou têm a raiz reduplicada ou não, e neste ultimo caso têm quasi sempre a vogal alongada.

Em Grego e Sanscrito, o perfeito é produzido pela reduplicação: *vid-vid-ma* no indo-europeu significaria: eu vi. Em Latim *cecidi*, *pupugi*, *momordi*, etc.

Quando o thema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente torna-se longa no preterito: *lavi* de *lavo*; ou ao *a* do presente corresponde *e*: *feci* de *facio*; ou então apparecem themas com vogal radical longa tendo ao lado fórmas do presente com vogal também longa: *sidi* ao lado de *sido*; ou themas com vogal longa que tem ao lado fórmas do presente com vogal da raiz seguida de nazal (*a* muda-se em *e*): *fregi* ao lado de *frango*; ou themas com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nazal: *fidi* ao lado de *findo*; ou finalmente themas em que reaparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *defendi*, *accendi*, etc.

Entretanto não há ainda uma explicação completa e satisfatoria destas fórmas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as fórmas latinas do preterito provêm da forma reduplicativa; numas houve simples quêda da sillaba de reduplicação, noutras, contração.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *frefigi*.

2.ª Depois da raiz, um elemento *i* primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as desinencias pessoas na 1.ª singular e plural e 3.ª singular.

Em Latim as terminações são: *i*, *isti*, *it*, etc.

Uns explicam estas fórmas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo sanscrito.

Outros, que deve ter origem no *a* breve formativo do perfeito sanscrito e grego.

A questão do perfeito latino é irresolúvel com os dados que até hoje se têm.

3.º Um *s* collocado depois do elemento *i* na 2.ª pessoa singular e plural, e na 3.ª plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas formas verbaes das linguas indo-europeas.

Para o Portuguez os unicos perfeitos simples que passaram do Latim são:

a) da raiz *da*:—*dei*—de *dedi*; *dêste*—de *dedisti*; *deu*—de *dedit*, influenciado pelas fórmas do perfeito composto dos derivados em *e*, como—*deveu*—etc.

b) perfeito da raiz *ven*:—*vim*—de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria—*viste*—que—*vieste*.

c) da raiz *fu*:—*fui*—de *fui*;—*foste*—de *fuisti*, etc.

d) da raiz *vid*:—*vi*—de *vidi*;—*viu*—por analogia dos derivados em *i*, como *vestim*, etc.

e) da raiz *fac*:—*fiz*—de *feci*, etc.

Nas fórmas portuguezas é bom notar: 1.º que o *e* latino na 1.ª pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.ª pessoa que conserva o *e*; 2.º que nas sillabas não acentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.ª pessoa; 3.º mudança da acentuação na 1.ª pessoa plural por analogia das fórmas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é acentuada na penultima: *comemos*, *partimos*.

Sobre os themas simples do *imperfecto*, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dois: o do imperfecto da raiz *es*: *era* por *esa*, e o do imperfecto da raiz *fu*: *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição: *monebam*.

Schleicher diz ser este imperfecto formado, como o lituânico, juntando-se á raiz as fórmas do presente dos verbos derivados em *a* longo, primitivo *aja*.

Corssen, com melhor vantagem, prova que *eram* vem do Sanscrito *asam*.

Do mesmo modo formou-se um imperfecto da raiz *bhu*, *fu* que pela phonetica latina se mudou em composição para *bam*, *bas*, *bat*, *bamus* etc.

Em Portuguez o imperfecto da raiz *es*, é: —*era*, *eras*, *era*, *éramos*, *éreis* (ant. *erades*), *eram*.

Houve mudança do acento no *a* formativo para a raiz, no plural.

Como vimos a raiz *fu* entra em nossa lingua sómente em composição.

As fórmas simples do *perfeito* parecem provir de uma epoca longinqua, o que torna difficilima a sua analize e boa explicação.

D'ahi procurar o Latim um processo novo para formação de novos perfeitos.

E como succede no periodo da decadencia das linguas, o meio posto em pratica foi o da composição, de que trataremos em seguida.

VII

Etimologia verbal: Themas compósitos. Voz passiva

I

No dominio da etimologia verbal falta-nos analisar a formação dos themas compósitos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito* também chamado *aoristo*.

Em Latim são dois os themas: em *si* e em *ui* ou *vi*.

A primeira forma *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de themas simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* d'onde *s-es-i*; depois prevalecendo sempre a sillaba reduplicativa formou-se *si* que se juntou ás raizes verbaes, aparecendo em regra depois de gutural, dental, ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só apparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as formas radicaes terminam em *m* se intermedeia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sum-p-si*, presente *sumo* etc.

A conjugação portugueza só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

dic-si	disse
dic-sisti	disséste
dic-si-t	disse

O segundo thema composto do perfeito é *ui* ou *vi*.

Quando precede consoante usa-se *ui*, quando vogal *vi*: *crepui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse thema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado para os estudantes.

Além disto, é o proprio Adolpho Coêlho que, á vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das innumeradas provas que elle accumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o thema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos affirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, d'ahi *potes*, *potest*, *potero* etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de formas que tanto difficultam o Latim.

Nossa lingua modifica phoneticamente as formas latinas limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.^a Verbos em *a* (1.^a conjugação):

amavi	amei
amavisti	amaste
amavit	amou
amavinus	amámos
amavistis	amastes
amaverunt	amarám

A sincope do *v* é facto que se observa no proprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primario*—metatese— de— *primario*—deu—*primeiro*—) é natural em Portuguez, assim como na 2.^a pessoa do plural o desaparecimento do *vi*, *ve*.

Em Portuguez a forma *vi*, na 3.^a pessoa do singular mudou-se em *u* (*nauta* ao lado de—*navita*; *naufragus*—por *navi-fragus*) da seguinte maneira: Houve sincope do *i* e ficando o *v* entre duas consoantes mudou-se em *u*.

O *a* latino em *amavit* transformou-se em *o*—*amou*,— que também vemos em *aurus*—ouro;—*thesaurus*,—*thesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular:

amavi	amai	amei
amavisti	amaisti	amaste
amavit	amaut	amout, amou

2.º Verbos em *e* (2.ª conjugação).

debevi	debui	devi
debevisi	debuisti	deveste
debevit	debuit	deveu
debevimus	debuimus	devemos
debevistis	debuistis	devestes
debeverunt	debuerunt	deveram

Analizemos: Na 1.ª e 2.ª pessoas do singular e plural sincopou-se o *v* do *vi*, contrahindo-se o *ei* em *i* na 1.ª pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.ª pessoa do singular dá-se o mesmo phenomeno dos verbos da 1.ª conjugação: a forma *vi* é representada por *u*.

Na 3.ª pessoa do plural, houve sincopa do *v* e os dois *ee* contraíram-se num. Assim:

debevi	debei	debi	devi
debevimus	debeimus	debemus	devemos
debevit	debeut	debeu	deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deveram

3.º Verbos em *i* (3.ª conjugação)

vesti	vesti
vestivisti	vestiste
vestivit	vestiu
vestivimus	vestimos
vestivistis	vestistes
vestiverunt	vestiram

O *v* da forma *vi* cáí; é este um phenomeno muito natural no proprio Latim nos verbos em *i*, diz Neue.

Pela queda do *v* os dois *ii* contraíram-se: a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

vestivi	vestii	vesti
vestivit etc.	vestiut	vestiu etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou sómente modificados phoneticamente, são:

- a) — perf. de *habere*:
 — *houve* — por — *haube* — lat. *habui*
 — *houveste* — por — *haubeste* — lat. *habuisti*
 b) — de *capere*:
 — *coube* — por — *caube* — lat. *capui*

- c) — de *sapere*:
 — *soube* — por — *saube* — lat. *sapui*

- d) — de *posse*:
 — *pude* — por — *poude* — lat. *potui*
 — *poude* — ou — *póde* — lat. *potuit*
 — *pudemos* — por — *poudemos* — lat. *potuimus*

Sómente com o fim de distinguir a 3.ª da 1.ª pessoa do singular o ditongo *ou* mudou-se em *u*.

- e) — de *placere*:
 — *prouve* — por — *proue* — lat. *placui*

Nos antigos escritores encontram-se as formas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouve*, em Fernão Lopes por exemplo.

- f) — de *jacere*:
 — *jouve* (ant.) por — *jogu* — latim *jacui*
 Actualmente a forma é — *jazi*

- g) — de *ponere*:
 — *pus* — por — *pous* — lat. *posui*
 — *poseste* — por — *pouseste* — lat. *posuisti*
 — *pós* — por — *pous* — lat. *posuit*

- h) — de *trahere*:
 — *trouxe* — por — *trauxe* — lat. vulgar *tracsui*
 — *trouxeste* — por — *trauxiste* lat. v. *tracsuisti*

O *x* tem o som de *s* e por isso apparece mudado em *g* na forma antiga — *trouge* — e sincopado em — *trouve*, *trouveste* — onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial, como prova — *couve* — de *caue* — do latim *caule*.

A forma em *x* raramente se encontra nos escriptores classicos.

Nas canções populares de Algarve e Beira encontra-se a forma em *v*.

- i) de *tenere*:
 — *tive* — por — *teue* — lat. *tenui*
 — *tiveste* — por — *teuisti* — lat. *tenuisti*
 — *tere* — por — *teue* — lat. *tenuit*

Observam-se as seguintes modificações: A sincopa do *n*, a consonantização do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.ª da 3.ª pessoa no singular e por analogia da 1.ª a mesma mudança na 2.ª do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo — *ter* — formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*: — *es-tive*, *es-tiveste* — e um antigo do verbo — *ser*: *seve*, *severom*, de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas Chronicas de Guiné etc.

Analizemos o futuro do indicativo.

Desaparecendo o futuro latino em *bo*, o Latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitos verbaes e formou as linguagens *dicere habeo*, *portare habes*.

Esta construção, conhecida do Grego, é mais familiar á lingua popular.

As linguas novo-latinas formam por este processo o seu futuro.

O Valachio constrói por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtem o futuro por meio de *venire*.

Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito.

O Inglez forma-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto* etc.

No Portuguez temos: *amarei* — *amar+hei*. Em regando-se a figura tmesa disjuncta-se aquella e collocam-se os pronomes complementos: *amar-te-ei*, *amar-te-hei*.

No Francez: *Aimerai* — *aimer+ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-ros-ai*, *donar-lo-us-ai*, q'è sempre apparecem disjunctadas por artigos ou pronomes.

No Espanhol: *Hacer-lo-he*, fôrma mais primitiva que *lo hare* correspondendo ao Latim: *facere id habeo* — port. — *fa-lo-ei*.

No Italiano: *Cantero* — *cantar-ho* etc.

Julga Max-Muller que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Caltelvetro na sua *Correttione* (1577): entretanto já em 1492 o espanhol Antonio de Nebrissa tinha conhecido esta composição.

Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos como — *dizer*, *fazer trazer*, e outros perdem o *z*: — *direi*, *farei*, *trarei*.

Exceptua-se deste caso o verbo — *jazer* — que faz — *jazerei* — e não — *jarei*.

O que dissemos sobre o futuro observa-se no condicional com a differença que este é composto com o imperfeito do verbo *haver* na forma contraída: *amar—havia*, *amar—hia*, *amaria*.

O futuro do subjuntivo do Portuguez não existe no Latim e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro — *amar*, *amares* — etc, provem de *amavero*, pela sincope do *v* e desaparecimento da vogal atona substituida pela acentuada. Na 1.^a pessoa do singular o *o* final cái precedido do *r* provavelmente depois de se ter mudado em *e*.

Do imperfeito do indicativo já tratámos quando nos referimos aos themas simples.

Temos que falar agora dos themas compósitos deste tempo.

Forma-se elle acrescentando ao thema do presente o thema *ba*, imperfeito da raiz *fu*; assim do thema *da* fôrma-se *daba*, de *sta*, *staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *deve-ba*.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações phonicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*: *amara—la—tim amaba*.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* muda-se em *i*: *Devia—latim—deveba*.

No imperfeito em *ieba* o *b* é sincopado e o *ie* contrái-se em *i*: *Vestia—latim—vestieba*.

Sobre os imperfeitos — *punha*, *tinha* e *vinha* — Diez suppõe que se retraiu o acento para firmar mais o *n* radical que d'outro modo teria caído como no infinito; dizia-se — *pônia*, — para não fazer desaparecer o *n* em — *ponia* — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do subjuntivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga, — encontrámos — *convenia* — por — *convinha*.

A terminação *sem* que forma o imperfeito do subjuntivo, é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas fôrmas originam-se do mais que perfeito do optativo latino:

— *amasse* — latim — *amavissem*; — *fosse* — latim — *fuissem*.

Houve no primeiro caso simples sincope de *vi*; as outras alterações são communs.

O mais que perfeito conserva-se em Portuguez sincopando-se o *re*; por exemplo em — *cantaram* — latim — *cantaverunt*.

Soffre tambem deslocação do acento na 1.^a e 2.^a pessoas do plural:

— *cantáramos* — latim — *cantaverámus*.

— *cantáreis* — latim — *cantaverátis*.

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações phoneticas.

Falta-nos traçar as fôrmas nominaes do verbo.

Infinito presente. O verbo latino forma-se pela junção do elemento *re* ao thema do presente: *ama-re*, *monere*, *vestire*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento formativo, mas sim vem de um *s*, como provam as fôrmas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*; *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e fundiram-se numa as fôrmas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as fôrmas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi só o Portuguez a unica lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinito.

Participio presente. Este participio é formado por meio

do suffixo *ant* que perde a vogal *si* por ella termina o thema, e que ás vezes se transforma em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjectivo ou substantivo.

Encontram-se muitas fórmulas participaes em *ant*.

Em Latim occorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não falla, de *fant* participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de—oriente—(de *orior*, *nascere*), *occidente*—(de *occido*, *morrer*), temos—*nascente*, *poente*—; de *lente* participio de *lego* formamos—*lente*;—*sargento* do antigo—*sergente* do latim *serviente* modificado pelo Francez, e tambem—*tirante*, *caminhante*, *mercante*, etc.

Gerundio. Segundo Corsen o suffixo *ondo*, *undo*, *endo*, *ndo*, do gerundio, do participio do futuro passivo é composto do suffixo *on* e *do*.

A fórmula *undo* por *ondo* é arcaica; a fórmula *endo* substituiu-a na linguagem classica; a fórmula *ndo* junta-se aos themas derivados em *a* e *e*: *ama-ndo* *mone-ndo*.

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo:—*gemebundo*, *segundo*.

Das fórmulas do gerundio só permaneceu a do ablativo:—*amando*, *vivendo*, *vestindo*.

Participio passado. É formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a fórmula radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos themas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a fórmula dos participios derivados em *a* e *i* (*ato*, *ito*) abrandando-se o *t* em *d*:—*amado*—latim—*amato*; *vestido*—latim—*vestito*, na 1.^a e 3.^a conjugação.

Na 2.^a conjugação o Portuguez, á semelhança das outras linguas romanicas, adoptou o suffixo *uto*: *tributo*, *arguto*. O suffixo *udo*, ainda usado do seculo 16, foi substituido pelo participio *ido*: *vencido*, *comido* etc.

Do tipo —udo— encontramos: *estabelecudo*, *perduda*, *metudo*, *entendudo*, *respondudo*, *tenudo*, etc.

Modernamente, destas fórmulas possuímos: *teúdo* e *man-teúdo* usadas numa fórmula conhecida das Ordenações;—*sanhu-do* e o substantivo *conteúdo*.

No seculo 16, appareceram muitas fórmulas contraídas: *despezo*, *coito*, *escoreito*, *represso*, *tolheito*, *volto*, *comesto*, *colheito*, etc.

O *supino* latino desapareceu no Portuguez.

O *participio do futuro* não existe em nossa lingua com força participal.

Possuímos algumas palavras como: *immorredouro*, *vin-douro*, *casadouro*, etc. formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *uro*, existem: *futuro*, *ventura*, *sepultura*, *usura*, etc. já considerados como substantivos em Latim.

II

Já sabemos que ha em Portuguez duas vozes: a activa e a passiva.

Precisamos tratar agora da passiva que tem tambem o nome de media passiva ou passiva reflexa.

O Latim, ao contrario do Sanscrito e Grego, perdeu a primitiva voz media e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás fórmulas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *ama-mino-ss-um*. Fundindo-se depois estas duas fórmulas, uzou-as o Latim promiscuamente prevalecendo todavia a primeira.

O processo do Portuguez é differente.

Emquanto o Latim se exprime por desinencias, o Portuguez compõe uma fórmula com o verbo *ser* e o participio passado: *sou amado*—latim—*amor*.

Nota-se, porém, que este processo já não existia em Latim no tempo de Cícero.

Tambem o Portuguez renova o modo apassivador latino do *se* reflexivo, processo que se encontra tambem no Slavo, mas que aquella lingua só usa nas terceiras pessoas.

Possuímos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latino:

<i>falar</i>	do lat.	<i>fabulari</i>
<i>morrer</i>	« «	<i>morior</i>
<i>querer</i>	« «	<i>queri</i>

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na fórmula activa e na fórmula deponente:—*adulo* e *adulo*;—*comperio* e *comperio*;—*imitor* e *imito*.

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Explicaremos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que sómente se acrescentam no presente imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo e no presente e imperfeito do subjuntivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum*, *es*, *fui*, *esse* e o particípio passado em *tus*: *amatus sum*, *amatus fueram* etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita:

1.^a *pes. sing. do pres. do indicativo.*

A' forma activa acrescenta-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que fica entre vogaes, vindo afinal a cair o *e*:

— *amo—amo-se—amo-re—amor.*

2.^a *persôa do singular.*

Ligaris ou *ligare*. Depois de juntar-se á forma activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r*.

— *ligas—ligas-se—ligas-ise—ligar-ise—ligar-is.*

3.^a *persôa do singular.*

Monetur. Depois de praticado o processo geral, introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.^a *persôa do plural.*

Com a forma activa *amamus* constituiu-se a forma passiva como as persôas do singular—*amamus-u-se*—(*u* ligativo) e depois—*amamur-u-r*;—e pelo principio de dissimilação que manda destruir os elementos phoneticos iguaes numa palavra, ficou—*amamur*.

Explicam tambem assim:—em—*amamur-u-r*—cái o *u* e aparece—*amamur-r*—e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou—*amamur*.

2.^a *persôa do plural.*

Emprega o Latim nesta persôa o segundo processo de que falámos a principio:—*ama-mini*—em vez de, pela regra geral, fazer—*amateris*.

3.^a *persôa do plural.*

Nada apresenta de novo.

A forma—*monentur*,—por exemplo, é resultado do *u* ligativo:—*monent-u-se*—em que o *s* transformado em *r* e o *e* caindo dá—*monentur*.

A mesma explicação se póde dar a respeito dos outros tempos do indicativo e do subjuntivo.



IX

Palavras invariaveis

As categorias de adverbio, preposição e conjunção se desenvolveram das categorias de nome e pronome; é, como diz A. Coelho, clara ainda em Portuguez a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjunções.

Assim os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latino: *bonamente*—*bóamente*.

A conjunção adversativa *mas* saiu do adverbio *mais*, no latim *magis* que é um comparativo da raiz *mag* que encontramos em *mag-nus*.

A negativa *non* (não) é o accusativo da raiz pronominal *na* que vemos em *na—m—que*, *nu—n—quam*.

Como representa o latim *quo modo*, ablativo de um pronome e de um nome.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*.

Adverbios

I

Os adverbios, como as palavras invariaveis, têm, em geral, sua etimologia na lingua latina.

Derivam-se:

1.^o de adverbios ou locuções adverbias da lingua latina, mais ou menos correspondentes:

antes—ante

bem—bene
já—jam
agora—hac hora
hoje—hoc die
jamais—jam magis

2.º de adjectivos empregados invariavelmente na
 fôrma masculina:

caro (comprou *caro*)
alto (falei *alto*)

3.º de adjectivos na fôrma feminina a que se
 junta o suffixo *mente*:

bella+mente
clara+mente

4.º de locuções formadas na propria lingua:

outr'ora
ante-ontem

ADVERBIOS DE TEMPO

<i>ontem</i>	provem	de	<i>ad noctem</i>
<i>sempre</i>	»	»	<i>semper</i>
<i>logo</i>	»	»	<i>loco</i>
<i>nunca</i>	»	»	<i>nunquam</i>

De formação vernacula:

d'ora em diante, depois de amanhã etc.

LUGAR

Ahi provem de *ad-hic*. Corresponde ao Francez
y e aparece com esta função no Italiano, Provençal,
 Espanhol e no antigo Portuguez.

Aqui provem de *ecce hic* (*ecc'hic*) ou da fôrma
 pleonastica *hic hic*.

Acolá provem de *hac illa*

Eis provem da fôrma— *heis*— haver—ou do
 verbo *vêr*.

São interessantes as razões que João Ribeiro
 apresenta para demonstrar a origem deste adverbio:

« *Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do
 verbo *vêr*: *eis* (ou *heis*—*vês*) póde ter complemento
cil-o. Ha quem veja em *eis* uma fôrma de *heis*, *ha-*
veis de *haver*; creio, porém, que a fôrma *heis* con-
 tem a aspirada correspondente a *f* no hespanhol *ha-*
cer—*fazer* que por vezes passou ao portuguez (*hedi-*
ondo—*fetibundus*).

O castelhano antigo tinha a fôrma verbal *afe*
 por *ahe* em que *hê*—*fê* com identico sentido e uso.

Comquanto mais facilmente occorra derivar *eis*
 —de *heis* ou *haveis* julgo que é uma segunda pessôa
 do singular *eis*— *heis* ou *hês*—*vês*. Nos escriptores
 mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *es*
 ou *eis* (por exemplo, no Leal Conselheiro e ainda nos
 quinhentistas Lucena e outros); e tambem a fôrma
vês e *veis* por *eis*, como em Sá de Miranda.

Tambem nota Madureira o uso de *vês*—*eis*, na
 sua *Orthographia*. »

Longe provem de *longe*
Onde » » *unde*

QUANTIDADE

<i>Apenas</i>	provem	de	<i>ad penae</i>
<i>Assaz</i>	»	»	<i>ad satis</i>
<i>Cerca</i>	»	»	<i>circa</i>
<i>Mais</i>	»	»	<i>magis</i>
<i>Quasi</i>	»	»	<i>quasi</i>

Em Latim existe o adverbio *plus*, que actual-
 mente não tem correspondencia em Portuguez, com
 a fôrma antiga *chus* e que significa o mesmo que
magis—mais.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.

Do meiado deste seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No Cancioneiro do Collegio dos Nobres, segundo Varnhagem, encontra-se a frase: —*Nunca chus algo fazer.*

AFFIRMAÇÃO

<i>Sim</i>	provem	de	<i>sic</i>
<i>Não</i>	»	»	<i>non</i>

O adverbio *quicá* é de origem latina —*qui sapit*; *debalde* provem do arabe; *amen* vem do hebraico.

MODO

A grande classe dos adverbios de modo origina-se de adjectivos na fórma feminina juntos ao suffixo *mente* que representa o ablativo latino de *mens*, *mentis* (espírito, mente).

Pertencem tambem a esta classe os adjectivos que ficaram invariaveis na fórma masculina.

<i>Assim</i>	provem	de	<i>ad sic</i>
<i>mal</i>	«	«	<i>male</i>

Preposições

As preposições se derivam:

1.º de preposições latinas: *a* que provem de *ad*; *ante* de *ante*; *com* de *cum*; *contra* de *contra*; *entre* de *inter*; *por* de *pro* e de *per*; *sem* de *sine*; *sobre* de *super*, etc.

2.º de duas preposições latinas reunidas: *após* que provem de *ad post*; *diante* de *de ante*; *depois* de *de post*; *desde* de *de ex de*; *atraz* de *ad trans*, etc.

3.º de palavras ou grupos de palavras da propria lingua portugueza; *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante* (originadas de participios), *defronte*, *enfrente* etc.

Certas preposições latinas dão origem a palavras em Portuguez conservando a sua fórma: *extraordinario*, *supra-mencionado*; outras soffrem pequenas alterações: *pos-pôr* (*post-pôr*); *tran-montana* (*trans-montana*).

Conjunções

III

As conjunções se derivam:

1.º de conjunções e de outras palavras latinas: *como* provem de *quomodo*; *e* de *et*; *logo* de *loco*; *nem* de *nec*; *ou* de *aut*; *pois* de *post*; *que* de *que*; *si* de *si*.

2.º de palavras portuguezas, como em geral são as locuções conjuntivas: *ainda que*, *bem que*, *todavia*, *outrosim*, *contudo* etc.

Interjeições

IV

As interjeições naturaes *oh!* *ai!* etc. pelo facto de representarem um sentimento subito, não têm etimologia; o que acontece mesmo com as formadas por onomatopéa: *zumzum*, *trás zás* etc.

As convencionaes têm sua origem em substantivos, adjectivos, verbos etc. e por isso vêm da lingua d'onde estes se originaram.

Podemos notar, vindas do :

Latim : *apage, eia, sus*

Italiano : *bravo, presto*

Inglez : *hip, hurrah*

Francez : *vlan, bruhaha*

Hespanhol : *caspite, caramba*

Arabe : *oxalá.*

A interjeição *aqui d'el-rei* é de formação portugueza. Muitos a escrevem *ak d'el-rei*, dando-lhe origem celtica.

Theophilo Braga diz ser a representação da frase : *Aqui justiça d'El-rei.*



SINTAXE

Lexica : estuda as relações das palavras umas com as outras na oração.

Logica : estuda as relações das orações umas com as outras no periodo.

Sintaxe

Sintaxe é a parte da grammatica em que se estudam as palavras e os grupos de palavras na oração.

Divide-se em *lexica* e *logica*.

Lexica é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração.

Logica é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

Oração é o enunciado de um juizo por meio de palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras, formamos orações.

Em geral, em cada oração ha um facto de que se trata, é o *predicado*; e o individuo a quem se refere o facto, é o *sujeito*.

Na oração: *Os passaros voam*, o predicado é *voam* e o sujeito é *os passaros*.

Em alguns casos o facto é exclusivamente exercido por um sujeito que fica oculto e a oração consta de um verbo sem sujeito: *chove*.

Em outros casos não se querendo ou não se po-

dendo declarar o sujeito, fica este oculto e o verbo é empregado na 3.^a pessoa do singular ou do plural: CONSTA *que rebentou uma revolução*. DIZEM *que a revolta venceu*.

Ha verbos de predicação incompleta que, para exprimirem o facto de que se trata, têm junto de si um adjectivo ou palavra equivalente. Neste caso o predicado é expresso por um verbo com um *completivo* que tambem se chama *atributo*. O sol É LUMINOSO. A lua FICOU DESMAIADA.

Quando a significação geral de qualquer dos termos se especializa, a elle se junta um *modificativo* que pôde ser uma palavra, um grupo de palavras ou uma oração:—*Os animaes DA AUSTRALIA têm fórmas extraordinarias*. Cão QUE LADRA não morde.

Assim a oração consta de dois termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos.

Além dos elementos essenciaes e modificativos, ha os *elementos connectivos* que unem as orações e partes das orações e os *elementos absolutos* que, por si sós, valem orações.

São elementos connectivos: as *preposições*, as *conjunções* e os *relativos*.

São elementos absolutos: a *interjeição* e o *vocativo*.

Sujeito é o termo de que se affirma uma acção, qualidade ou estado. Representa o objecto principal de que se fala e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

- 1.º por um substantivo:—O GATO *mia*.
- 2.º por um pronome:—NÓS *pensamos*.
- 3.º por qualquer palavra substantivada:—O NÃO *desespera*.
- 4.º por uma oração:—E' *inegavel* QUE A TERRA GIRA.

O SUJEITO pode ser modificado:

1.º por um adjectivo:—*Desfez-se a nuvem* ESCURA.

2.º por um apposto:—O Amazonas, RIO CAUDAL, nasce no Perú.

3.º por um substantivo com preposição:—*Praças* SEM FIM cobrem o solo.

4.º por uma oração: *Divina guarda* QUE OS CÉUS, O MAR E TERRA SENHOREAS.

Predicado é o termo que exprime acção, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.

E' representado:

1.º pelo verbo predicativo simplesmente:—*Os animaes* VIVEM.

2.º por um verbo de predicação incompleta com um completivo ou atributo:—*Deus* É ETERNO. *Elle* PA-RECE DOENTE.

Atributo é um adjectivo ou qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Pôde ser representado:

1.º por um adjectivo ou locução adjectiva: *O Tejo* era SERENO. *Sua voz* era DO CÉU (*celeste*).

2.º por um substantivo: *O homem* É ANIMAL.

3.º por um pronome: *Si tu fôras* EU

4.º por uma oração: *Morrer* É PERDER A VIDA.

Este *atributo* tambem se pôde chamar *completivo* que se divide em: *completivo subjectivo*, quando modifica o sujeito: *João* ficou rico; e *completivo objectivo*, quando modifica o objecto: *D. Pedro* tornou o Brazil NAÇÃO LIVRE. *Eu* chamei-o HEROI.

O **predicado** pôde ser modificado:

1.º por um substantivo ou pronome directamente regido:

Os homens povoam A TERRA.

O sol NOS aquece.

2.º por um substantivo ou pronome regido de preposição:

Os corações desfallecem DE SUSTO.

Venha A NÓS o vosso reino.

3.º por um adverbio:— *Entra ASSIM no reino d'agua o Deus do vinho.*

4.º por uma oração: *Disse o mestre rijamente:*
ALIJA TUDO AO MAR.

Modificativo é o termo que especializa ou explica a significação de outro termo.

Também se chama *complemento* ou *adjunto*.

O modificativo pôde ser *concordado* ou *regido*.

Concordado é o que se liga ao modificado por identidade de forma.

Pôde ser:

1.º o adjectivo: *Trombetas SONOROSAS vão tocando.*

2.º o apposto:— *O Amazonas, RIO CAUDAL.*

3.º o pronome pessoal: *Deu-me na cabeça (minha cabeça). As lembranças que n'alma LHE moravam (na sua alma).*

Regido é o que se liga ao modificado directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é *directo*; no segundo, *indirecto*.

Pôde ser representado;

1.º pelo substantivo: *O raio de teu genio illumina o HORIZONTE da patria.*

2.º pelo pronome: *Thetis divina canta-LHE as luzas glorias no Oriente.*

3.º pelo adverbio: *O peito heroico generoso perdão JAMÁIS recusa.*

4.º pelo verbo no infinitivo: *O vapor estava preparado PARA SAHIR.*

5.º por uma oração: *Nem a gazella timida recia QUE ALGUÉM A PAZ LHE QUEBRE.*

Estes modificativos chamam-se *atributivos* ou *adverbiaes*.

Atributivos são aquelles que modificam o substantivo.

Adverbiaes são aquelles que modificam o adjectivo ou o verbo. Exprimem uma circumstancia.

O adjunto attributivo toma o nome especial de *complemento determinativo* ou *restrictivo* quando é regido de preposição: *O mouro despreza o poder dos CHRISTÃOS.*

O adjunto adverbial toma os nomes especiaes de *objecto directo* ou *objecto indirecto*.

Objecto directo é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai immediatamente a acção indicada pelo verbo: *A bondade de Deus premeia o JUSTO.*

O objecto directo não é geralmente regido de preposição. Casos ha, porém, em que esta preposição se torna necessaria; taes são:

1.º Para evitar confusão no sentido, quando o objecto poder praticar o acção: *A LAVINIA Enéas furtou.*

2.º Em casos especiaes de construção vernacula: *Pucha DO PUNHAL. Arrancam DAS ESPADAS de aço fino. Cumpre COM o TEU DEVER.*

3.º Quando é representado por um verbo no infinitivo precedido de verbos como: *acabar, aprender, cessar, começar, ensinar, findar, principiar* etc.

Acabei DE ESTUDAR

Cessou DE CHOVER

Começaram A FALAR

Ensinou A TRABALHAR etc.

4.º Quando é representado pelas variações pronominaes, menos *lhe, lhes, commigo, contigo, comsigo, connosco, convosco*.

Objecto indirecto é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai, por

meio de preposição, a acção indicada pelo verbo :
Os nobres corações DE SUSTO desfalecem.

Qualquer dos termos de uma oração pôde ser *simples, composto e complexo.*

Termo simples é o formado de um só termo, unico na especie : *Deus existe.*

Termo composto é o formado de dois ou mais termos da mesma especie, coordenados : CABEÇAS, BRAÇOS, PERNAS, *pelos ares vão saltando.*

Termo complexo é o que tem modificativo :
A LUA QUE NOS ILLUMINA *é um satellite.*

Pôde ser tambem : *logico e grammatical.*

Termo logico é o termo com seus modificativos.

Termo grammatical é qualquer um dos termos distintos e separados.

As relações que as palavras têm entre si, são :

1.^a *relação predicativa* que é a que existe entre o sujeito e o predicado.

Os passaros	voam
○ homem	é um animal
O Gama e o Catual	falando entravam na sala
Um velho	lhe dava a verde folha

2.^a *relação attributiva* a que modifica o substantivo :

O	livro
Amazonas	rio caudal
Livro	encadernado
Análize	que copiei (copiada)
Grammatica	de Julio Ribeiro.

3.^a *relação adverbial*, a que modifica o adjetivo e o verbo :

Elle fugiu	vergonhosamente
Gosto	de estudar
Comi	como um alarve
Casa feita	a capricho

4.^a *relação objectiva* que é um caso especial da relação adverbial e que modifica tambem o verbo de acção transitiva : *Quero ESTUDAR PORTUGUEZ. Comi DUAS LARANJAS.*

II

Periodo ou **oração logica** é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações grammaticaes.

As orações se dividem em *simples, compôstas e complexas.*

Simples é a que contem sómente um termo de cada especie.

E' por sua natureza absoluta e tem o verbo no indicativo ou no imperativo :

Inda murmuram do Mondego as aguas
Os maviolos ais de Ignez de Castro.

Os orações simples subdividem-se em :

Declarativa (affirmativa ou negativa) é aquella que narra, conta ou assevera um facto :

Não se contenta a gente portugueza.

Imperativa é aquella que exprime um facto ordenado ou pedido :

Foge, Lusitano, da cilada do rei.
Dai-me uma furia grande e sonora.

Interrogativa é aquella por meio da qual se pergunta, indaga ou interroga :

Quem te trouxe a estoutro mundo
Tão longe de tua patria lusitana ?

Exclamativa é aquella que indica um sentimento de admiração, enthusiasmo :

*No mar tanta tormenta e tanto danno,
Tantas vezes a morte apercebida !*

Composta é a oração que contém mais de uma proposição com a mesma função. Estas proposições se dividem em *asindeticas* ou *collateraes* e *sindeticas* ou *coordenadas*.

Asindeticas ou *collateraes* são as proposições que não têm termos que as liguem, não têm connectivos ; ligam-se pelo sentido : *O de Luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.*

Sindeticas ou *coordenadas* são as proposições que têm termos que as liguem, têm connectivos : *No jogo se perde o amigo e se ganha o inimigo.* Os connectivos que ligam as proposições sindeticas ou coordenadas, são as conjunções :

Copulativas : *O tempo vai á passo e não descança. Os velhos hão de morrer, TAMBEM os moços podem morrer.*

Adversativas : *O cão pôde correr MAS não sabe trepar. Estudei a lição, ENTRETANTO não soube decora-la.*

Disjuntivas : *O vento ajunta ou dispersa as nuvens. ORA chove, ORA faz sol.*

Conclusivas : *Penso logo existo. Estudo, PORTANTO hei de aprender.*

Complexa é a oração que contém duas ou mais proposições com dependência reciproca.

A que rege as outras tem o nome de *principal*, que deve ter o verbo no indicativo ou no imperativo.

A outra ou outras têm o nome de *subordinadas* ou *clausulas*.

As clausulas se dividem em *substantivas*, *adjectivas* e *adverbiaes*.

Substantiva é aquella que equivale a um substantivo.

Serve de sujeito ou objecto a uma outra oração e começa pela conjunção *que* ou por palavra interrogativa :

LOUVAR ESFORÇO ALHEIO é cousa desejada. O capitão disse : DAI VELAS AO LARGO VENTO. Sou bem informado DE QUE EMBAIADA É FINGIDA.

Adjectiva é aquella que equivale a um adjectivo. Modifica um substantivo e começa geralmente por um pronome relativo :

Ergue a virgem os olhos QUE O SOL NÃO DESLUMBRA.

Adverbial é aquella que equivale a um adverbio. Exprime circumstancias e modifica um adjectivo ou um verbo.

Tempo : Não eram os traquetes bem tomados, QUANDO se dá a grande e subita procella (Camões).

Fim : Falar ao rei gentio determina PORQUE com seu despacho se tornasse (Camões).

As orações podem ser :

Contracta ou **abreviada**, a oração que se forma de varios termos da mesma especie, subordinados ao mesmo sentido ; isto é, pôde ter o mesmo sujeito ou o mesmo predicado ou o mesmo objecto, etc :

De Duarte foi breve o reinado

E curtido de grande afflicção, isto é :

De Duarte foi breve o reinado, e de Duarte foi o reinado curtido de grande afflicção.

As orações contractas são divisíveis em duas ou mais orações.

Elíptica, a oração que tem um de seus termos occultos, que com facilidade o espirito subentende :

Honra ao cantor dos lusitanos fastos !

Joelho em terra ! A Universal Historia

Leve aos vindouros de Camões o nome

Como eterno padrão da lusa glória !

Implicita, a oração cujos termos principaes deixaram de ser expressos.

Formam orações implicitas os vocativos, as interjeições

me os adverbios empregados em forma absoluta : *Queres estudar ? Não. Queres passear ? Sim.*

III

Substantivo

A syntaxe do substantivo refere-se especialmente à sua collocação e concordancia na oração, e á mudança de significação que pôde ter seu genero e numero.

Em geral o substantivo colloca-se antes do adjectivo. *Mão direita. Deus Padre. Estrella fixa.* Exceptuam-se certos casos consagrados pelo uso.

Em outros casos a mudança de lugar do substantivo alteraria o seu sentido :

Altos céus—Céus altos
Certa manhã—Manhã certa
Nóvos homens—Homens nóvos

A mesma mudança se dá com a variação do genero e numero :

Madeiro—Madeira
Bago—Baga
Honra—Honras
Letra—Letras

(Vide pags. 60 e 61.)

O substantivo usado como apostro deve, sempre que fôr possível, concordar em genero e numero com

o nome a que estiver apostro, isto é, com o seu fundamental : *As nímphas, filhas do Oceano. Eduardo, rei de Inglaterra.*

Si o substantivo fizer as vezes de attributo pôde dispensar a concordancia : *As pyramides do Egypto são UM ENIGMA para os viajantes. Os barbaros foram o TERROR do universo.*

O substantivo empregado epiteticamente em referencia a um substantivo masculino toma na linguagem popular, o genero deste : *João é UM BANANA.*



IV
O substantivo empregado epitetamente em re-
ferencia a um substantivo feminino toma a lingua-
gem popular, o genero deste : João é um rapazinho.

Adjectivo

I

Os adjectivos concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem: *casa* BRANCA; *homens* SABIOS.

Si fizer as vezes de adverbio, fica invariavel : *Comprei uma casa* BARATO.

Sobre o adjectivo *meio*, empregado como adverbio, são interessantes as considerações de Silvio Tullio em seus *Estudinhos da Língua Patria*.

«Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em phrases taes como—*casa meio feita*, *pessoa meio morta*, *porta meio aberta*—Uma *casa* pôde estar *meia feita* e *meio feita*.

Na primeira hypothese affirma-se que a *casa está feita até metade*, por exemplo, da altura que deve ficar; na segunda que a *feitura da casa está em meio*.

Na primeira phrase o vocabulo—*meia*—é rigorosamente adjectivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Sermão 10, 163) tira todas as duvidas porque nos dá exemplos de ambas as hypothesees : *Eram linguas partidas não só porque eram muitas senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava.*

Meias linguas porque eram meio-europeas e meio-indianas; meias-linguas porque eram meio-politicas e meio-barbaras; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.

E' verdade que se encontram em Fernão Mendes Pinto, Lucena, João de Barros, Camões, Herculano, Castilho e outros, expressões em que *meio* empregado como verdadeiro adverbio toma as formas de feminino e plural, mas isto se pôde explicar por uma lei de syntaxe, chamada *attracção*.

E' por esta lei que André de Resende diz: *E avendo muitos poucos dias que el-rey era doente em vez de muito poucos.*

O substantivo *meio* pôde ser empregado como adjectivo e como adverbio.

Quando significar *quasi*, é adverbio, invariavel; quando significar a *metade*, é adjectivo, variavel. *Porta MEIO aberta*, isto é, *quasi aberta* (adv.). *Porta MEIA aberta*, isto é, *aberta pela metade* (adj.)

A regra da concórdancia do adjectivo com o substantivo soffre excepções :

1.^a Quando concorrem muitos substantivos do singular, de genero e significação differentes, o adjectivo vai para o masculino plural :—*Esforço e arte* HUMANOS.

2.^a Quando, porém, os substantivos são de significação semelhante, o adjectivo concorda com o ultimo :—*Pezar e dôr* AMARGA ou *dôr e pezar* AMARGO.

3.^a Quando os substantivos estão no singular e são do mesmo genero o adjectivo vai para o plural :—*A boca e a face* RETORCIDAS.

4.^a Quando os substantivos estão no plural embora de genero differente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo :—*Pezares e tristezas* DESCONHECIDAS ou *tristezas e pezares* DESCONHECIDOS.

5.^a Quando o substantivo é nome de titulo feminino, o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos : *Vossa Senhoria* é SERVIDO. *Vossa Reverendissima* está DESEJOSO.

II

Os **possessivos** concordam em genero e numero com os substantivos, e em regra se collocam antes d'elles. Exceptua-se no verso :—*Da terra tua o clima e região* ; ou quando o substantivo é precedido de outro adjectivo :—*Formosa filha MINHA não temais*.

O emprego de *Vosso* nos tratamentos não exige os possessivos ou as variações pronominaes correspondentes :—*Vossa Excellencia mande-me as SUAS ordens*.

Novo genero de chronica offerece a V. M. minha religião por mim neste volume que a SEUS reaes pés ponho. Fr. Luiz de Souza.

Nada extranho LHE direi, de certo V. EXCIA. conhece. De V. Exc. sei que o anima o amor de SUA patria. Garrett.

Emprega-se muitas vezes o pronome pessoal em lugar do possessivo :—*Vi-te os olhos—por—vi TEUS olhos. Dói-ME a cabeça—por—dói MINHA cabeça*.

E' uma construção que se encontra em bons escriptores de todas as epochas.

A Lingua Portugueza possui o que Pacheco e Lameira chamam *possessivo pleonastico* e *possessivo periphrastico*.

O 1.º consiste no emprego claro do possuidor :—*Os SEUS feitos d'ELLE*. E' emprego popular e, ás vezes, util para evitar ambiguidade.

O 2.º é o formado com os verbos *ter* e *haver* : Fr. Camões :—*A fama das victorias QUE TIVERAM—por :—a fama das SUAS victorias*.

Os possessivos têm, na linguagem familiar, o valor de indefinidos : *Elle é bom mas tem os SEUS defeitos*, isto é, *tem alguns defeitos*.

Algumas vezes indicam um numero approximado : *Homem de SEUS 30 annos. Tem os SEUS 20 contos*.

III

Os **demonstrativos** concordam com os substantivos e a elles se antepõem : *ESTE livro*. Exceptua-se quando a frase é exclamativa : *Que menino ESTE !*

Os demonstrativos quando pronomes são, ás vezes, substituidos pelos artigos *o, a, os, as* : *Todos escutavam o QUE o sublime Gama contaria*.

IV

Dos **relativos** notamos :

QUAL vem sempre acompanhado dos artigos *o, a, os, as* ; póde ter claro o subsequente e tem função de indefinido quando é repetido :

Qual do cavallo vôa que não desce.

Qual co'o cavallo d'qndo em terra geme. (Camões—*Lusiadas*.)

QUE tem o subsequente occulto e é substituido por *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere (o antecedente) está distante e ha necessidade de clareza : *A penna QUE me déste. A penna da Livraria Contemporanea a QUAL ontem se perdeu*.

Empregado como interrogativo, exclamativo ou optativo, não admite artigo : *QUE seria si se mudassem palavras ?* (Vieira.—*Sermões*).

QUE tem com isto a moral publica (Alex. Herculano.—*Opusculos*).

QUE havemos de comer, QUE havemos de beber, QUE havemos de vestir ? (Castilho—*Amôr e Melancolia*). •

Ruy Barbosa que sustenta a boa doutrina, tráz innumerables exemplos que firmam esta regra, citando escriptores antigos e modernos taes como D. Duarte, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernárdim, Garcia de Rezende, Camões, João de Barros, Duarte Nunes, Frei Luiz de Souza, Antonio Ferreira, Bernardes, Jacintho Freire, Vieira, F. Elysio, Herculano, Castilho, C. Castello Branco, Julio Ribeiro, Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Os exemplos enchem 12 paginas de sua *Replica ás defezas da Redação do projecto da Camara dos Deputados sobre o Código Civil Brasileiro*.

Nos raros casos em que se encontra o artigo precedendo a *que*, ha sempre uma oração eliptica, o artigo concorda com um nome occulto.

O pronome *que* não inicia mas continúa ou completa a oração.

Quando a syntaxe assim não poder ser explicada ha um solecismo que não deve ser imitado.

Si quisermos, diz Ruy Barbosa, tirar a prova real, e usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das preposições *a*, *em*, *de*, *para* ou *por*.

Como diríamos? Ao *que vens*? Não: O vernaculo é *A QUE vens*.

Como diríamos? NO *que pensas*? Tam pouco. Não se diz senão: *Em que pensas*?

Como se dirá: DO *que tratas*? Nunca. Diríamos sempre: *De que tratas*?

Poderíamos escrever: COM O *que contas*? Não. A construção grammatical é: *Com que contas*?

Diríamos acaso: PARA O *que foges*? Não. Diríamos, sim: *Para que foges*?

Semelhantemente ninguém diria: PELO *que tardas*? PELO *que roubas*? PELO *que te matas*?

A construção portugueza é: *Por que te matas*. *Por que roubas*? *Por que tardas*?

Não importa, termina elle, que na vasta litteratura dos classicos um ou outro deslize pareça favorecer a regencia O *que*? Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam para autorisar uma syntaxe.

O pronome *que* era muitas vezes repetido como para indicar maior subordinação que assim ficava mais clara: *As náus que pouco havia que ancoravam. que o regente que esta terra governa que vos veja* (Camões.)

* *QUEM* refere-se a pessoas.

Nos classicos, porém, não faltam exemplos deste pronome referindo-se a cousas: *Um tiro de fogo, contra quem não valem forças* (Souza Annaes). *Aquelles poderosissimos vasos a quem os estrangeiros* (Vieira-Sermões). *A soberba Europa a quem rodeia* (Camões-Lusiadas). *Era um ramalhete sobre quem*.

(Garrett.) O DINHEIRO é QUEM vivifica a agricultura (Castilho.)

QUEM empregado com a preposição *sem* pelos escritores do seculo 16, como Camões: *Esposa sem quem não quiz amôr*, é substituido actualmente por *o qual*.

QUEM repetido tem valor de indefinido: *QUEM se afoga nas aguas encurvadas, QUEM bebe o mar e o deita juntamente*. (Camões.)

CUJO concorda com o subsequente que vem sempre claro e é differente do antecedente.

Antigamente era empregado como interrogativo, adotando a construção latina.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de *cujo* sem antecedente e subsequente immediatos si bem que classico é arcaico: *CUJAS são estas arvores? Eu sei cujo é o gado*.

Garrett empregou: *Que se ha de elle atrever contra o bispo cujo é? E a perguntar cujo é?*

O emprego de *cujo* por *de quem* ou *de quem*, embora não sendo de uso commum, é autorisado:

CUJAS são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes. (S. Romero.)

Dos povos CUJAS filhas são. (J. Verissimo.)

Entrou na reunião da Casa dos Bicos cuja era o dono. (R. Ortigão.)

CUJA é a lupa (Castilho.)

cujo fora o anel. (C. C. Branco.)

O relativo ONDE se não deve confundir com o adverbio onde.

O relativo tem antecedente a que se refere e compõe a clausula adjectiva.

O adverbio não tem antecedente e fórma a clausula adverbial.

V

Quantitativos : Numeral, Indefinido

I

Os **adjectivos numeraes** precedem os substantivos : *Cem livros*. Exceptua-se no verso.

São invariaveis, com excepção de *um, dois, duzentos* até *mil*, exclusiue : *Uma, duas, duzentas, novecentas e noventa e nove*.

Na linguagem commum *nove* tem plural na locução *noves fóra* (Th. Braga, *Grammatica*).

Ligam-se entre si pela conjunção *e* : *Vinte e nove; duzentos e quarenta*.

Entre—*cem* e *duzentos*—os numeros se expressam por—*cento* : *Cento e vinte, cento e noventa e nove*; precedendo immediatamente a—*mil*—se emprega—*cem* : *Cem mil livros*.

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta gerarchia, são empregados depois do nome : *Pedro segundo*.

Ha uma unica excepção, assevera Th. Braga : *Pedro Cem* corrupção de *Ocem*.

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes : *Livro quarenta e dois*.

Quando um numero cardinal encontra-se com

um ordinal, pôde-se indifferentemente collocar antes qualquer um d'elles :—*Os dez primeiros livros* ou *os primeiros dez livros* (Diez).

Na cronologia empregam-se os numeraes cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal :—*Mil oitocentos e noventa e quatro*—*Primeiro de Maio*.

Empregando a palavra—*seculo*—o cardinal pospõe-se e o ordinal antepõe-se :—*Seculo dezenove. Decimo nono seculo*.

A palavra—*ambos*—exige depois de si os artigos : *Comprei ambos os livros*.

Camões empregou sem artigo : *De ambas partes se move a primeira ala*.

Não são dignas de imitar as expressões pleonasticas : *ambos e dois, ambos os dois, ambos de dois*, ainda que tenham eserito : 7

DE AMBOS DE DOIS a fronte coroada.—(*Lusiadas* Camões.)—AMBOS OS DOIS residiam na poisada.—(*Mil e um mysterios*. Castilho)—*O certo é que AMBOS OS DOIS monges caminhavam juntos*—(*Monge de Cister. Herculano*.)

No Brasil, a não ser no falar popular, estas frases não são empregadas. O povo emprega *ambos e dois, ambos a dois, ambos de dois*.

Ruy Barbosa empregou-a na sua *Replica* :

Ambas as formas são grammaticaes? São-no AMBAS AS DUAS e cita exemplos a favor destas expressões, colhidos em Filinto, A. Herculano, Castilho e Camillo Castello Branco.

Já Manuel de Mello na *Revista Brasileira* apresentára exemplos classicos destas construções que não têm encontrado seguidores entre os literatos brasileiros.

Julio Moreira nos *Estudos da Língua Portuguesa* faz notar que o *d* que aparece em *ambos de dois* não é propriamente preposição. Representa um caso de phonetica sintatica. Foi a influencia do *d* do numeral *dois* que fez apparecer junto da conjunção e uma articulação igual. E' uma especie de *prolepse phonetica*, isto é, a antecipação do phonema seguinte.

II

Dos **indefinidos**, um contem idéa de pessoa indeterminada e equivale a *algum*.

E' empregado pelos antigos escritores com valor pleonastico—*O homem é um animal.*

Outro—tem as formas—*outrem* e *al.*

Alguem—substitui—*um*—e tem as formas *algu* e *alguem*.

O pronome *alguem* pôde ser substituido pelo substantivo *homem* indicando uma indeterminação: *Onde homem nunca chegou* (Diez). *Tediosa e impolida coisa é falar* *homem* (Castilho).

Corresponde ao pronome *on* dos francezes e ao se apassivador dos portuguezes. Empregaram no Castilho e Camillo Castello Branco (Apud. R. Barbosa.)

Tal—serve para designar uma pessoa hipotetica, que não se nomeia porque não existe: *Um tal Gonzaga* (Diez).

Usa-se de—*outrem*, *alguem*, *ninguem*—com adjectivos, já na forma masculina, já na feminina, segundo o sexo das pessoas de quem se fala: *Outrem mais PRENDADO OU PRENDADA do que eu*—*Aqui não ha alguem tam ISENTA OU ISENTA de vaidade*—*Aqui não ha ninguém que não fique SAUDOSO OU SAUDOSA do Sr.*

No estilo familiar—*alguem*—significa ás vezes pessoa de consideração. *Cuida que é alguem*—; e—*ninguem*—ao contrario, individuo sem importancia: *E' um ninguém.*

Ninguém—vindo antes do verbo não admite outra negação, mas depois d'elle não a exclui:—*Ninguém pôde dizer desta agua não beberei. Não vejo ninguém.* (Freire, Grammatica.)

Devem ser incluídas na classe dos indefinidos as formas: *pessoa alguma*, *um não sei que*, *seja quem for*, *fosse quem fosse*, *o que quer que seja* e semelhantes, que indicam alguma cousa desconhecida, incerta.

O mesmo se pôde affirmar a respeito do termo *gente*, com o valor do pronome *nós*.

Alguns escritores julgam que o emprego do termo *gente* é especial ao Brasil, constitui o que se chama um *brasileirismo*. Isto não é verdade.

Além dos exemplos seguintes, em que se vê *gente* (indefinido) usado por notaveis escritores portuguezes:

A *gente se está confortando* (Garrett.). *O pão da GENTE* (Castilho). *Já se a GENTE admira* (C. C. Branco). *Com as malas da GENTE*—(A Hollanda. R. Ortigão). *A GENTE não mais esquece.* (*Album dos costumes Portuguezes*. F. de Almeida). *Vai a GENTE por estas ruas.* (*Revista Lusitana*. J. Leite de Vasconcellos). . . . *o encanto dos livros em que a GENTE põe a sua alma.* (*Almanach Bertrand*. Oliveira Martins), vê-se que o termo *gente* é de frequente uso no sul de Portugal, onde o fazem concordar com um verbo na 1.^a pessoa do plural: *a gente vamos* (literariamente diz-se hoje *a gente vai*); e na lingua antiga encontra-se *a gente vão*, como no-lo affirma J. Leite de Vasconcellos no seu livro *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*—Pags. 147.

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substituir qualquer parte da oração ou uma oração inteira. Tem função de pronome de 3.^a pessoa: *América é de demonstrativo: Os do Brasil. Os que estão presentes.*

Emprega-se nos seguintes casos especiais:

- 1.^o Antes dos nomes principalmente no plural: *Os singulares serve para distinguir uma pessoa com mais precisão: O Camões; ou no estilo familiar: O José.*
- 2.^o Antes dos nomes de cidades, mares, etc. em sinima antes dos nomes geográficos. Muitas são as excepções a esta regra. Em geral levam artigos os nomes próprios que terminam em appellativos.
- 3.^o Antes dos nomes de Sr., Sr.^a, de títulos e cognomes: *O Sr. Antonio, O Visconde do Rio Branco, O Leão Cordeiro, Landel a Catholico.* Exceptua-se antes das formas *dom*, *dona*, *feit*, *soror*, *são*, *santa*.
- 4.^o Antes dos pronomes possessivos e ás vezes antes dos adjectivos possessivos quando se quer ex-

VI

Artigo

O **artigo** emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira.

Tem função de pronome de 3.^a pessoa: *Amei-a*; e de demonstrativo: *Os do Brazil. Os que estão presentes.*

Emprega-se nos seguintes casos especiaes:

1.^o Antes dos nomes proprios principalmente no plural: *Os Almeidas*. No singular serve para distinguir uma pessoa com mais precisão: *O Camões*; ou no estilo familiar: *O José*.

2.^o Antes dos nomes de cidades, mares, etc., em summa antes dos nomes geographicos.

Muitas são as excepções a esta regra.

Em geral levam artigos os nomes proprios que eram primitivamente appellativos.

3.^o Antes dos nomes de Sr., Sr.^a, de titulos, epitetos e cognomes: *O Sr. Antonio, O Visconde do Rio Branco, O Leão Corôado, Isabel a Catholica.*

Exceptua-se antes das fórmulas *dom, dona, frei, soror, são, santo.*

4.^o Antes dos pronomes possessivos e, ás vezes, antes dos adjectivos possessivos quando se quer ex-

primir veemencia, enfase, determinação: *Este é o meu filho e aquelle é o teu.*

5.^o Antes das horas: *Ao meio dia.*

6.^o Antes dos antonimos: *A lua e as trevas; a modestia e o orgulho.*

7.^o Antes das enumerações gradativas: *O sol, a luz, o calor, como vivificam a terra!*

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, ou quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado: *Este livro. Falar verdade. Vereis amor da patria não movido.*

E mais nos seguintes casos especiaes;

1.^o Antes dos termos principaes de um adagio: *Ouro é o que ouro val. Falar é prata, silencio é ouro.*

2.^o Nas enumerações sem idéa de gradação: *Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvai no tumulto.*

3.^o Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.

4.^o Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéa unica: *Ter fome.*

5.^o Antes de Sr., Sr.^a, quando a estes nos dirigimos sem lhes darmos titulo ou outro nome: *Sr. F. como vai?*

6.^o Antes do nome que vai ser definido: *Linguistica é a sciencia dos factos da linguagem.*

7.^o Nas apostofres ou frases exclamativas: *Avante! Mancebos.*

8.^o Antes do pronome *que* nas frases interrogativas, exclamativas ou optativas: *Que quereis? Que me dizes!*

9.^o Antes dos sinonimos: *O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.*

Os artigos se usam em composição com as preposições *a, de, em, per.*

Observa-se: 1.^o Até ao seculo 17 havia a fórmula *o* por *a—o*, semelhante a *á* por *a—a* 2.^o Antigamen-

te havia as preposições *per* e *por* e as contrações *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, e *polo*, *pola*, *polos*, *polas*. 3.º Deixamos de usar a contração *no*, *na*, *nos*, *nas* por euphonia, quando a palavra seguinte começa por som nasal; 4.º Quando aquellas preposições não regerem o substantivo immediato, não se faz a contração com os artigos: *Apezar DE o assunto ser bem desenvolvido*, isto é, *apesar DE SER o assunto bem desenvolvido*.

O mesmo se dá quando o artigo tem função de pronome: Em Castilho—*Mal houvera ella bastado A o trazer tão longe*, isto é, *a traze-lo*. (Casos do meu tempo, III.)



VII

Pronomes pessoaes

I

Os pronomes pessoaes exercem na oração as funções de sujeito, attributo e objecto.

EU e TU servem exclusivamente de sujeito ou attributo: *Si tu fôras eu*.

Não pôdem, assim, representar o papel de objecto, sendo substituidos neste caracter pelas suas variações *me*, *mim*, *te*, *ti*.

As fórmulas *eu* e *tu* só passam para *me* e *ti* quando precedidas immediatamente de preposição: *Para mim*, *de ti*, *entre mim*. *Entre mim e elle*; *entre elle e eu*.

Ruy Barbosa pensa que se pôde dizer *entre mim* e *elle* como *entre elle* e *mim*, sustentando que os pronomes devem sempre mudar de fórmula desde que estejam regidos de preposição. O Padre Antonio Vieira diz: *Como a comparação não é mais que entre meu Pai e mim*, e Fernão Lopes empregou: *Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero fallecer no que entre elle e mim é posto*.

ELLE, ELLA, ELLES, ELLAS, NÓS, VÓS pôdem servir de sujeito, de attributo ou de objecto com preposição clara.

Os brasileiros, é isto um facto muito conhecido, costumam empregar os pronomes *elle, ella, elles, ellas*, servindo de objecto directo: *Eu vi ELLE*.

Ruy Barbosa em sua memoravel *Replica*, confessa ter até bem pouco tempo pensado que só os brasileiros usavam de tal construção.

Verificou depois que bastantes casos se deparam nos classicos antigos:

..... e degradou ELLE e os filhos
Fernão Lopes.
..... dizendo que culpava ELLES
Idem.
Mas, assim, de longe os ordena ELLES a ventura
Bernardim Ribeiro.

Depois de uma comparação usam-se dos pronomes nominativos, sujeitos de uma oração elíptica: *Mais bella que TU (és bella); mais instruido que EU (sou instruido)*.

Os escritores antigos empregavam, porém, o caso objectivo, como vemos em Camões. *Porque sois maior que MIM*. Em Azurara: *Si não fosse como TI*. Em A. Ferreira: *Sou mais moço que TI*.

Esta construção, embora usada pelo povo português, não se usa actualmente e não é para ser imitada.

MIM, TI, SI, exigem sempre clara a preposição que os rege.

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, NOS, VOS, servem de sujeito ao verbo do modo infinitivo. *Mandou ME ENSINAR ao artista*, isto é *mandou que EU ENSINASSE ao artista*.

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, LHE, LHES, NOS, VOS, servem de objecto, sem preposição, e, collocados depois do verbo, a elle se ligam por um traço de união: *Deu-me. Amo-te. Quero-o*.

As fórmulas *o, a, os, as*, substituem desde o século 16 o pronome *elle*, quando exprimem a pessoa ou objecto sobre que se exerce a acção do verbo.

Têm as formas *lo, la, los, las*, empregadas por

euphonia depois do infinitivo dos verbos: *ama lo, quere-las* ou depois dos pronomes *nos* e *vos*: *NO-LO disse; VO-LO prometteu*.

Por euphonia também se emprega *no* por *lo* com os verbos no plural: *Traziam-NA os horrificos algozes*.

O mesmo se dá com o adverbio *não*: *Não NA estima*—Camões;—com o adverbio *bem*: *O porque bem NO sabem*—Castilho;—com a preposição *sem*: *Sem NA olhar ou sem NA entender*.—Castilho.

Observa-se, porém, que se dá esta ultima mudança sempre que a palavra anterior ao pronome termina em som nazal que assim se prolonga influindo sobre a voz seguinte.

« Os que dizem que o *l* é simplesmente euphónico, explicam a permuta de *r-l* em *amar-o*—*amal-o*. Mas como admitir permutas com *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, queda da letra precedente *r, s*, etc. e conservação do artigo *lo*. (Joaquim Ribeiro—*Grammatica*.)

De acordo com esta opinião, e justamente por ella, orthographamos as fórmulas *ama-lo, diz-lo* e semelhantes, e não *amal-o, dizel-o*.

A favor desta opinião damos a palavra a Adolpho Coelho (*Glottologia*) e a Gonçalves Viana (*Orthografia Nacional*).

Diz o primeiro:

« Nas formas verbaes da infinitivo e da 2.ª pessoa, em certas outras palavras como *todos, sober* (sobre)—dava-se a modificação do som final *r* ou *s*, por influencia do *l* do artigo; dizia-se assim: *amal-los homens* por *amar los homens*; *amal-las mulheres* por *amar las mulheres*; *sobo los rios* por *sober los rios*; *todo los dias* por *todos los dias*.

Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.ª pessoa: *amá-lo, âma-lo*.

Diz o segundo:

« Desde 1850, começou-se a dividir do verbo o seu completo objectivo da 3.ª pessoa, considerando este como tendo as fórmulas *o, os, a, as*, unicamente, e essa divisão defeituosa é geralmente adoptada hoje.

E', pois, urgente emendar as formas erróneas *matal-o, mátal-o, tem-n'o* etc. substituindo-lhes corretas: *matá-lo, máta-lo, tem-no*. etc.

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga fórmula do artigo—pronome, que se mantém depois de fórmulas verbais e

pronominais em *r*, *z*, *s*, suprimindo-se estes; *no* é o mesmo pronome-artigo, que se modificou, transformando-se o *l* em *n* por assimilação parcial do *l* á vogal ou ditongo nasal que termina certas formas verbais: assim *matá-lo*, (dantes escrito *MATAL-lo*), *máta-lo*, *tem-lo*, *di-lo*, *fá-lo* estão por *matar-lo*, *matas-lo*, *tens-lo*, *faz-lo*, *diz-lo*; *tem-no*, *dizem-no* estão por *tem-lo*, *dizem-lo*; *dá-ro-lo* por *dá-ros-lo*.

O pronome *lhe* aparece nos classicos com forma invariavel:

Entre a bôa doutrina que LHE davam (aos filhos)
Ant. Ferreira.

Tornaram outra vez ás nossas naus a LHE lançar dentro alguma chuva de settas—João de Barros.

E porque o caso leve se LHE faça

Põem uns poucos diante por negação...Camões.
SE, SI e COMSIGO, empregados como reflexivos, referem-se ao sujeito da oração.

Assim são incorretas frases como as seguintes:

Falei comsigo; falei de si; este livro é para si, significando: *falei com Vossê* ou *com o Sr*; *falei de Vossê* ou *do Sr*; *este livro é para Vossê* ou *para o Sr*.

Corretamente se diz:

João falou de si, isto é *falou DE SUA PROPRIA PESSÔA*.

Traga o dinheiro COMSIGO, isto é, *traga o dinheiro COM VOSSÊ*

Camillo Castello Branco violenta e energicamente bradou contra o tratamento da 2.^a pessoa representada pelo pronome *si*, que tem a seu favor Francisco Manoel de Mello: *Quando Vossa Mercê nos der aquellâ occasião de alegria que desfaça em si e em nós os pezares presentes*.

Assim também Alex. Herculano: *A carta que me dirige tem um sabor acre, queime-a...* Não é por mim: é por si.

MIGO, TIGO, SIGO, NOSCO, vosco são empregados sempre com a preposição *com*, clara: *comnigo*, *contigo* *comnosco* etc.

Quando concorrem dois pronomes antes do verbo o que serve de sujeito é collocado em primeiro lugar: EU TE *contarei as minhas máguas*.

Na syntaxe antiga, adotada mesmo pelos classicos, o pronome sujeito era collocado depois.

Camillo C. Branco escreveu: *Como se ME ELLE antolhava. Que ME ELLES deixaram*.

Garrett: *Que TE ELLE pague. Porque LHE ELLE tinha a irmã*.

Castilho: *Quanto a que LHES nós levamos*.

Por uma construção especial ás linguas românicas, a Língua Portuguesa adotou a repetição do pronome pessoal, por enfase:

EU *admira-me*.

EU ME *parece*.

A PATRIA *defende-a o patriota*.

Esta construção é popular e encontra exemplos nos classicos, como em Gil Vicente: *CADA SACERDOTE LHE cumpre estudar*.

Em Camões:

Mas TU...

A TEU PORTO *seguro pavegamos*.

Em Sá de Miranda: *Ao DOENTE não se LHE ha de fazer a vontade*.

Nos adagios este emprego é commum:

AQUELLE a quem Deus quer bem o vento LHE *apanha a lenha*. QUEM pouco tem pouco LHE *basta*.

(Apud Ruy Barbosa—*Replica*.)

O Dr. Carneiro Ribeiro julga incorretas frases como *eu parece-me*, *eu lembrou-me*, e semelhantes, mas confessa: Não desconhecemos que haja entre os classicos exemplos em que se notam estas expressões; e cita: Bernardim Ribeiro, Garrett, Castilho e Camillo.

O pronome *nós* substitui, algumas vezes, o pronome *eu* por modestia ou por delicadeza da pessoa que fala.

Exemplos desta construção encontram-se nos classicos: *Nós é que não sei si o fazemos*. (A. Herculano). *Sem nos apartarmos da historia de José mostrarei...* (Vieira).

Neste caso o verbo vai para plural, mas o adjectivo

tivo em relação attributiva com esse pronome fica no singular: *Antes sejamos breve que prolixo.* (João de Barros) *Não somos bastante para cumpridamente louvar.* (F. Lopes).

Esta construção, tam censurada por Silva Tullio, encontra oppositores, que se estribam em Fr. Luiz de Souza, Vieira, Leoni, Alexandre Herculano, Latino Coelho e Camillo.

Entretanto vê-se que ella é variavel, pois que Innocencio da Silva, J. de Castilho e o proprio Alexandre Herculano usam do adjectivo no singular.

Ha em Portuguez varias expressões que Diez denominou *pronomes de reverencia*; taes são: *V. Mercê, V. S., V. Ex.^a, V. Alteza, Vossê*, etc.

A de uso mais commum é *Vossê* fórma contracta de *Vossa Mercê*, com as fórmas intermediarias *Voss' mercê* e *Voss'messê* e que é considerado como um verdadeiro pronome.

E' de empr. go popular e substituiu completamente o pronome *vós*, tam usado nos tempos antigos.

Este pronome, apezar de representar um sujeito de 2.^a pessoa, exige o verbo na 3.^a pessoa: *Vossê (2.^a pessoa) quer?* (3.^a pessoa).

Esta construção é similhante á franceza, em que o criado fala na 3.^a pessoa: *Monsieur, veut-il.*

No Allemão, diz Pott, faz-se tudo para não empregar o pronome de 2.^a pessoa, e quando se tem de faze-lo, recorre-se ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo.

Na linguagem familiar junta-se commummente uma das variações pronominaes ao verbo como para exprimir que a pessoa a que o pronome se refere tem interesse na acção: *Não ME pratiques esta falta. Não ME saias d'aquí.*

Todas as variações pronominaes combinam-se com as fórmas *se* e *o, a, os, as*. O pronome---*se* sempre se antepõe; os pronomes---*o, a, os, as*, sempre se pospõem.

Sem que t'o merecesse nem te errasse.

Tornar-se-lhe amarello de enfiado.

Camões.

Quando se combinam---*lhe-e-o, a, os, as*—a primeira fórma nunca tem plural: *conta-lh'o---e não--- conta-lhes-o.*

Com os pronomes *me, te, lhe*, dá-se a figura sinalefa: *m'o, t'o, lh'o.*

Com os pronomes *nos, vos* empregam-se *lo, la, los, las* em vez de *o, a, os, as*, caindo a letra---*s*---por euphonia: *no-lo, vo-la.*

Póde-se dar a combinação de tres variações pronominaes: *Dê-se-lh'a.*

11

As variações pronominaes, sem preposição clara, não têm acentuação propria; ficam, assim, sujeitas á acentuação de outra palavra junto da qual se acham.

A collocação dessas variações pronominaes (pronomes regimes ou casos obliquos) póte ser feita antes dos verbos: *próclise*; depois dos verbos: *ênclise*; e no meio das fórmas do verbo: *mesóclise*.

Os pronomes tomam, por isto, as denominações de: *proclíticos, enclíticos* e *mesoclíticos*.

A questão sobre a collocação dos pronomes regimes ainda não está resolvida, ou porque, como diz João Ribeiro, o phenomeno não tem sido observado perfeitamente ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

Já o Grammatico, de Funchal, Francisco Ferreira de Andrade Junior, em 1850, na sua *Grammatica das Grammaticas*, tinha observado o phenomeno.

José Feliciano de Castilho nas *Questões do Dia*, J. A. Teixeira de Mello no periodico *Luz*, de Campos, Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, nos annos de 1871 a 1874, Arthur Barreiros na *Revista Brasileira* de 1880 e ultimamente Said Ali na mesma *Revista* de 1895, discutiram largamente a materia.

As regras sobre a collocação dos pronomes se chocam entre si, ou não têm apoio nos classicos.

Vejamos:

Diz Teixeira de Mello: Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes vêm depois.

Entretanto diz Gama e Castro: Quando a frase começa por uma conjunção os pronomes vêm antes.

Diz Paranhos da Silva: Ha quem pense que só nas orações incidentes se pôdem collocar antes dos verbos os pronomes *me, te, se*, etc. entretanto:

No gesto natural se converteu. Camões.

Assêrta José de Castilhos: Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome; no entanto:

Eu ponho-me a pagar. Gil Vicente.

Eu me arranco d'aquí com magua e dor. A. Vieira.

Ella lhe prometteu vendo que a amavam. Camões.

Eu precipito-me nelle. Herculano.

Affirma Arthur Barreiros: Depois das palavras *a, e, mas* o pronome é enclítico; entretanto: *Té que aprouve a Deus de o levar para si e LHE succedeu.* etc.

Em Madrid tambem se recitaram poesias e se fez a festa, etc. P. Chagas.

Diz Teixeira de Mello: Nas fórmãs de gerundio, nunca se deve antepôr.

João Ribeiro: Nas frases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello: No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois; entretanto em Camões:

..... e começa os olhos bellos

A LHE beijar, as faces e os cabellos.

Adolpho Coelho dá na *Revista Lusitana* a seguinte regra que reconhece não ser necessaria:

Atrãem o pronome regime para antes do verbo:

Q: pronomes indefinidos	} precedendo o verbo.
Os pronomes interrogativos	
Os pronomes relativos	
Os advérbios em geral (excepto os compósitos com <i>mente</i>).	
As conjunções em geral	
As preposições com infinito	

* Entretanto Said Ali é de parecer que essa atracção é illusoria.

E' evidente, diz elle, que não basta o facto de se achar a palavra *A* ou *B* antes do verbo para produzir a anteposição ou proposição do pronome.

E' preciso indagar quaes as condições, em que a mesma palavra *A* ou *B* se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclítico e quaes as condições, em que ella apparece seguida do verbo com o pronome proclítico.

Baptista Caetano nos seus *Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portugueza* assêrta:

Uma das regras mais rigorosas da syntaxe é a que exige o pronome anteposto aos verbos em todas as orações de que relativo ou conjuntivo.

Os classicos, entretanto, não obedecem a esta regra; por exemplo, Vieira: *De sorte que Christo defendeu-se do diabo com a escriptura.*

Castilho: *sente-se que eu tire-LHE.*

João Ribeiro affirma como obrigatoria a regra da anteposição com a conjunção *porque*.

Mas vemos Alex. Herculano escrever:

Porque a decisão da matéria estribava-se nesta distincção.

Os advérbios de lugar e tempo, para outros grammaticos, ordenam a anteposição.

Mas Manoel Bernardes disse: *Ali São Pedro teve-se com Malco.*

E Vieira: *agora dá-se quando está immortal e glorioso.*

Lá come-se Deus exposto e descoberto, aqui come-se coberto e encerrado.

Outro preceito, considerado absoluto, ordena a anteposição nas orações negativas; mas nos *Lusiadas*, Camões disse:

Não sendo seu soldado experimentado

Nem vendo-se num cerco duro e urgente.

Da mesma fórma Vieira: *Viu que não conservando-se...*

E afinal até a regra aceita por todos os grammaticos de não se posporem os pronomes obliquos ao particípio passado, não é observada por Filinto Elysio:

O veado não chorou. Que tinha a rainha

enganado-LHE a esposa; o filho...

Depois de ter sacrificado aos Deuses e dado-LHE graças pela victoria. Bernardo de Brito. (Apud. Dr. Ernesto C. Ribeiro).

Modernamente Paulino de Brito estabelece o seguinte:

Com o futuro e o condicional o pronome deve ser proclítico ou mesoclitico; nos tempos compósitos o pronome nunca deve ser ligado ao particípio passado; evite-se a posposição do pronome quando com este acrescimo o acento tonico da palavra venha a ficar antes da antepenultima syllaba.

Resumámos, para terminar, com o eminente Ruy Barbosa:

«A todas as regras, pois, concernentes á inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapôr alguns exemplos autorizados de bons escriptores.

Nenhum canon existe na syntaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordancia inevitavel do verbo com o sujeito a que não contradigam, na literatura dos mestres da lingua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos fre-

quentes, devidas umas a incorreções de officina, outras a negligências dos proprios escritores.»

E mais adiante, em sua *Replica*, novamente affirma :

«No que respeita á collocação dos pronomes complementos, não ha, talvez, um canon, dentre os mais estrictos que resista a essa prova : a do consenso unanime e invariavel dos bons autores.

Resumem-se em quatro as regras sobre a collocação dos pronomes obliquos :

DEVE-SE COLLOCAR ANTES DO VERBO, isto é, o PRONOME é PROCLITICO :

1.º NAS ORAÇÕES NEGATIVAS :

NÃO LHE *era facil, porém, diagnostica-los*—L. Coelho.

NUNCA LHE *ouvi nem disse palavra*—Camillo.

SEM ME *lembrar nem me importar mais nada*—Garrett.

Mas NÃO LHE *sucededeu como cuidava*—Camões.
NADA LHE *pode resistir*—Vieira.

2.º NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS DE QUE (pronome ou conjunção, simples e composta : *porque, para que, ou mesmo oculta*), QUAL, QUEM, CUJO e ONDE.

Os *cabellos que os trabalhos do mundo LHE branquearam*—Bernardes.

Comparou ás andorinhas AS QUAES LHE pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista—Vieira.

Nós fomos QUEM no berço o embalamos—Filinto Elysio.

Umas dessas *especies extinctas* CUJO desmarcado tamanho NOS *assombra*—R. Barbosa.

Parece QUE a natureza inteira LHE *estava dando uma festa*—Camillo.

A pouca distancia do valle ONDE SE *viam as ruínas*. Herculano.

Ordenou Deus (que) LHE *chegassem novas*—Vieira.

3.º NO GERUNDIO COM A PREPOSIÇÃO *em*, NO PARTICIPIO PASSADO, NO FUTURO E NO CONDICIONAL :

EM OS OUVINDO, *tudo vai em uma poeira*. D. Francisco Manoel de Mello.

EM SE AVISTANDO *sitio tão feliz se descobrem as suas largas muralhas*—Vieira.

Tenho TE AMADO *muito*.

Oh ! Não TE CHAMAREI *íngrato ; sou filho teu*—Garrett.

Tu ME *falarias assim si me estimasses*.

No futuro e no condicional o pronome póde tambem ser *mesoclitico*.

Dize-me com quem andas e DIR-TE-EI as *manhas que tens*.

O tempo TER-LHE-IA *faltado para a fazer executar*.—A. Herculano.

DEVE-SE COLLOCAR DEPOIS DO VERBO, isto é, o PRONOME é ENCLITICO :

NO COMEÇO DAS FRASES :

DISSERAM-ME *que hontem chegaste*—e não—ME DISSERAM *que hontem chegaste*.

Raros são os exemplos classicos em contrario a estas regras, e a tendencia moderna é observa-las restritamente.

São dignas tambem de serem adotadas, pelo uso commum que d'ellas fazem os bons escritores, as regras seguintes :

HA ANTEPOSIÇÃO OU POSPOSIÇÃO :

1.º QUANDO OS ADVERBIOS, PRINCIPALMENTE OS DE TEMPO E QUANTIDADE, SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

HOJE LH'O *dão*, AMANHÃ LH'O *tiram*. F. Manoel.

ASSIM o *entendem graves doutores*... Vieira.

MUITO ME *conta*. Sr. Patrão. A. Herculano.

QUANTO menos NOS *resta de vida tanto mais devemos procurar seja honesta*. Bernardes.

Leva-me para ONDE TE *aprouver*. Herculann.

2.º QUANDO OS INDEFINIDOS SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

Na MESMA *chaga* ME *feriste*. M. Bernardes.

A quem não tem bens NINGUEM LHE quer mal,
Vieira.

Embora TODOS TE reneguem eu nunca te rene-
garei. Garrett.

A um príncipe vicioso TUDO se LHE rende—
Vieira.

AMBOS OS regimens SE divorciaram da liberdade.
R. Barbosa.

Nestes dois casos ha verdadeira atracção destas
palavras sobre os pronomes obliquos. E' assim que
si os adverbios e indefinidos se acharem collocados
antes dos verbos os pronomes são *proclíticos*, si se
acharem collocados depois, os pronomes são *enclíticos*.

HA POSPOSIÇÃO :

NAS FÓRMAS DO IMPERATIVÓ :

VÊDE-O *no vosso escudo*. Camões.

Os antigos usavam da *próclise*, afastando mais
do verbo as variações pronominaes, isto é, collocavam
uma ou algumas palavras entre o pronome e o verbo :

Pois nos Deus aqui AJUNTOU—Heitor Pinto.

Onde os elle, quando chegaram já ESTAVA ESPE-
RANDO—Lucena.

Igual construção se encontra em :

Camillo C. Branco : *Que ME elles DEIXARAM*.

Garrett : *Si ella ME não amava*. *Que LHE ella*
pareceu.

Castilho : *O que ME hontem ABORRECEU*.

Esta syntaxe já está sendo usada em linguagem
literaria, pelos brasileiros, principalmente para evitar
algum som desagradavel : *Os motivos QUE ME AGORA*
apareceram, em lugar de *QUE AGORA ME APARECERAM*.

Pronome—se—

III

O pronome *se*—fórma tambem na Lingua Por-
tugueza a voz passiva que é representada pelo verbo
ser : *Fazem-se casas*, ou *casas são feitas*.

Em Camões :

... o mar remoto navegamos

Que só dos feios phocas SE NAVEGA,

isto é—E NAVEGADO *pelos feios phocas*.

Exercendo o pronome *se* a função apassivadora,
fórça o verbo a ir para o plural quando o objecto
que recebe a acção, estiver no plural.

E' erro, assim, dizer : *Vende-se casas* ; *elege-se*
commissões.

A verdadeira construção é : *Vendem-se casas* ; *ele-*
gem-se commissões ; isto é, *casas são vendidas* ou *estão*
para ser vendidas ; *commissões são elegidas* ou *estão*
para ser elegidas.

E' verdade que disse João de Barros :

SE NOTA *pelos mareantes* OS PERIGOS do mar.

Existe ahí por certo, na opinião geral, erro typographi-
co : *se nota* por *se notam*.

A este exemplo, citado em geral pelos grammaticos,
Ruy Barbosa acrescenta mais alguns outros de D. Diniz, Ca-
mões, Vieira, Fr. Luiz de Souza, Couto e Castilho sem que
aconselhe tal construção.

Algumas vezes, em que rão convem, se não pó-
de ou se não quer determinar o sujeito que pratica
a acção, emprega-se o pronome—*se*—indicando uma
indeterminação : *Morre-se de fome*. *Por tudo isto se*
admira a Vieira ; *a Bernardes admira-se e ama-se*. (A. F.
Castilho).

Em outros casos essa indeterminação se acha in-
cluida no verbo que é empregado na 3.^a pessoa do
plural : *Dizem que houve um grande incendio*.

Bem affirmava Adolpho Coelho :

«A lingua tem perdido muito a consciencia do carácter
dessas construções ; d'ahí vem o emprego do verbo no singu-
lar com o sujeito no plural : *sabe-se noticias*, *conta-se casos* e ou-
tros tam frequentes no falar usual e na linguagem descurada
das folhas periodicas.

Nestas phrases incorrectas *se* adquire *quasi* o valor de in-
definido empregado como sujeito da proposição e corresponde
apparentemente ao francez *on*.

E' assim, continúa elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convem á cousa) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos.»

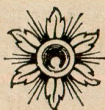
Alem desta função, o pronome —se— tem outros usos importantes, como diz João Ribeiro.

1.º Dá ao verbo um sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: *Elle se partiu, se foi embora* (isto é, por vontade propria e espontanea). *Alegremente se partia.* (Camões). *Tinha-se ido a Roma ao estudo de direito.* (Castilho).

Esta função desempenham tambem os pronomes *me, te, nos, vos.* *Subo-me aos montes* (Camões). E' um pronome expletivo.

2.º O uso de *ser-se* é uma consequencia do anterior e por elle se explica cabalmente: *Quando se é rico; si se é pobre*—tod' a existencia expressa pelo verbo vai e volta ao sujeito ou nelle se cifra e limita.

3.º O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente serve para designar phenomenos naturaes: *A agua evapora-se*—que differe de—*a agua é evaporada* (podendo se-lo nesse caso artificial e propositadamente por outro agente).



VIII

Verbo : concordancia ; correspondencia dos tempos

I

O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa.

Devemos notar :

1.º Concorrendo muitos sujeitos no singular, o verbo vai para 3.ª pessoa do plural:— *A palhoça, o sobrado, o palacio estão habitados.*

Si o verbo fôr enunciado primeiro póde ficar no singular:— *Está habitada a palhoça, o sobrado, o palacio.*

2.º Muitos sujeitos no singular estando comprehendidos ou individualizados por uma palavra colectiva ou no singular, como: *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguém, isto,* etc., exigem o verbo na 3.ª pessoa do singular: *A palhoça, o sobrado, o palacio tudo ou nada, etc. foi queimado.*

3.º Si estes sujeitos fôrem substantivos sinonimos ou exprimirem uma enumeração gradativa, o verbo fica tambem no singular:— *O riso, o prazer, a alegria, fazia-a mais formosa.*

4.º Si concorrerem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural: a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e

esta sobre a 3.^a:—*Eu e João somos jovens. Tu e Pedro sois ricos.*

5.^o Quando o sujeito é colectivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o colectivo é geral, vai para o plural si o colectivo é partitivo:—*O rebanho de ovelhas era dirigido por um lobo.* Fr. Luiz de Souza. *A maior parte daquellas arvores remoçavam.* Castilho.

Geralmente o verbo fica no singular.

Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais á quantidade que significa o colectivo partitivo do que á qualidade do substantivo, o verbo concorda no singular com o colectivo—*Um inverno se ajuntou a maior parte delles em casa de um antigo morador daquelle lugar.*—Rodrigues Lobo.

Tambem com o colectivo geral, si attendermos mais á qualidade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que á quantidade que significa, o verbo vai para o plural concordando com o substantivo:—*A cavallaria dos mouros que vieram a seu chamado.*—João de Barros. (Apud Silva Tullio.)

6.^o Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com* equivalendo á conjunção *e*, isto é, quando todos praticam conjuntamente a acção, o verbo vai para o plural:

Que EU CO' O GRÃO MACEDONIO E CO'O ROMANO LEMOS lugar ao nome lusitano. (Camões)

7.^o Quando os sujeitos estiverem ligados pelas conjunções *ou*, *nem*, o verbo irá para o plural si a acção se referir á totalidade dos sujeitos. No caso contrario ficará no singular: *NEM EU NEM TU ESTIVEMOS aqui.* OU *JOÃO OU FRANCISCO ESTÁ doente.*

8.^o Quando o sujeito fôr a expressão *um de*, *um dos*, *uma de*, *uma das*, seguida do pronome *que*, o verbo vai para o singular ou plural conforme a acção fôr feita por um só sujeito ou por muitos:

Na Asia foi UM DOS GOVERNADORES QUE MAIS IMPULSIONOU a queda do imperio indico. C. Castello Branco.

O Vouga é UM DOS RIOS de Portugal QUE ENTRAM no mar. Leão.

9.^o Quando o sujeito fôr *um e outro* o verbo vai para o singular ou para o plural conforme a acção se refere a um só sujeito ou a muitos:

UM E OUTRO SERVIÇO EXIGE iguaes cuidados. Castilho.

UM E OUTRO LUGAR ERAM mais altos. Vieira.

10.^o O verbo *ser*, como forma com o attributo o predicado grammatical, muitas vezes soffre a atracção do attributo e com este concorda, e não com o sujeito: *Tudo SÃO FLORES.*

Camões empregou: *As nímphas do oceano OUTRA COUSA não é.*

11.^o Quando o sujeito é o pronome *que*, o verbo concorda com a palavra a que esse pronome se refere: *Eu sou QUE ANDO. Nós somos QUE ANDAMOS. Elles são QUE ANDAM.*

Si, porém, o sujeito fôr o pronome *quem*, o verbo concorda na 3.^a pessoa do singular: *Eu sou QUEM ANDA. Nós somos QUEM ANDA.*

Neste como nos outros casos a concordancia se faz logica ou grammaticalmente.

Lembra João Ribeiro um caso muito excepcional em que a concordancia se faz singularmente com cada elemento de um sujeito composto: *Deus e a sua justiça sempre é o mesmo e a mesma.* Vieira.

II

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto enunciado pelo verbo é certo; e que o subjuntivo mostra que o facto é duvidoso, hipotetico.

Para sabermos qual devâmos empregar, é preciso que attendâmos á oração principal, isto é, áquella que representa a idéa primordial, mais importante, e ás orações subordinadas que a ella se acham ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma coisa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquelle exprime alguma coisa de incerto, este fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal significa *pensar, crêr, saber, parecer, afirmar*, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa *admiração, surpresa, vontade, desejo, alegria, tristeza*, o verbo da subordinada fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal é impessoal ou usado impessoalmente, o verbo da oração subordinada vai para o subjuntivo.

As conjunções *embora, quer*, exigem subjuntivo; *posto que, bem que* e em geral as compostas de *que* levam o verbo ao subjuntivo ou ao indicativo.

E' muito commum a substituição do condicional pelo imperfeito do indicativo: *Si Vossê me ouvisse não saía hoje* — por — *não sairia hoje*. Casti ho, por exemplo, escreveu: *Eu, si fosse a Sr.^a, atirava paixões*.

O futuro é muitas vezes substituído pelo presente: *Si quizer vou ao espectáculo*, em lugar de — *irei ao espectáculo*. Tem também função de imperativo: *HONRARÁS teu pai. Não CUBICARÁS as cousas alheias*.

Poderíamos estender as regras do emprego do subjuntivo a um grande numero de casos, mas Julio Ribeiro que sobre este assunto escreveu proficientemente, diz: Não é pretensão do autor que estas regras abranjam todos os casos possiveis do uso do subjuntivo.

Os tempos também se correspondem entre si.

Ao *presente* do indicativo correspondem: todos os tempos quer do indicativo, quer do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

Ao *imperfeito* do indicativo correspondem: o imperfeito, o mais que perfeito, o condicional do indi-

cativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *auristo* correspondem todo o indicativo; o imperfeito, o mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *mais que perfeito* do indicativo correspondem: o imperfeito e mais que perfeito do indicativo, o condicional; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *futuro* do indicativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito perfeito e o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao *condicional* correspondem: todo o indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo, e o infinitivo pessoal.

Ao *imperativo* correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito imperfeito e o futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal.

Aos tempos do *subjuntivo* correspondem: os do indicativo e do infinitivo e elles proprios.



IX

Fôrmas nominaes do verbo

As fôrmas nominaes do verbo são : o *infinitivo*, os *participios* e o *gerundio*.

O *infinitivo* presente dos verbos em Portuguez tem duas fôrmas : uma *peessoal* e outra *impessoal*.

O emprego do infinitivo pessoal constitui um *idiotismo* : o Portuguez é a única lingua que o admite.

No dialecto gallego tambem se encontram fôrmas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada* : — *Para sairen e entraren* (Apud Diez e Julio Ribeiro).

O *infinitivo* pessoal que tanta clareza traz ao sentido da frase, é de data antiquissima.

De seu uso se encontram exemplos no *Livro das Linhagens*, em varios *Cancioneiros* e em um foral de Lisboa de 1179.

«Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, por que nos autores apparecem alguns destes erros, é devido á influencia que a literatura hespanhola exerceu na Lingua Portugueza. Porque não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de «empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.»

Adolpho Coelho julga da mesma fôrma que : «as construções do infinito com pronomes, nas orações chamadas de modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realisado da funcção verdadeira do infinito, a analogia, applicam-nos perfeitamente este facto peculiar do Portuguez. As

outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.»

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre ellas uma, sobre que em geral estão os grammaticos de acordo, é a seguinte :

«*Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio.*»

Julio Ribeiro em sua *Grammatica* protesta contra esta regra e entre duas indicações diz :

«Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio.»

Si aquella regra fosse absoluta, Camões, o mestre da lingua, errára quando nos *Luziadas* escreveu : *E folgarás de veres a policia.*

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano : — *As aves pareciam nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rapidos, folgarem com os primeiros dias das estações dos amores.*

Tambem o Padre Vieira : — *E' necessario para se conservarem nesta nova representação e para governarem como devem, que se apartem de suas proprias raizes.*

E Camillo Castello Branco : — *..... bufarinheiros pregoam no intuito de fazerem sua cumplace á nobilissima neta de Platão.*

Fr. Luiz de Souza : — *..... que ao pé de Santa Engracia se queixavam os visinhos de verem sahir á meia noite.*

E Ad. Coelho : — *..... trabalhos taes demandam longos annos de laboriosas investigações para terem um valor scientifico.*

Julio Ribeiro, de acordo com Diez, dá duas listas de frases, em que ora o infinitivo é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito differente : — *E' tempo de partirdes. Viu nascerem duas fontes.*

O mesmo sujeito : — *Não tens vergonha de ganhares a tua vida tam torpemente. Todos estão alegres por terem paz.*

E' preferivel empregar o infinitivo pessoal :

Quando o infinitivo tiver sujeito proprio, isto é, differente do sujeito do verbo finitivo :

Vimos as Ursas, apezar de Juno,

Banharem-se nas aguas de Neptuno.

Camões. *Luziadas.*

Apesar dos sujeitos do modo finitivo e infinitivo serem identicos, emprega-se geralmente a fôrma pessoal, por necessidade de clareza :

Biblioteca Pública Municipal
Ver. Remulo C. D'Arace
Pindamonhangaba

1.º Quando o infinitivo estiver distante do finitivo:
... DEMANDAM *longos annos de laboriosas inves-
tigações para TEREM um valor scientifico.* Adolpho
Coelho.

2.º Quando o infinitivo estiver antes de qual-
quer outra fórmula finitiva :

Para se CONSOLAREM os infelizes DORMIAM *tran-
quillos em seus leitos macios.* A. Herculano.

3.º Quando entre o verbo do modo finitivo e o
infinitivo houver alguma palavra que possa ser su-
jeito deste : TEMOS PODER *para nos CONSERVARMOS in-
teiro.* (Apud Ernesto Carneiro Ribeiro).

Deve-se também empregar o infinitivo pessoal :

Quando o infinitivo fôr sujeito do verbo fini-
tivo : *E' triste* DEFINHARES *com tão pequeno pezar.* João
Ribeiro.

O *participio presente*, simples adjectivo, não ad-
mitte flexão de género, e sim de numero e de gráu :
Amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força parti-
cipal :

— *Cegou* ENTRANTE *á lida.*

— *Os quaes* TIEMENTES *Nosso Senhor.*

— *Chama a nós a Santa Escriptura de Deus* DI-
ZENTE (Apud Ad. Coelho).

O *participio passado*, considerado como adjecti-
vo, concorda com o sujeito da oração, quando o ver-
bo é *ser* ou *estar* e fica invariavel quando o verbo
é *haver* ou *ter* :

As artes são ESTIMADAS.

Os vicios estão DESCOBERTOS.

Temos ESTUDADO *bastante.*

Havemos VENCIDO *as difficuldades.*

Antigamente esta regra era vacillante :

Quebrar as treguas que tinha FEITAS.—D. Nunes.

Outras muitas que tinha OUVIDAS.—B. Ribeiro.

Que tanto mar e terras tem PASSADAS.—Camões.

O *participio do futuro* desapareceu da conjuga-
ção portugueza e só é usado como adjectivo ou subs-
tantivo : *vindouro, casadeira, matadouro, iracundo,
reverendo.*

O *gerundio* fórma as linguagens dos verbos fre-
quentativos, é invariavel.

Pede a preposição *em* que o precede, e indica, as-
sim, que uma nova acção se vai seguir : *Em corren-
do chegarás cedo.*

O gerundio regido desta preposição é de uso
latino.

Antigamente se empregava também com a pre-
posição *sem*.

Como lembra Pacheco da Silva Junior nas suas *Noções
de Semantica*, no Portuguez antigo, o participio concordava com
o sujeito do verbo em género e numero quando vinha cons-
truido com os verbos *ter* e *ser*. Tanto se dizia *estamos conven-
ciãos e convencido, somos errados, leal nos serviços que lhe tinha
feitos* (Fernão Lopes) ; *votos que tinha feitos ; quantas culpas ti-
nham commetidos* (Fern. Mendes).

Desde muito cedo, porém, manifestou-se a tendencia para
a invariabilidade do participio passado : *maravilhas que deixou
feito* (Caminha) ; *deixou-lhe queimado a cortina* (P. Per.) ; *deixan-
do descoberto 350 leguas.* (Barros).



X

Sintaxe do verbo "haver"

O verbo *haver* póde ser tomado em duas accepções: como *auxiliar* e neste caso é verbo perfeito, isto é, conjuga-se em todos os tempos e pessoas; e como *impessoal*, com o sentido de *ter*, *possuir* e neste caso é verbo defectivo, só sendo conjugado na 3.^a pessoa do singular.

Varios têm sido os modos de interpretar a sintaxe do verbo *haver*.

Uns grammaticos dizem que o verbo *haver* não necessita sujeito claro: sua sintaxe é semelhante á dos verbos *chover*, *trovejar*, etc.

Outros dizem que o verbo *haver* é empregado no sentido de *existir*; usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja de terceira pessoa do plural.

Explicam a discordancia incluindo essa construcção na classe dos *idiotismos*.

Outros sustentam que o verbo impessoal *haver* tem a significação de *existir*, e emprega-se ordinariamente com um sujeito grammatical occulto: *classe*, *genero*, *numero*, *especie*, *porção*, *quantidade*, *numero*, *espaço*, etc. e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de* tambem occulta.

Assim nos versos de Camões:

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.*

a sintaxe regular é:

Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes NUMERO DE TRAIADORES HOUVE *algumas vezes*.

Finalmente, outros dizem que o verbo *haver* significa *ter*, *possuir* e tem como sujeito uma palavra occulta que será indicada pelo sentido.

Assim na frase: *Haverá lances*, o sujeito será *a vida* ou *o tempo*, sendo *lances* o objecto directo.

Na frase: *Ha homens*, o sujeito será *a sociedade*, ou *o mundo* e—*homens*— o objecto directo.

Diversas são as provas a favor desta interpretação.

A etimologia do verbo *haver* indica a fórmula latina *habere* que significa *ter*.

A analize da frase franceza: *Il y a des hommes* —em Portuguez— *Ha homens*— considera *hommes* como objecto e *il* (*indeterminado*) como sujeito.

No Portuguez antigo o verbo *haver* era empregado por *ter*:

..... Elle HAVIA nome Antão (Apud João Ribeiro).

Em Gil Vicente:

*Como HAS nome cavalleiro
Eu HEI nome todo o Mundo.*

Ainda mais.

O povo conserva puras as primitivas fórmulas das palavras.

Vemos que são populares as frases:

Hoje TEM missa—por—*Hoje HA missa*,
TEM dias que não são—por—*HA dias que não são*.

O substantivo verbal *haveres* é sinonimo de *tercs, possuidos (posses)*.

O adverbio *eis* é para o geral dos grammaticos uma forma do verbo *haveis—heis—eis*: *EIS aqui mil e quinhentos marcos de prata*—Bernardes—equivale a —*Aqui* *TENDES mil e quinhentos marcos de prata*.

Como ultima prova a que apresenta o Dr. A. Freire da Silva em sua *Grammatica*:

«Na maxima seguinte: *Ha fanfarrões de sciencia como os ha de valor e nobreza*, o Marquez de Maricá não substituiu na segunda proposição o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como devera si fosse sujeito, mas sim pelo pronome—*os*—que neste caso tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo do verbo *ha*.»

Ha-os nesta collecção de todas as especies.

Neste exemplo—*os*—não póde ser sujeito, é, sim, objecto, estando o verbo *haver* na significação de *ter, possuir*.

Sintaxe analogia á do verbo *haver* no singular com o sujeito occulto e o objecto directo claro, no plural, é a do verbo *fazer* em certas construcções: *FAZ 10 dias que te não vejo*.

O sujeito nestas orações vem a ser geralmente *o tempo*.

Não faltam exemplos nos classicos:

Oito dias FAZ hoje que Christo o resuscitou—Vieira.

FAZ agora tres annos e um dia—Alex. Herculano.

FAZ agora seis mezes.—Castilho.



XI

Palavras invariaveis

I

ADVERBIO

O adverbio póde ser representado por um adjectivo: *Comprou BARATO. CASA MEIO feita*.

A grande classe dos adverbios em *mente* é formada pela ligação deste suffixo á forma *feminina* do adjectivo: *sabia-mente, humana-mente*.

O emprego dos adverbios em *mente* não é arbitrario.

Quando concorrem dois ou mais adverbios desta especie só o ultimo, em geral, toma esse suffixo:—*Santa, justa e correctamente*.

Esta regra era violada pelos classicos quando queriam dar mais enfase á frase ou mais força á significação do adverbio:

Vivamos neste mundo SABIAMENTE, PIAMENTE e JUSTAMENTE—Vieira.

... *se pretende SINCERAMENTE, NOBREMENTE e PATRIOTICAMENTE*—Castilho.

O mesmo já acontece com alguns escritores modernos.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho francez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et duicement*.

Mui, tam e quam, fórmãs contractas de *muíto*, *tanto* e *quanto*, só se pôdem empregar como adverbios modificando adjectivos. As fórmãs completas *muíto*, *tanto* e *quanto*, porém, podem-se empregar como adverbios ou adjectivos: *Elle é MUI ou MUITO sabio. Desejo MUITAS honras* — e nunca — *desejo MUI honras*.

A negação em Portuguez pôde ser simples ou reforçada.

Negação simples:--*não quero; nunca vi.*

Negação reforçada: *não quero nada; não vi boia.*

Neste genero a Lingua é rica de palavras que são empregadas como reforço negativo:--*boia, nada, pitada, patavina, nem nada, migalha, ceitil, ponto, vintém, gota, dez réis* etc.

Muitas vezes a negativa—*não*—é empregada sem força de negação. Em Castilho:--*Si tantos deleites ha na terra, que NÃO será no céu? Que linda voz que NÃO tinha.*

Esta construção que herdamos do Latim, é muita usada pelo povo.

O emprego da negativa força o verbo do modo imperativo a se mudar para o subjuntivo: *NÃO FAÇAS a outrem* em lugar de—*não faze*—*Oh! NÃO me FUJAS* em lugar de—*Oh! NÃO me FOGA*.

A negação também pôde ser expressa:

Pela preposição *sem*:

SEM ACHAR *resistencia nem defeza*—Camões.

Por—*algum*—depois do substantivo:

E nenhuma flôr pôdem os maiores sabios emendar cousa ALGUMA.—M. Bernardes.

Por—*nunca* *jámais*:

NUNCA JÁMAIS *a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada*.—Castilho

Pela locução adverbial—*no mais*—talvez por influencia castelhana:

No mais que só sessenta de cavallo—Camões.

No mais, Musa, no mais... Camões.

Ha quem pense haver ali uma oração elliptica: NÃO POSSO FALAR *no mais*.

Pela expressão—*não ... que*, a simillhança da construção italiana e franceza:

As nossas cousas NÃO têm outro mal QUE serem verdadeiras—Garcia d'Orta.

Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, NÃO quer dizer outra cousa QUE bons christãos.—Vieira.

NÃO faltou *que uma só pedra*—Castilho

E NÃO sentirá que um desejo.—R. Ortigão.

Não se deve empregar a negativa *não* depois de outra palavra de força negativa. São erradas construções como as seguintes: NINGUEM NÃO *me ama*, NUNCA NÃO *viu*. O adverbio *não* deve, nestes casos, preceder sempre a outra negativa: *Não me ama ninguém, não vi nunca*, ou então desaparecer: *Ninguém me ama; nunca vi*.

Os adverbios *bem* e *mal* têm os comparativos *melhor* (mais bem) e *peor* (mais mal), que se não devem confundir com os adjectivos *melhor* (mais bom) e *peor* (mais máu).

Os adverbios se pôdem usar sinteticamente ou analiticamente:-- *melhor empregada*—e—*peor entendida*; ou—*mais bem empregada*—e—*mais mal entendida*.

Os adjectivos só se pôdem usar sinteticamente: --*melhor e peor* e nunca—*mais bom e mais máu*.

Não se devem confundir os adverbios *onde* e *aonde*. Onde se emprega com os verbos que exprimem quietação: *Onde estás. Onde moras*.

Aonde se emprega com os verbos que exprimem movimento. *Aonde vais? Entretanto Garrett empregou: ONDE me LEVAS, Tejo aurifero? E Vieira: Deus meu, onde me MANDAIS?*

Preposição

As preposições são, em geral, de origem latina, mas conforme as relações indicadas correspondem a esta ou aquella preposição latina, como : *a*—que se originando da preposição *ad* corresponde, pelas relações expressas, a *—ab* e *apud*.

A preposição *por* tem duas origens : *pro* e *per*.

A pouco e pouco, porém, a fôrma *pro* suplantou a fôrma *per* e *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, venceram no seculo XVII a *polo*, *pola*, *polos*, *polas*.

A fôrma *per* só se usa em composição : *percorrer*, *perlucido*, e na frase *de per si*.

Per empregava-se indicando lugar por onde, duração, meio, instrumento.

Por, indicando troca, preço, parcialidade, opinião, causa.

As preposições derivam-se também de participios : —*salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante*, *passante*, *tirante*, que se tornam invariáveis.

Algumas, entretanto, conservam-se, por uso, variáveis, sendo que nos classicos não faltam exemplos :

... *todos os livros que andam em nome das Sybillas*, *EXCEPTAS algumas autoridades*.—Manoel Bernardes.

Tudo chegou a salvamento *EXCEPTAS as partes liquidas*—Vieira.

Confundira todas as idéas *EXCEPTA a dos lugares*.—Castilho.

Ruy Barbosa empregou :

EXCEPTOS os dictionarios de Aulete e Adolpho Coelho.

As expressões *VISTAS as razões*, *SALVOS os motivos* são de uso commum.

As preposições compôstas da preposição *de* exi-

gem a repetição desta antes do nome, o que não acontece com as preposições em que não entra esse elemento :—*Ante Deus*—*diante de Deus*.—*Apóz a chuva*—*depois da chuva*.

A preposição *de* é, muitas vezes, simples particula de realce, expletiva, empregada por enfase : *E' muito do meu agrado*. *Pobre do menino*. *Desgraçado de mim*.

As relações expressas pelas preposições já fôram indicadas a pags. 51 e segs.

Faremos notar a distinção entre as preposições *a* e *para*.

A—indica lugar onde, direção, tendo o agente animo de pouca demora.

Para—indica lugar onde, direção mais remota e definitiva, tendo o agente animo de não voltar em breve.

Assim quando digo : *Vou ao Recife* indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas quando digo : *Vou para o Recife* tenho idéa de ahi fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

Costumam-se repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéas diferentes : *Pelo rei*, *pela lei*, *pela patria*.

III

CONJUNÇÃO

A conjunção—*e*—em serie de vocabulos emprega-se antes do ultimo :

Mas o de Luso arnez, couraça e malha

Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

Camões.

A repetição da conjunção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso; dá-lhe movimento e graça produzindo bello effeito.

A conjunção—*e*—tem, ás vezes, função da preposição *com* :—*cinco e cinco*.

Esta conjunção conserva a forma arcaica—*a*— em —*dez-a-seis*.

Alguns grammaticos, com mais razão, explicam esse—*a*—dizendo ser equivalente de *junto a*.

Diz João Ribeiro que a forma *ende* (ainda, inde) permanece na Lingua com a forma *em* nas seguintes expressões : *em que pese a F.*—*ende que pese a F.*—*ainda que pese a F.*

A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, porém originariamente era reiterativa. Por isso mesmo nas expressões *não só . . mas também* e outras equivale exactamente a *mais* e talvez assim se devesse orthographá-la.

Não sendo adversativa, encontra-se nos escriptores classicos conjuntamente com *porém* :

Mas porém quando as gentes mauritanas. Camões.

Da mesma forma Castilho e quasi todos dentre os antigos—(*Apud* João Ribeiro—*Gram. Portuguesa*.)

Ha algumas conjunções que se podem empregar, por elegancia ou enfase, depois de uma ou duas palavras da oração, taes são : *porém, no entanto, pois*, etc.

São chamadas, por esse motivo, *conjunções positivas*.



XII

Ordem grammatical. Figuras.

I

Ordem grammatical é a maneira porque se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração.

Directa é aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento e da successão dos factos.

A ordem natural e logica exige em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras a que modificam, isto é, o sujeito com os seus adjuntos e o predicado com os seus adjuntos.

Quanto as orações : As coordenadas vão umas apóz outras na ordem do pensamento ; as subordinadas junto dos termos a que modificam.

Inversa é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa :

*Erão estes antigos mercadores
Ricos em Calecut e conhecidos.*

Camões.

Ordem directa :

Estes eram antigos mercadores, ricos e conhecidos em Calecut.

Em regra geral o sujeito colloca-se antes do verbo.

Deve-se, comtudo, colloca-lo depois :

1.º Nas frases interrogativas, exclamativas e imperativas :

Póde Vossê falar-me ?

Que prazer sentiu a CRIANÇA !

Alíja PILOTO, tudo ao mar.

2.º Quando se referem palavras de outrem ou ha citação de um trecho :

Bradou EL-REI D. HENRIQUE : Olá gente de minha guarda !

O remorso é o bom pensamento dos máus, disse GARRETT.

3.º Quando a frase começa por algum adverbio ou circumstancia :

Melhor mereceis vós OUTROS TODOS a morte do que este pobre homem. Garcia de Rezende.

Quando fazem OS MINISTROS o que fazem. A. Vieira.

As regras de collocação relativas aos substantivos, adjectivos, etc., já foram espendidas nos respectivos lugares.

A lingua portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a lingua abusava das inversões aproximando-se muito da construção latina ; hoje a bem da clareza, a ordem directa vai vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeite a ordem inversa ; casos ha em que ella se torna necessaria, como nas frases emocionaes, imperativas, na poesia, etc.

II

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios ; não devem

ter palavras demasiadas ; devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario se póde dar quando a necessidade o exige para clareza, harmonia ou elegancia da frase.

D'ahi vem a divisão da syntaxe em *natural* e *figurada*.

Figuras são as alterações que as frases soffrem. São modos de dizer apartados das fórmulas communs.

As figuras são de *concordancia* e de *construção*.

As de concordancia são : *Zeugma* e *sillepse*.

Zeugma é a figura pela qual uma palavra modificando a muitas ou d'ellas dependendo, concorda com uma só :

Em vós esperam ver-se RENOVADA

Sua memoria e obras valerosas.

Camões.

Alguns grammaticos definem *zeugma* a supressão do sujeito.

Sillepse é a figura pela qual uma palavra modificando a outras ou d'ellas dependendo, concorda com o nome generico que as comprehende ; isto é, a concordancia se faz, não com o termo claro, mas com um imaginado.

A sillepse póde ser de :

Genero : VOSSA REVERENDISSIMA é ILLUSTRADO.

Numero : A GENTE da cidade concorria SAUDOSAS na vista e DESCONTENTES.

Pessoa : João e Pedro são bons estudantes.

As figuras de construção são : *Elipse*, *pleonasm*, *hiperbato*, *enallage* e *anacoluthia*.

Elipse é a supressão de palavras que o sentido entende facilmente ;

(Vós) *Vistes que com grandissima ousadia*

(Elles) *Foram já commeter o céu supremo.*

Camões.

Pleonasmo é a repetição das mesmas palavras ou o emprego de palavras diferentes com identico sentido.

1.º caso :

Para o céu cristallino alevantando

Com lagrimas os OLHOS piedócos

Os OLHOS, etc.

Idem.

2.º caso :

Vi com estes OLHOS que a terra ha de comer.

Hiperbato é a transformação da ordem grammatical da proposição.

O *hiperbato* toma o nome especial de *anastrofe* quando a transposição é ordenada : *Para do mundo a Deus dar parte grande.*

Toma o nome de *sinchese* quando a transposição é desordenada, dando lugar á obscuridade :

Estas obras de Baecho são por certo,
Disse.

Camões.

Em pesada caiu melancolia.—F. Elisio.

Enallage é o emprego de palavras com significação de outras :

Tal está morta a pallida donzella,

Seccas do rosto as ROSAS e perdida

A branca e viva cor co'a doce vida.

Camões.

Anacolutia é a interrupção e mudança da construção já começada, por outra de nexo differente :

Eu que cair não pude neste engano,

ENCHERAM-ME com grandes abundanças.

O peito de desejos e esperanças

Camões.

Oh ! tu, nós outros te AVISAMOS. Idem.

OS TRES REIS ORIENTAES *que vieram adorar o filho de Deus recém-nascido em Belem* é *tradição da igreja que um era preto.*

Vieira.

Entre as varias figuras—conhecidas pelo nome de *figuras de estilo*—proprietas para ornar o pensamento e deleitar o assunto, se pódem enumerar :

Anafóra, é a repetição de uma palavra no começo de orações consecutivas : *TUDO passa, TUDO esquece, TUDO morre.*

Anadiplose, é a repetição, no começo de uma oração, de uma palavra com que terminou a oração anterior : *Com os olhos lhe acendi no peito o fogo, o fogo que sempre ardeu e ainda arde agora.* (A. Ferreira.)

Asindeto, é a supressão de conjunções entre orações ou partes de orações : *A chuva, a neve, o vento, a tempestade.* (Durão).

Clinax ou *gradação*, é a repetição de termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira palavra da segunda oração, a ultima da segunda para primeira da terceira e assim por diante : *Da perda nasce o CONHECIMENTO ; do CONHECIMENTO a ESTIMAÇÃO ; da ESTIMAÇÃO a dôr.* (Vieira).

Diácope ou *separação* é a repetição de uma palavra, pon-do outra ou outras de permeio : *DAI velas, disse, DAI ao largo vento.* (Camões).

Epizeuxis ou *reduplicação*, é a repetição de uma palavra seguidamente : *Mercurio disse : FUGE, FUGE, Lusitano.*

Epistrophe, é a repetição de uma ou algumas palavras no fim de varias orações : *Tudo acaba com a MORTE e tudo se acaba com a MORTE, até mesmo a MORTE.* (Vieira).

Epanalepse, é a repetição de uma palavra no começo e no fim da mesma frase : *TROVEJA mortes, damnos TROVEJA.*

Epanodos, é o emprego de varias palavras que se retomam passo a passo para desenvolver a idéa contida em cada uma d'ellas : *A prudencia é filha do TEMPO e da RAZÃO ; DA RAZÃO pelo discurso, DO TEMPO pela experiencia.* (Vieira).

Poliptoto, é a repetição de palavras com fôrma grammatical differente : *A' LANÇA A LANÇA oppõem, O PEITO AO PEITO.*

Polisindeto, é a repetição de conjunções : *Suspira E chora E cansa E geme E súa.* (A. Ferreira).

Simploce, é a repetição de palavras no começo e no fim de orações seguidas : *QUE FAZ o lavrador ? BUSCA PÃO. QUE FAZ o soldado ? BUSCA PÃO. QUE FAZ o navegante ? BUSCA PÃO.*



XIII

Alterações grammaticaes e lexeologicas

I

As alterações que as linguas soffrem são de duas especies : grammaticaes e lexeologicas.

As *grammaticaes* subdividem-se em phoneticas, morphologicas e sintaticas.

As alterações *phoneticas* consistem não só na mudança que soffre a pronuncia das palavras pela falta de instrução do povo, como também na mudança que soffrem as palavras na passagem do Latim ou de outra qualquer lingua para o Portuguez.

Do 1.º caso podemos contar :

<i>antiado—enteado</i>	<i>diecese—diocese</i>
<i>blazão—brazão</i>	<i>quarar—corar</i>
<i>coresma—quaresma</i>	<i>zanolho—zarolho</i>

Do 2.º caso temos a mudança do *e* em *i* : *tecum*, tigo ; *au* em *ou*, *oi* : *causa*, cousa, coisa ; suppressão da vogal inicial : *Olisipona*, Lisbôa etc. e os mais de que tratámos especialmente a pags. 111 e seguintes.

As alterações *morphologicas* são produzidas por analogia—tendencia que têm as linguas para reduzir a tipos unicos o maior numero possível de palavras :

—*jouve*, antigo participio de *jazer*, analogo a *houve*, *soube* etc.

Por analogia as creanças pronunciam *dizi* por *disse*, *fazi* por *fiz*, *trazi* por *trouxe*.

As alterações *sintaticas* dependem das alterações morphologicas.

Chamam-se alterações *sintaticas* as mudanças que soffre a lingua nos varios periodos de sua existencia. Altera-se a fórma, sem se alterarem as relações entre as palavras.

Assim : a perda dos casos modifica a fórma da syntaxe correspondente.

Notamos, por exemplo : No seculo 16.º o emprego do verbo *começar* seguido da preposição *a* e *de* e mesmo sem preposição ; o emprego da preposição *em* antes do gerundio, substituida por *logo que* : *Em amanhecendo*, por *logo que amanheça* ; *lhe* por *lhes* ; *sem sabendo* ; o uso do partitivo : *semeia do junco*.

E' o que geralmente se denomina *tipos divergentes sintaticos* que podem apparecer numa mesma epoca da existencia da lingua.

Existem conjuntamente as fórmas : *O rebanho de ovelhas foi* ou *foram* ; *mandou lêr* e *mandoê que lesse* ; *mais que* e *mais do que* ; *saber tudo* e *saber de tudo*, etc.

II

As alterações *lexeologicas* consistem no arcaismo e no neologismo.

«A luta do arcaismo e do neologismo, a oscillação no uso ou desuso de uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a estudar na vida litteraria duma lingua e que nos faz comprehender como esta não póde considerar-se nunca fixada.» (Ad. Coelho).

As linguas se alteram no espaço e no tempo tendo de passar pela fase moderna e pela arcaica, sujeitando-a ás variedades dialectaes.

Arcaismo é a palavra ou construção que deixou de ser usada na lingua.

As causas do desaparecimento das palavras são multiplas.

A mais simples e commum é o desaparecimento da palavra pelo desaparecimento da pessoa ou objecto que ella significava : *adail*, *almotacel*, *alcaide*, *polé*.

Podemos considerar mais como causa dos arcaismos o sentido obsceno ou torpe que por corrupção adquire uma palavra :—*chifre* ou *ponta*, *feder*, *rabo*.

A sinonimia tambem concorre para o arcaismo :

Substantivos e adjectivos : *hereu*, herdeiro ; *lidi-mo*, legitimo ; *cuidança*, cuidado ; *segre*, seculo ; *soffrença*, soffrimento ; *avença* (vivo em *desavença*), concordia ; *arteirice*, astucia.

Verbos : *endurentar*, endurecer ; *britar*, quebrar ; *attend*, esperar ; *emprir*, encher ; *geitar* (vivo em *regeitar*, *sujeitar*), lançar.

Particulas : *adur*, apênas ; *ajuso*, baixo ; *entonces*, então ; *aramá*, em má hora ; *samicas*, por ventura ; *car*, porque.

Entre os arcaismos de construção se pôdem citar : *começou dizer*, *uma peça de tempo*, *fazer uma demanda* (pergunta).

As palavras tornam-se arcaicas da seguinte maneira :

«Uma geração de homens em um momento dado começa a abandonar tal palavra. a idéa que ella significa sendo representada por uma outra palavra, a geração seguinte conhece-la-á menos ainda e um momento virá em que ella não é mais conhecida senão dos velhos que, por sua vez, a levarão para o tumulo.

E' desta maneira que desaparecem as linguas ; assim o *Cornico*, dialecto bretão que florescera em Cornouailles desapareceu com a última mulher que o falava, no anno de 1821. (Darmesteter).

Neologismo é a palavra nova que começa a ser usada numa lingua. Tambem pôde consistir em sentidos novos dados a palavras já usadas na lingua.

« Para as descobrimientos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos

dias, claro está que não pôde supprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem exprimir. » (Castilho).

Ha, pois, duas especies de neologismos : *neologismo de palavra* e *neologismo de significação*, isto é, palavras novas e sentidos novos.

O neologismo pôde ser tirado de elementos proprios da lingua, pôde ser formado de linguas estrangeiras pelas combinações dessas linguas e pôde ser finalmente introduzido de outras linguas modernas. (Ad. Coelho.)

São *neologismos de palavras* :

Do 1.º caso : *carambolar*, *bilontra*, *praeiro*, *setembristas*, *telephonar*, *revolvear*.

Do 2.º caso : *barometro*, *telegrapho*, *termometro* (grego), *kermesse* (holandez), *caroba* (tupi).

A formação destas palavras, como já vimos, dá nascimento, ás vezes, ao *hibridismo*. (Vide pag 125.)

Do 3.º caso, os neologismos francezes :—*bouquet*, *soirée*, *matinée*, *adresse*, *atelier*.

Neologismos inglezes :—*club*, *whist*, *jury*, *rail*. Italianos :—*soneto*, *allegro*, etc.

O emprego desses neologismos que ainda não estão con-agrados pelo uso, dá lugar ao vicio que, conforme a origem, tem o nome de gallicismo, hellenismo, anglicismo, etc. de que particularmente trataremos.

São *neologismos de significação* os *tropos* cujos principaes são : *metaphora*, *sinedoche* e *metonimia*.

METAPHORA é o tropo em virtude do qual uma palavra perde sua significação para tomar uma outra figurada.

Aproxima dois objectos materiaes—*serra* (montanha), *serra* (instrumento); ou um facto moral e intellectual de um facto material a que dá nome : *ceder a alguém* e *uma porta cedeu á pressão*.

Exprime idéas abstratas por nomes de objectos

concretos : *saber* (ter conhecimento) e *saber* (gostar) ; *pesar motivos* e *pesar uma arroba de carne*.

SINEDOCHE é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que a abrange ou é abrangida por ella.

Emprega o genero pela especie e vice-versa—*confissão* no sentido de *confissão religiosa*, *homem* no sentido da *humanidade* ; o plural pelo singular e vice versa—*as santas escrituras* por *um livro das santas escrituras* ; *proteger o orfam* por *os orfams* ; o todo pela parte e vice-versa—*um quadro* pelo *assunto que o quadro representa* ; *uma vela* por *um navio* ; o nome appellativo pelo proprio—*o imperador* por *D. Pedro 2.^o* ; *um Judas* por *um traidor*.

METONIMIA é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que com ella tem relação de connexção ou successão.

Emprega a causa pelo effeito e vice-versa—*o trabalho* por *a acção de trabalhar* ; *ganhar a vida* por *ganhar os meios de vida* ; *não ter sombra* por *não ter ariore* ; o continente pelo conteúdo e vice-versa ; *a escola* por *o edificio em que a escola funciona* ; o lugar pelo producto—*beber Champagne* por *beber o vinho feito em Champagne* ; o signal pela cousa significada e vice-versa—*o thrôno* e *o altar* por *a realleza e a igreja* ; o nome abstrato pelo concreto—*fazer caridade* por *fazer actos de caridade* ; o inventor pelo invento e o autor pelas obras—*um Victor Mereilles* por *um quadro de Victor Meirelles* ; *lêr Camões* por *lêr as obras de Camões*.

Ao dr. Castro Lopes devemos muitos neologismos :

<i>Convlescote</i>	em lugar de	<i>Pic-nic</i>
<i>Preconicio</i>	«	« <i>Reclame</i> .
<i>Concião</i>	«	« <i>Meeting</i> .
<i>Nasoculos</i>	«	« <i>Pince-nez</i> .

O neologismo, diz Arsène Darmesteter, é uma planta que para viver deve firmar suas raizes no maior numero possível de espiritos. Uma vez adotados pelo uso geral, os neologismos têm direito de cidade ; as metaphoras se consagram e ninguém as póde mudar.

E' preciso que a palavra seja necessaria na circumstancia dada e que seja a expressão mais nitida e forte da idéa a representar. Nestas condições merece durar e durará ; é por audacias semelhantes que os nossos grandes escritores enriqueceram a lingua.



XIV

Vícios de linguagem

I

Vícios de linguagem são certos modos de dizer contrários ás leis da grammatica.

Estes vícios se dão relativamente á construção da frase, e também relativamente á boa harmonia.

São causas destes vícios a ignorancia do povo, e o pedantismo e pouco escrupulo dos escritores.

São vícios de construção os *solecismos* e os *barbarismos*.

Solecismo é o vicio resultante da construção errada e má da frase: HOVERAM *mortes*—por—HOVE *mortes*; *tu sois*—por—*tu és*; PERCA—por—PIRDA; HADES—por—HAS DE; *não parlas sem eu*--por--*sem mim*; *sou eu quem digo*—por—*quem diz*; *ninguem não fala*—por—*ninguem fala*.

A palavra *solecismo* é derivada de Soles, colonia atheniense na Sicilia, onde os habitantes corromperam tanto a lingua que a expressão :—*falar como um habitante de Soles*—era o mesmo que commeter um erro de grammatica (Barata).

Barbarismo é o vicio que consiste no emprego desnecessario de palavras ou frases tiradas de outras linguas.

Os barbarismos tomam o nome de *gallicismos*, *latinismos*, *germanismos*, *hellenismos*, *anglicismos* etc.

conforme têm origem no francez, latim, allemão grego, inglez, etc.

Destes os mais empregados no Portuguez são os *gallicismos* e os *latinismos*.

Os gallicismos pôdem ser *lexicos* e *sintaticos*.

Lexicos, os que se referem ao emprego desnecessario de palavras francezas :—*bouquet* (ramalhe-te); *comité* (sociedade, junta, commissão); *chefe d'obra* (obra prin a); *toilette* (toucador); *bonomia* (sinceridade, ingenuidade, bondade); *complacente* (obsequioso, attento); *deboche* (devassidão); *desabilhado* (desataviado); *étagère* (prateleira, cantoneira); *constatar* (comprovar, documentar); *successo* (triumpho, bom exito); *detalhe* (minudencias, pormenores); *aclimatar* (aclinar); *debutar* (estrear).

Para substituir alguns gallicismos o dr. Castro Lopes apresentou palavras fornadas regularmente na propria lingua ou com o fundo latino :

<i>Avalanche</i> —runimol.	<i>Cachinez</i> --focale.
<i>Menu</i> —chardapio.	<i>Enveloppe</i> —sobrecarta.
<i>Abat jour</i> —lucivelo.	<i>Robe de chambre</i> —rocló.
<i>Recueil</i> —convescote.	<i>Calembourg</i> —anôverbio.
<i>Carnet</i> —choribel.	<i>Matinée</i> —festimana.

Sintaticos, os que se referem ao emprego desnecessario de construções francezas.

Os mais notaveis são os seguintes, referidos no *Glossario* de Francisco de S. Luiz :

O uso da preposição *a*—por—*de* : *desprezo ás formalidades legaes*—por—*desprezo das formalidades legaes*; *ameaçado a perder a vida*--por--*ameaçado de perder a vida*

O uso da preposição *de* : *vêr se obrigado até de implorar a desgraça*—por—*vêr se obrigado até a implorar*; *ordenou de fazer a fortaleza*—por—*ordenou que fizessem*.

O uso da preposição *por* : *juramento de fidelidade pelo principe*—*por*—*juramento de fidelidade ao principe*; *inclinação pelas letras*—*por*—*inclinação ás letras*.

O uso da preposição *em* : *falar em philosopho*—*por*—*falar como philosopho*; *disse em mim mesmo*—*por*—*disse commigo mesmo*; *movel em castanho, imagem em barro, vestido em seda*—*por*—*movel de castanho, imagem de barro etc.*

O uso da preposição *sobre* : — *tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do Egypto*—*por*—*segundo a forma, conforme o modelo*; *ganhar terreno sobre o inimigo*—*por*—*ganhar terreno ao inimigo*.

O abuso do emprego dos pronomes pessoaes antes dos verbos :

Si EU conseguir o que EU desejo EU ficarei contente.

O emprego de frases como : *abordar uma questão*—*por*—*abeirar-se d'ella, toca-la de leve*, e outras semelhantes.

Latinismo é o emprego desnecessario de palavras ou construções latinas.

São, portanto, *lexicos* e *sintaticos*.

Entre os latinismos **LEXICOS** podemos contar :

Gleba por *torrão*.

Incapilado por *calvo*.

Jugular por *degolar*.

Mesmeidade por *identidade*.

Temulento por *embriagado*.

Os latinismos **SINTATICOS** consistem nas inverções pouco comprehensíveis das palavras na oração ; como nos muito conhecidos versos de Mousinho :

Entre todos com o dedo eras notado

Lindos moços de Arzilla em galhardia.

Era commum essa inversão no seculo 16.

II

Os vícios referentes á boa harmonia das palavras na frase são :

Cacophato ou **cacophonia** é o vicio resultante do concurso de sillabas. que fórmam um termo rude ou obsceno :

ALMA MINHA *gentil que te partiste.*

Sonetos. Camões.

Quem ME JÁ déra. J. F. de Castilho.

Hiato, consiste no concurso de vozes iguaes, principalmente abertas :

Mandou o AIO á AULA.

Eco, consiste no concurso de sons identicos :

De longe venho porque tenho empenho.

Collisão, consiste no concurso de sons asperos ou sibilantes, como : *rr, ss, zz.*

Raivoso o rato roia

O rabo do rodovalho,

E Rita Rosa Ramalho

Do rato roer se ria.

Popular

De modo que d'ali si só se achara.

Camões

Zunindo as azas azues.



XV

Idiotismos

I

Idiotismos são factos peculiares a uma lingua.

Muitas vezes os idiotismos não são susceptíveis de analize pelos preceitos grammaticaes. São anomalias syntaticas.

Há phenomenos de linguagem que se conservam fóra do dominio da grammatica. (Sweet.)

Podemos enumerar como idiotismos portuguezes :

O uso do infinitivo pessoal ; o emprego do artigo antes dos adjectivos possessivos ; a locução *eu parece-me* e semelhantes em lugar de *quanto a mim parece* etc., autorizada por Camões :

EU que cair não pude neste engano

ENCHERAM ME com grandes abundanças

O peito de desejos e esperanças.

e empregada por Garrett, citado por Eustachio da Veiga :

A's apalpadelas quanto aos periodos EU PARECE-ME.

E' tambem idiotismo o emprego do plural de certos nomes com significação differente do singular :—*liberdade, liberdades ; graça, graças* etc.

Disse Vieira : *Si confiardes nos homens achareis*

em lugar de verdade a mentira, com bandeira de paz, guerra, com capa de ZELO, ZELOS.

Além destes casos ha certos modos de falar usados communmente na lingua que se pôdem classificar de idiotismos :

Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a ocasião. Tomar a peito. E' muito do meu agrado. Desgraçado de mim. Eu é que disse.

II

Provincialismos são certos vicios especiaes a algumas provincias.

No Pará onde a pronuncia é muito acastelhada, ha o vicio da troca do *ô* por *u* : *Canua, pupa* etc. por *canôa, pôpa*.

Os Maranhenses tambem dizem : *murrer, currer, churar*.

No Rio de Janeiro há o vicio portuguez de dizer-se : *inclino* por *inquilino* ; *imp'rador*, *ex'cellencia*, *imp'rial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas aberrantemente ; o *lh* não sôa na pronuncia : *teiado, miio* por *telhado, milho*.

Relativamente a Portugal notamos :

Em Lisbôa o *s* final tem o som de *x* : *Achastex e tumastex extex cuxtumex la por ond'andastex* ; e pronunciam tambem : *tod'ô dia, menza*.

No Porto pronunciam : *cravão, baim, laite, baijo*.

Na Beira dão ao *ch* o som de *tch* : *A tchave de tchumbo caiu no tchão*.

Costumam tambem, como diz Soares Barbosa, juntar um *i* ao *o* fechado ; *coive, oivir* em lugar de *couve, ouvir*, e mudam o *b* pelo *v* e vice-versa como os Minhotos.

Para maior elucidação deste ponto consulte-se o *Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, por um brasileiro. (Paranhos da Silva).

Brasileirismos são modos de falar peculiares aos brasileiros; podem se dar não só nas palavras como nas frases.

Os 1.^{os}, chamados *lexicos*, referem-se aos termos de origem tupi-guarani, africana e próprios do Brasil.

Podemos enumerar :

VOCABULOS BRASILEIROS

<i>Arrelia</i> —birra	<i>Jacá</i> —cesto
<i>Aipim</i> —mandioca	<i>Muxoro</i> —estalo com os lábios
<i>Amolar</i> —enfadar	<i>Pereba</i> —feridinha
<i>Cuia</i> —vasilha	<i>Quicé</i> —faca pequena
<i>Cogote</i> —cachaço	<i>Temero</i> —temerário

VOCABULOS TUPIS GUARANIS

<i>Capim</i> —herva	<i>Jacaré</i> —reptil
<i>Caipora</i> —ser fantastico	<i>Pucuman</i> —fuligem
<i>Goiaba</i> —fruta	<i>Taba</i> —aldeia.

VOCABULOS AFRICANOS

<i>Batuque</i> —dansa	<i>Muringa</i> —açoute
<i>Carimbo</i> —marca, signal	<i>Quijila</i> —antipathia
<i>Malungo</i> —companheiro	<i>Senzala</i> —choupana para escravos

A segunda classe dos brasileirismos é a dos chamados *sintaticos*.

Entre os mais notaveis podemos citar os modos de dizer do povo :

Beber um trago de aguardente.

Levar taboca ou de táboa (não conseguir o que deseja).

Tomar chá com alguém (zombar).

Bater a bota ou esticar a canella (morrer).

Crescer para (aggreir).

Cigarrar (fumar—em Minas).

Cascar um boi (esfolar—no Ceará).

Melar (derrubar uma arvore para tirar o mel do cortiço,—na Bahia).

Havia um despotismo de gente (quantidade)

Um par de laranjas (quantidade—S. Paulo).

Já estava lá velho (tempo).

Elles estão fala falando. (Norte).

O uso da preposição *em* quando o portuguez emprega *a* : *Andar no sol*—*Andar ao sol*.

O uso do gerundio pelo infinitivo : *Saiu a correr*—*Saiu correndo*.

Emprestar de alguém—em lugar de—*tomar emprestado* ou *pedir emprestado*, usado em S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

A construção : *O homem que estive com elle*—por—*com que* etc.

E' construção popular dos Portuguezes. No *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes se encontra o seguinte : *Sempre nestes choupos ha um rato que o queijo é d'elle.* (Revista Lusitana).

O emprego do pronome *lhe* como objectivo :

Amo-lhe por *amo-o* (Norte).

A anteposição indebita dos pronomes complementos : *Me disse* por *disse-me*.

A regencia para mim, para ti : *Para mim ver* por *para eu ver* (Sul).

A preferencia das construções : *Estou com fome*, *estou com sede*.

O emprego da preposição *em* por *a* : *Chegou na janella* por *chegou á janella*. *Vou na loja* por *vou á loja*.

São essas as variantes que cada vez mais profundamente vão cavando o sulco que separa a lingua portugueza da falada no Brasil, fazendo crer formar esta um dialecto.

PONTUAÇÃO

Pontuação é o conjunto de signaes ou sym-bolos que auxiliam o sentido do discurso, quando reduzido a escrito.

Determinada principalmente pela respiração de quem lê ou, como quer Cicero, originada pela necessidade de se tomar folego, não pôde estar sujeita a regras rigorosas ; antes o arbitrio reina muitas vezes como soberano.

«E' a pontuação parte mui capital da orthographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos, affirma-o Castilho.

« Quantos escritores, tantos os sistemas de pontuação ; não digo tudo : o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopiando o mesmo periodo, pontuará diversamente.»

Os signaes de pontuação, tambem chamados *notações sintaticas*, são : *virgula*, *ponto e virgula*, *dois pontos*, *ponto e aliena* que determinam as divisões da parte do discurso ; *pontos de reticencia*, *ponto de interrogação* e *ponto de admiração* que exprimem movimentos d'alma ; *hiphen*, *aspas*, *parentese* que se destinam á clareza dos manuscritos.

Nota. As regras sobre a pontuação foram deduzidas da GRAMMATICA PORTUGUEZA de João Ribeiro que, por sua vez, declara ter seguido para seu desenvolvimento a GRAMMATICA de Delboeuf e Roersch.

A virgula emprega-se :

1.º Para separar os termos de uma serie, ainda quando ligados por conjunção, excepto—e—: *Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

2.º Para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é estenso : *O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta. Por motivo identico pódem ser separados os adjuntos não essenciaes :

O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de Agosto de 1850. em uma terça-feira.

3.º Nas inversões : *Dos homens de má fé, não quero occupar-me.*

4.º Quando a proposição é eliptica : *A verdade é clara ; a mentira, escura.*

Collocam-se entre duas virgulas :

1.º A apostrofe, a invocação e as incidentes absolutas :

Tu, ó Catilina, conjuraste.

Vinde, Senhor, soccorrer os pobres.

A vida, disse Bias, é um fardo.

2.º As intercaladas ou clausulas adjectivas quando são explicativas : *Napoleão, o primeiro, venceu a Europa. O sol, que tudo alumia, tambem alumia as choupanas.*

Quando forem restritivas levam apenas uma virgula : *O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

O ponto e virgula emprega-se :

1.º Para marcar series de series e opposição de idéas :

Amor, indifferença ; odio, respeito ; veneração e culto ; sobriedade, abstinencia e moderação.

A riqueza que se herda, dura pouco ; a riqueza que se adquire, é mais estavel.

2.º Para separar as proposições coordenadas extensas : *O jornal é um producto de civilização moder-*

na ; dá as noticias de todos os pontos do globo ; guia e fortalece a opinião publica.

Os dois pontos empregam-se :

Antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento : *As virtudes theologaes são tres : Fé, Esperança e Caridade.*

O ponto emprega-se :

No fim do periodo para indicar o sentido concluido.

A alinea emprega-se :

Para distinguir os diversos grupos de idéas do assunto. Consiste em mudar a escrita para linhas novas quando os factos são distintos :

Trataremos de tres estudos :

1.º *Da psychologia.*

2.º *Da logica.*

3.º *Da moral.*

As reticencias empregam-se :

Quando o pensamento é interrompido em meio da frase :

*Mas morra, emfim, nas mãos das brutes gentes
Que pois eu fui . . . E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes.*

O ponto de interrogação emprega-se :

No fim de uma interrogação, excepto no discurso indirecto :

Queres ir ?

Perguntado quem era, respondeu que era um prelado.

O ponto de admiração emprega-se :

No fim de uma exclamação

O gloria de mandar, ó vã cubiça

Desta vaidade a que chamamos fama !

Alguns escritores costumam empregar invertidos,

no começo da oração que vai interrogar ou exclamar, os signaes de interrogação ou admiração :

¿ Que cousa é a gloria ? ¡ Como és bella !

O hipphen emprega-se :

1.º Para separar sillabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos do palavras :

A-mi-za-de.

Contra-mestre.

Dir-te-ei.

A velhice—periodo de desengano—tem a sabedoria da experiencia.

2.º Com maiores dimensões, para indicar a frase de um interlocutor :

—Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.

O parentese emprega-se :

Para separar uma proposição intercalada que não mantem relações syntaticas com a frase :

Eu só com meus vassalos e com esta

(E dizendo isto arfanca meia espada.)

As aspas empregam-se :

Para indicar um trecho citado, quando é textual, isto é, quando se citam as proprias palavras do autor : *Os Lusíadas* começam por este verso :

«As armas e os barões assignalados.»

APENDICE

Exercícios de redação

CARTAS

I

João escreve a Luiz dizendo que lhe remete o livro (Grammatica, Geographia, Historia) que lhe fôra emprestado e agradece o favor.

II

Marcos escreve a seu amigo participando que chegou de uma viagem sem ninguém esperar e não pôde fazer uma surpresa com sua visita. Pede desculpa e convida-o para aparecer á noute.

III

José escreve a seu primo pedindo desculpas da grosseiria que lhe fizera na aula, levado por conselhos de máus amigos. Pede o esquecimento da offensa.

IV

Francisco escreve a seu collega para não sair á noite, pois precisa falar-lhe para pedir que explique um problema difficil de Arithmetica.

V

Mario communica a seu collega e amigo haver no dia (indicar o dia) uma reunião (dar o motivo da reunião) e convida-o para comparecer. Mostrar a contrariedade que lhe causa o seu não comparecimento.

VI

Pedro escreve a seu pai sentindo estar ausente (na collegio, fóra da cidade etc.) e felicita-o pelo anno novo prometendo estudar muito e ser bem comportado.

VII

Antonio escreve a sua mãe dando noticias da vida do collegio, e dizendo-lhe estar com muitas saudades.

VIII

Bernardo escreve a seu avô participando-lhe que foi aprovado no exame. Contar os factos principaes do exame; o medo; a alegria do bom resultado.

Pede uma recompensa de seus estudos, comportamento e obediência.

IX

Carlos escreve a um amigo participando-lhe que vai passar as férias no engenho do pai. Referir-se ao cannavial, animaes, ar puro, gente do campo etc.

Convida-o para acompanhá-lo a passar com elle esse tempo.

X

Alfredo escreve a Pedro pedindo desculpas de não lhe ter escrito por estar doente. Narrar o curso da molestia, o medico, e referir que vai recuperar a saúde no campo.

XI

Luiz teve noticia da nomeação de Carlos (indicar a nomeação.) Dá-lhe parabens, principalmente pela figura que elle fez no concurso a que se submetteu.

Elogia as qualidades do amigo e promete no dia seguinte dar-lhe pessoalmente os parabens.

XII

José escreve a seu amigo pedindo uma esmola para uma familia cujo chefe morreu. Descrever o estado de mi-

seria da familia, cheia de filhos pequenos; lembrar-lhe que é um acto de caridade e elogiar o coração generoso e as boas qualidades do amigo.

XIII

João escreve a José dando-lhe os pezames pela morte de seu pai. Envia-lhe palavras de consolo.

XIV

Um amigo escreve a outro pedindo um emprego para sustentar seu pai que, velho, não pôde trabalhar.

XV

Antonio escreve a seu mestre participando que se vai matricular na Academia. Agradece o trabalho que lhe dera no collegio e as lições recebidas.

XVI

Alexandre pede conselhos a um amigo para poder se dirigir bem num negocio que vai empreender.

Nota— A todas estas cartas serão dadas as respostas: agradecendo o favor, satisfazendo ou não o pedido, aceitando ou não o convite etc.

Compete ao professor desenvolver-las, conforme o adiantamento do estudante.



Descrições

I

INCENDIO

Ouvem-se apitos; o povo corre; labaredas saem de uma casa; a Companhia de Bombeiros começa o serviço; uma mulher numa janella pede soccorro; o que faz um bombeiro; a mulher é salva; a casa fica reduzida a cinzas.

II

NAUFRAGIO

Dia escuro; nuvens carregadas; vento rijo; o navio parece uma casca de noz no meio do mar; estoura a machina; o navio está quasi perdido; procedimento do capitão e dos marinheiros; choros, gritos; um vapor salva alguns passageiros que sabiam nadar.

III

DIA DE NATAL

Alegria em toda parte; a festa no campo; o que comemora a festa; reuniões dansantes; como se diverte o povo.

IV

NAScer DO SOL

Terminou o reinado das trevas; amanhece; pequena claridade; o horisonte vermelho; augmenta a claridade; apa-

rece a pouco e pouco o sol; os passaros cantam; os animaes saem do curral; o lavrador sai para o campo; tudo se agita e trabalha.

V

TEMPESTADE

Nuvens carregadas; ar abafado; arvores vergadas pelo vento que sopra com violencia; folhas caem no chão e voam; os animaes procuram abrigo; os barcos navegam em direção ao porto; ha tristeza e medo em tudo; prejuizos causados pela tempestade.

VI

SALA DE AULA

Dizer os objectos que ahi se encontram e o seu uso.

VII

O BOM MENINO

Conducta na rua, procedimento de um menino bem educado.

VIII

O MAR

As ondas se movem brandamente e vêm beijar a praia. Mas o vento se enfurece e luta com o mar que eleva suas vagas parecendo montanhas liquidas. Os barcos, jangadas e grandes navios brincam á flôr d'agua e levam a riqueza e a vida a varios pontos do globo.

IX

UM JOGO ESCOLAR

Dizer as peripecias de um jogo, como : a cabra-cega, os quatro cantos, o foot-ball ou qualquer outro conhecido.

X

O BOM FILHO

Deveres do bom filho. Amor, carinho e dedicação para seus pais a quem deve tudo na vida.

XI

UMA CAPELLINHA

Alva e muito limpa; um pequeno sino que chama os fieis á oração. O crucifixo brilha no alto do altar-mór. Uma mulher, ajoelhada, reza.

XII

UMA MEZA DE JANTAR

A toalha muito branca convida á refeição. Flôres, jarros, talheres limpos, tudo em ordem denota o cuidado da dona da casa.

Narrações

I

A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra canta todo o verão e não trabalha; no inverno fica sem comida; pede uma esmola á formiga que lhe nega. (Analize o procedimento de uma e de outra).

II

XI

A NÓZ

Dois amigos brigavam por causa de uma nóz, que tinham encontrado.

Um outro passando resolveu a duvida; partiu a nóz, deu metade da casca a um, metade ao outro, e comeu o miolo.

(Explique a inconveniencia da falta de harmonia e mostre os prejuizos da desunião).

III

UM BURRO

Um burro, carregado, caiu num rio e salvou-se porque o sal se dissolveu. De outra vez, vindo carregado de esponjas deixou-se cair de proposito e morreu porque as esponjas ficaram mais pesadas. (Mostrar os prejuizos que pôde trazer a ignorancia).

IV

MENINO DESOBEDEIENTE

Trepou um menino numa arvore contra a vontade do pai; distraiu-se; quebrou-se um galho; elle caiu e quebrou uma perna. (Resultado da audacia e da desobediencia).

V

O VELHO E OS FILHOS

Um velho estava para morrer; chamou os filhos; mandou que elles partissem um grosso feixe de varas; nenhum ponde; o velho, então, foi quebrando as varas uma a uma para mostrar que si os filhos fossem juntos e unidos esriam sempre fortes. (Explicar o preceito: A união faz a força).

VI

Contar a historia de um menino distraido.

VII

Contar a historia de um menino guloso.

VIII

Descrever um livro dizendo o numero de folhas, o assunto, suas divisões principaes, sua utilidade etc.

IX

Narrar, por escrito, apóz a explicação do professor, a historia do—Ovo de Colombo—

X

Idem do Pequeno Pollegar.

XI

Idem de Caramurú.

XII

Idem do Barba-azul.

XIII

Historia da fidelidade de um cão.

XIV

Historia de uma acção heroica.

XV

Inventar uma historia para explicar qualquer um proverbio como :

Palavra é prata, silencio é ouro.
Em boca fechada não entra mosca.
Mas vale um passaro na mão que dois voando.
A justiça deve começar por casa.
De grão em grão a gallinha enche o papo.
Roma não se fez num dia etc. etc. etc.



Origem da lingua portugueza : o Latim.

A lingua portugueza pertence á classe das linguas indo-européas e ao ramo italico.

A's linguas deste ramo dá-se o nome de novo-latinas ou românicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de a. ordo, que resultaram de uma mistura intima de elementos mais ou menos heterogeneos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanica, slava etc., affirma-nos Adolpho Coelho.

Os primeiros habitantes da Espanha foram, segundo opinião geral, os iberos, de origem misteriosa.

Os segundos não se pôde bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os persas.

Apóz, como diz Strabão, vieram os phenicios.

Depois os celtas se espalharam por todo o espaço aquem dos Pirineus, constituindo não centros que podessem ter alguma força, porem tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo occuparam os gregos grande parte da Espanha e mantiveram estreitas relações com a península.

D'ahi vem o alphabeto phenicio communicado pelos gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia carthagineza dos Barcas dominou na Espanha para aquem do rio Ebro, não indo mais além a conquista, pelo tratado que os Romanos fizeram com Asdrubal. A quebra do tratado de paz por Annibal levou os romanos á Espanha, sob o commando de Cneu Scipião e Publio Scipião que, apóz alguns incidentes de guerra, estabeleceram definitivamente a influencia dos romanos na Iberia.

Dois seculos de guerra foram necessarios, porém, para que a Espanha soffresse completa sujeição.

Exemplos de valente resistencia nos dão Viriato e Sertorio.

Tendo, pois, os romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, era natural que tivessem *romanizado* aquella região, porque seus habitantes eram homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana.

Perderam, assim, seus usos e costumes e conseguintemente sua língua, o que logo começou a verificar-se, como informa Strabão, quando diz que os turdetanos, principalmente os que estacionavam junto ao rio Betis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais d'elles, *esquecidos de sua lingua vernacula, se haviam feito latinos*.

A lingua latina popular com facilidade se espalhou, como já o fizera em outras terras conquistadas.

Quando os godos entraram na Espanha nenhuma differença havia entre iberos e romanos; antes, adotados por aquelles, os costumes, a religião e a lingua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos nòvos invasores para reger a Espanha visigótica (Leoni).

O grande segredo da politica romana residia na perfeição de seu modo de colonização. Quando uma provincia era conquistada empregavam dois meios para conserva-la: o meio militar consistia em cercar a porção conquistada por meio de legiões collocadas á fronteira; uma vez isolado o paiz conquistado de toda a influencia exterior, instituíam no interior uma administração energica que esmagava em pouco tempo as resistencias locais, impunham aos vencidos a lingua e a religião dos vencedores, exterminavam ás portas fechadas e vendiam os recalcitrantes, que eram substituídos por colonos ou libertos vindos de Roma. (Aug. Brachet).

Roma, sacudindo da península ibérica o dominio cartaginês, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da propria linguagem; as migrações recresceram á proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e a cresce que celtos, celtiberos e turdetanos identificaram-se com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças juxtapozeram-se gradualmente, colabitaram e fundiram-se, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade ethnica entre celtas e os povos da Italia Central.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adoção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420 á Baixa Nubia perderam sua lingua materna; os negros de Haiti adotaram o Francez; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Espanhol e Portuguez; os indigenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida,

Baradero, Quilmos, Calchaguy e Chiloé adotaram o Espanhol; os indios do Rio de Janeiro o Portuguez. (Latham Humboldt e Bonpland, Azara, King e Fitzroy e Von Eschwege. Apud Sayce).

O sistema de colonização dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus proprios actos, contribuiu de modo inevitavel para latinização da península. E, segundo diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, Rénan na *Origine du langage*, Littré no *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na *Grammatik*, os romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o Latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros d'onde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim como a lingua patria de um espanhol.

A Espanha foi segunda patria da literatura latina.

Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Columella, Porcio Latro e Quintiliano eram todos espanhões.

Estes e outros factos nos mostram quanto profundamente se arraigára a civilização romana na península e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effeitos foram tam intensos.

Ou fosse por que a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela doçura de sua facil pronunciação, é certo que a portugueza possui da Lingua romana grande numero de termos. (Barata.)

No tempo de D. João I grande era o sabor a latim que ella mostrava.

Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:

Hec est notitia de partição e de divison que fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso padre. Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXL.

E mais o seguinte epitaphio que vem em João Franco Barreto:

Hic jacet Antonius Perez, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quiso. (Orthographia da Lingua Portugueza).

E mais o seguinte excerpto dos *Discursos varios politicos de Severim de Faria*.

O' quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingua lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflamas, quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras. quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera e outros.

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na península, attestara-nos seu predomínio pacifico e de muitos seculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lapides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aquedutos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscripções, etc. (Leoni)

Os romanos não obrigavam directamente os povos vencidos a aprenderem sua lingua, nem mesmo faziam opposição a que elles empregassem a sua lingua propria.

«Esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem permissão de usar o Latim nos documentos publicos.»

Mas era em Latim que se celebravam as solennidades do altar, era em Latim que os generaes falavam ás legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão de imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a lingua necessaria.

O que prova mais ser a lingua portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem immediatamente do Latim.

As particulas são uma especie de palavras cujo sentido só se alcança com o uso e frequencia de falar a lingua.

Terminamos com Leoni ainda :

«A nossa primitiva organização social é toda romana, o caracter distinctivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas igrejas tam lastimados por Manoel Bernardes, os asylos, a reverencia á meza, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma ; muitas superstições, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, as figas penduradas pelas mãos ao pescoço das creanças para livra-las do quebranto, tudo nos veit dos Romanos.»

Assim, pois, é filha do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitania—*sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris*—a lingua portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor : a pronunciação da latina, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares.

Mas foi sómente no reinado de D. Diniz que a lingua portugueza adquiriu os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido Latim da época, diz-nos Antonio Ennes : antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, ecos longinquos da lira provençal.

Uma lingua tam dura como as armas, na frase de Filinto Elysio, é, diz Antonio Vieira, rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.

E' uma lingua que, bem o affirma o immortal Camões :
«Com pouca corrupção crê que é latina.»



Ligeira noticia da formação do lexico portuguez

Lexico ou vulgarmente dicionario, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma lingua.

A lingua portugueza se originou, como está hoje claramente provado, da lingua latina vulgar e são latinos quasi todos os seus termos.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás formas e talvez aos tipos sintaticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa lingua, depois d'ella constituida, no seculo XIII, palavras francezas, italianas, allemães, gregas, inglezas, etc., sendo que antes de sua constituição adquirimos muitos termos do arabe e do germanico por causa da dominação destes povos na península espanica.

Sucintamente daremos algumas palavras cuja origem pertença a estas linguas, servindo-nos de guia neste trabalho a *Glottologia* de Adolpho Coelho.

Assim temos palavras originadas de linguas faladas na península antes do Latim e que se podem considerar espanicas: *brisa* (brisa), *cervesia* (cerveja), *gurdus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho).

Do elemento phenicio parece só nos terem ficado a palavra *barca* e alguns nomes de lugares.

De elementos gregos podemos affirmar que em geral nos vieram por intermedio do Latim, ou que vieram posteriormente durante o dominio romano: *anco* (canto, angulo), *bolsa* (pelle preparada), *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* (saco), *calma*, *chata*, *cara*, *caravela* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras linguas romanicas: *colla*, *golfo*, *pagem*, outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

De origem euscara enumeramos: *aba*, *charco*, *esquerdo*, *mandrião*.

Das linguas celticas cuja análise é muito obscura, há: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*.

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

Destacam-se como principaes: os elementos germanicos e os arabes.

A. Coelho dá uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introdução moderna.

D'entre ellas citaremos: *albergue*, *bahú*, *brasa*, *canivete*, *doudo*, *droga*, *escravo*, *estribo*, *fila*, *forro*, *ganso*, *garfo*, *gaz*, *jardim*, *loja*, *malandro*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga*, e muitos outros, termos nauticos e de posições geographicas, como: *bote*, *bordo*, *canôa*, *sul*, *norte*, *leste*, *oeste*.

De introdução moderna temos: *bismuto*, *caparoza*, *quartz*, *valsa*, *zinc*.

A lingua arabica muito enriqueceu nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida fisica, aos usos domesticos, ás instituições politicas, civis e militares, á tecnologia de construção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado desta lingua e que o artigo arabe *al* se acha prefixado a grande numero de palavras. Enumeram-se *acepipe*, *alambique*, *alcatifa*, *almocreve*, *alçifaras*, *armazem*, *ataude*, *azeviche*, *borzeguim*, *fatia*, *fulano*, *jarra*, *oxalá*, *tarrafa*, *xadrez*, *zagal* etc.

Temos em terceiro lugar palavras de origens diversas, d'entre as quaes destacamos as de origem espanhola.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Espanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar, porém: *boléro*, *espadilha*, *eldourado*, *fandango*, *seguidilha*, *zarzuela*.

Do elemento cigano: *calão*, *pirar* (andar).

Por intermedio da lingua franceza que forma uma parte importantissima do nosso lexico, vieram palavras celticas e germanicas.

O elemento francez actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer, em geral, que é por intermedio do Francez que possuímos muitos neologismos inglezes, gregos e até italianos.

Assim encontra-se em o nosso lexico grande cópia de termos francezes, como: *chapéu*, *chaminé*, *chefe*, *espírito* (grãça, chiste), *etiqueta*, *fichú*, *sangue-frio*.

Os termos mais recentes conservam a orthographia da lingua: *crayon*, *bouquet*, *boudoir*, *mise-en-scene*, *soirée*.

Dos elementos italianos possuímos os que se referem á arte, á literatura: *adagio*, *bágalalla*, *bandido*, *bussola*, *cavatina*, *cupula*, *dilettante*, *faiança*, *girandola*, *soprano*, *tenor*, *vioião*.

Do inglez há termos relativos ao commercio, caminhos

de ferro, marinha, cosinha, como : *bifteck, cheque, club, crup, clown, dandi, jockey, juri, pamphleto, revolver, tunnel.*

Das linguas escandinavas : *fiord, nickel, saga.*

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural : *ananaz (tupi), caipira (tupi-guarani), carioca (idem), condor (quichua), cotia (tupi), pirão (tupi), furacão (caraiba), tapioca (tupi).*

Das linguas africanas encontramos : *banza, batuque, cacimba, macaco, mandinga, marimba, muleque, senzala.*

Das linguas asiaticas : Do persa : *caravana, chacal, divan, pagode.*

Do malaio : *bambú, beliche, orangotango, sagú.*

Do turco : *kiosque, odalisca.*

Do sanscrito : *carmesim.*

Do hebraico : *alleluia, amen, hossana, pascoa, rabino, sabado, seraphim.*

Além destas palavras tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como : *arminho* (da Armenia); *baionneta* (de Bayonna, cid. de França); *bohemio* (da Bohemia); *parati* (aguardente feita em Paraty); *cajurubeba* (de cajú e jurubeba), etc., etc., sem falarmos nos formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.

Possui tambem muitos termos de ficção literaria: *Qui-xote, tartufo, polichinello*; de mythologia e crenças : *argos, homérico, vulcanico, marcial, amoniaco, hermetico, bachanaes.*

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é a permanencia da palavra com um significado que não corresponde aos elementos de sua formação.

Assim temos : *volume*, embora não seja um *rolo* como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza); *candidato*, embora não se vista mais de *branco*; *lunatico*, embora não atribuamos mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não significa mais a estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gira em redor do sol central; *caderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro*; *luneta* (lua pequena) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e acelerados, e os alchimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim collocamos o mercurio num tubo e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa; *trivial* é o que se achá atravessando

as ruas; uma *ocurrencia* é uma cousa que corre adiante do nós; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, máu agouro. (Whitney).

De tudo quanto acabamos de dizer conclui-se que a maior parte do nosso lexico é composta de grande numero dos elementos a que acabamos de nos referir, acrescendo a estes os termos propriamente brasileiros, sobrepujando a todos o Latim

Bem diz o illustre philologo Ad. Coelho : Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos que não provêm de palavras, temas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças apezar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura : As linguas italiana, franceza, espanhola e portugueza são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tam grande parte, que se lhe tirarmos o fundo que desta receberam, restará muito pouco.



Lexico portuguez ; o Latim

O lexico ou dicionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas, adquiridos quer antes do dominio do povo romano, quer no seu dominio, quer depois que o povo da península se constituiu, formando uma nação independente.

Assim em nosso lexico encontramos elementos provenientes das linguas faladas na península anteriormente ao Latim : espanicas, phenicias, gregas, celticas, euscas ; elementos das linguas dos conquistadores depois da dominação romana : elementos germanicos, arabes ; e elementos de origens diversas : espanhóes, ciganos, francezes, inglezes, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (Vide A. Coelho—*Obra citada*.)

Mas, apesar da maioria das palavras serem de origem latina, grande é a differença (separados os termos de outra origem) entre o lexico desta lingua e o da portugueza.

Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do Latim popular não foram empregadas na literatura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz dizermos que a sua origem é desta lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido no Latim : o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores : *pinheiro*, *mangueira* etc.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escritores do periodo ante-classico ou post-classico não usadas na boa latinidade, e que entretanto aparecem no Portuguez : *absconsus* (esconso) ; *dejectare* (deitar) ; *jejunare* (jejuar) ; *vacuus* (vazio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por sinonimos na propria lingua :

<i>ades e domus</i>	casa
<i>janua</i>	porta
<i>osculum</i>	basium

<i>fur</i>	latronem
<i>uxor</i>	sponsa

Em quarto lugar houve a differenciação de uma palavra em duas ou mais fórmulas, differenciação a que os grammaticos dão o nome de fórmulas divergentes e alguns, impropriamente, de duplas.

Há que distinguir tres casos :

1.º fórmula popular ao lado da fórmula erudita :

Popular	Erudita	Latina
papel	papiro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
prégar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

2.º duas ou mais fórmulas populares com significação diversa :

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulus</i>
freire e frade	<i>fratre</i>
ilha e insua	<i>insula</i>
malha, mancha e mágua	<i>macula</i>
todo e tudo	<i>totus</i>

Neste caso as fórmulas provêm de uma anterior que não se conserva em Portuguez como fórmula popular. Ha, porém, casos em que uma das fórmulas populares provem de outra ainda existente :

Popular	Latina
cem—de—centum	<i>centum</i>
dom—de—dono	<i>dominus</i>
grão—de—grande	<i>grandis</i>
são—de—santo	<i>sanctus</i>

3.º fórmulas latinas alteradas em outras linguas romanicas ao lado de fórmulas propriamente portuguezas :

chefe	fr.	<i>chefe</i>	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	»	<i>hotel</i>	»	hospital	»	<i>hóspital</i>
llano	esp.	<i>llano</i>	»	chão	»	<i>planus</i>
opera	ital.	<i>opera</i>	»	obra	»	<i>opera</i>
piano	»	<i>piano</i>	»	chão	»	<i>planus</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desaparecidas. A primeira das fórmulas é morta.

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	geolho, joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	pollegar
<i>civis</i>	<i>civitatanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha

Muitos themas que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o thema original para designar partes ou productos destas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castancaria</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim romanico.

Em Latim ou não havia distinção entre o nome da planta e o de seu producto: *citrus*, limão e limoeiro; *laurus*, louro e loureiro; ou então a distinção era feita por meio da diferença do genero; geralmente o nome da planta era do genero feminino em *us* e o producto em *um*, genero neutro: *cerasus*, (cereja), *cerasum* (cerejeira); *morus* (amora), *morum* (amoreira).

Tambem se fazia a distinção por meio de um suffixo secundario (caso muito raro): *cæpa* e *cæpula*; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas: *ulmus* e *samera*; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos: *cebola*, *jacinto*, *trigo* etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distinção com o suffixo *ario*, com algumas excepções: *oliva* derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit*; *lans* cuja fórma actual é *lande*, substituida communmente por *bolóta*, tambem de origem arabica.

Em sexto lugar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto. Por exemplo, foram substituidas:

Cervus por veado, de *venatus*, a caça.

Vulpes pelo termo raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

Porculus (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

Acetum por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desapareceram para evitar homonymia: *cabo* do Latim *caput* e *cabo* do Latim *capulum*; *cento* antigo participio de *cingir*, do Latim *cintus* e *cento* do Latim *centum*; *preia* do Latim *plena* (preia-mar), *preia* do Latim *præda*; *incerto* de *incertus* e *inserto* de *insertus*.

Neste caso, um dos homonymos costuma desaparecer diante do outro, causando por isto a exclusão ou desaparecimento de muitas palavras latinas: *æquus*, diante de *equus* que devia dar *equo* deu sómente o feminino *egua*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jácere*, lançar, diante de *jacere*, jazer; *queri*, queixar-se, diante de *querere*, querer.

Finalmente em oitavo lugar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

Admorsus, perdeu o sentido de *mordedura* e tomou o sentido de almoço (esp. *almuerzo*).

Affligere perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de atormentar.

Apotheca que em Latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adega, adquiriu o sentido de casa pequena, botica, bodega.

Ingenium que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de intelligencia e astucia e adquiriu o sentido de machina, machinismo.

Rapum, rabo, em Latim, cenoura, significa em Portuguez *cauda*, talvez pela analogia duma cauda de animal com uma cenoura.

Talentum em Latim, barra, peso de 120 libras e em Grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendência*, *vontade*.

A *seu talante* significava no antigo Portuguez *á sua vontade*. Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parábola dos Talentos.

Na linguagem popular no Brasil tem a significação de força muscular.



Dialectos. Dialecto Brasileiro. Dialectos Portuguezes

Dá-se o nome dialecto á lingua peculiar a uma provincia, cidade ou estado, alterada na pronuncia, acentuação, desinencias, lexico e syntaxe, relativamente ao idioma d'onde provém.

Assim as diferentes fórmãs de linguagem consideradas isoladamente têm o nome de lingua; si, porém, forem consideradas relativamente á lingua d'onde se derivaram têm o nome de dialectos.

O Francez, o Portuguez, o Italiano, etc., são dialectos da lingua commun latina.

Considerados de per si são verdadeiras linguas.

Segundo Whitney, cada individuo recebe a lingua e a modifica de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, qualquer familia, qualquer classe social, todos e cada um possui um dialecto.

E' com muita razão que Leite de Vasconcellos diz que a certas particularidades que distinguem um individuo do outro, no andar, nos olhos, no cabelo, na estatura, na intelligencia, na sensibilidade, na vontade, correspondem differencas na linguagem, na voz, na rapidez com que fala, na predileção por certos vocabulos.

Temos, assim, dialectos (com subdialectos e variedades) e individualismos.

A multiplicidade das linguas e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que é ella muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptiveis de modificações que estas.

Dados estes principios chegamos á conclusão de que uma lingua dura mil annos, quando as raças existem por milénios.

Influem para a alteração das linguas o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e literarios, etc.

Ferrière relata um caso interessantissimo comprobatorio da seleção que exerce o progresso da sciencia: « O poeta Hardy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos: « Sua oração commovia o estomago duma rocha. » A descoberta da circulação do sangue arruinou esta metaphora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira: « o coração de uma rocha. »

O mesmo facto notamos nas frases francezas: *Soulever le cœur*, que significa *causar náuseas, embrulhar o estomago; mal au cœur, embrulhamento no estomago.*

Camões disse:

- « Assi dizia, e todos juntamente
- « Uns com outros em pratica fallando
- « Louvavam muito o estomago da gente
- « Que tantos ceus e mares vai passando.

c. 2.º ESTR. 85.

- « Tal do Rei nôro, estomago accendido,
- « Por Deos e pelo povo juntamente.

c. 3.º ESTR. 48.

A frase portugueza *de côr*, que se traduz em francez por *par cœur*, não significa mais do que *de memória* e tem origem na palavra latina *cor, cordis*, o coração.

Vêem-se por ahi as alterações que a lingua vai sofrendo, os ramos que d'ella se vão desprendendo.

Além disto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala *diversos* dialectos segundo as circunstancias, e até mesmo uma *infinidade* de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros individuos. (Passy).

Plinio diz que na Colchida havia mais de 300 dialectos differentes e que os romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com esses povos.

Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto.

Para haver dialecto é preciso que haja uma certa unidade na lingua, unidade que não é destruida por differencas individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da

Biblioteca Pública Municipal

Ver. Remulo C. D'Arace

Pindamonhangaba

comunicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dêr, apparece então uma lingua estranha.

A formação dos dialectos é um phenomeno que obedece ás leis da mesologia glotica. A differença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da lingua, não é um phenomeno involuntario.

Influem, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura litteraria e as relações sociaes; é, por isso, que o Francês dialecto do Latim, se acha mais afastado deste do que as outras linguas novo-latinas: o Italiano, o Portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações por que passou a Lingua Portugueza no Brasil, ainda não podemos chamar á lingua falada neste paiz um dialecto.

II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro*: « Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si fórma a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distinctos, sob climas differentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na lingua que é a expressão destes factos mores e sociaes. »

E' o que diz tambem Webster :

« Logo depois que duas raças de homens de estirpe common separam-se e collocam-se em regiões distantes, a lingua-gem de cada um começa a divergir por varios modos. »

E' preciso, porém, attender que as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem se tem transformado, adquirindo termos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e litterarias.

O luso brasileiro não constitui ainda, diz Sylvio Romero, um dialecto acentuado do portuguez europeu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. O *criterium* para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da comunicação do pensamento.

A noção do dialecto pôde, na verdade, ser applicada a qualquer sistema de differenciações parciaes e geographicas da lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fóros de

lingua litteraria e culta nem elle pôde por emquanto rebelar-se contra a lingua pura e vernacula.

A lingua falada no Brasil se distingue da de Portugal por differenças na prosodia, na syntaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupis-guaranis.

O Brasil que, pelo seu desenvolvimento material e intelectual e talvez pelo favor da sorte, poudes libertar-se de quem o amesquinhava, ha de futuramente ter uma lingua differente da portugueza.

Paiz que se emancipou do jugo portuguez, que abriu amplamente os seus pórtos aos povos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalização e a liberdade de culto, tudo concorrendo para a transfusão do sangue e para o aperfeiçoamento da raça, o Brasil tam novo, que espectáculo admiravel nos apresenta em sua lingua ?

Uma lingua não pode ficar estacionaria e desde o momento em que o Brasil deixou de ser uma feitoria de Portugal, ha de augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais, pelo seu progresso e relações commerciaes, o seu vocabulario.

A differença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a lingua falada actualmente no Brasil e em Portugal. (Vide Paranhos da Silva *O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*.)

E é este um phenomeno que, de ha muito, temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente differentes nas duas linguas: *Canastra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brasil tem a significação de *caixa não abaulada*; *filhote* em Portugal significa *filho*, no Brasil é um *pombo* nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possui em Portugal a significação de *carruagem*, no Brasil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é sinonimo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brasil é qualquer veiculo puxado por animaes.

Acresce mais que ha em Portugal termos inteiramente desconhecidos no Brasil, e outros que, apesar de conhecidos, não são empregados: *confeituria* (confeitaria) derivado de *confeitos*; *camara* (camara); *condeça* (cesta); *lumes proprios* (fosforos); *fontinha* (fonte pequena); *camapé* (canapé); *caneco* (barril); *abandonado* (homem devasso); *domestico* (criado); *tratamento* (salario).

Si attendermos á syntaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão. Dizem

os Portuguezes : *Entrego-te o livro*, em que se não sabe si é o meu ou o teu.

Usam mesmo muito pouco desses possessivos, e dizem por exemplo : a *mamã*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam dando lugar á perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brasil.

Têm os Portuguezes também grande sympathia pelo emprego de preposição *a* : dizem *a' noite*, *a' tarde*, e *pela manhã*.

Quando o Brasileiro diz : *estou estudando*, o Portuguez diz : *estou a estudar*.

Quando este diz : *já não chove*, aquelle diz : *não chove mais*. Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime companhia ; entretanto para nós exprime também posse : *estou com o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos então á differença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barbosa : *restoria*, *metade*, ou então *restoria*, *metade* ; outras vezes substituem essa vogal pelo *a* : *rájo*, *jualho* e, pelo que diz um escritor, para escaparem de *e* fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo : *Eu fácho, tu fêchas, elle fêck, nos fêchamos, vos fêchaes, elles fêcham*.

No Brasil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação ou a collocam no fim das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or* : *andare*, *viver*, *subir*. O povo baixo portuguez substitui por *i* : *andari*.

Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não pronuncia á desinencia, o de Portugal acrescenta um *i* : *doutô* ; *doitóri*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc., pronunciam os portuguezes de modo especial *pel*, *mil*, e nós *PELLI*, *molli*.

Si elles dizem *jurnale*, nós *jornal*. Bem se vê o profundo sulco differencial que largo se abre entre a lingua dos portuguezes e a dos brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões ; teremos uma lingua propria, como já possuímos uma vida social e economica e uma riquissima literatura independentes.

Ainda mais. A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores fisicos e moraes.

As invasões dos francezes no Rio de Janeiro desde 1555, o dominio da Espanha em 1581, os inglezes em 1597, os francezes no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o

negro e o cigano, quantos factores ali de envolta com raça-portugueza para alterarem a lingua falada no Brasil ?

Quantas modificações em cada uma daquellas provincias onde mais preponderou este ou aquelle povo ?

E actualmente ?

A grande emigração allemã ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catharina onde ha colonias e comarcas só desta raça, a proximidade dos espanhóes nos Estados fronteiros, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados não alterarão profundamente para o futuro a lingua herdada de nossos pais ?

A resposta não póde ser duvidosa.

Portanto concluímos que, si o característico do dialecto é uma certa cultura e literatura proprias, si a possibilidade da communicação do pensamento ainda é facilima entre Portugal e Brasil, por mais profundas que sejam estas alterações na phonetica e syntaxe da lingua falada nestes dois paizes, ellas ainda não determinaram a denominação de dialecto á lingua do Brasil.

FI

Os dialectos portuguezes se pódem classificar em cinco grupos :

I—*Dialectos continentaes* ;

II—*Dialectos insulares* ;

III—*Dialectos ultramarinos* ;

IV—*Portuguez dos judeus*.

Desses os mais importantes são os primeiros.

(Vide o melhor trabalho no genero : *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. These apresentada na Universidade de Paris (Faculté de Lettres) por J. Leite de Vasconcellos.)

I—Os caracteres dialectaes do primeiro grupo fazem-no subdividir em :

1.^o *Dialecto interamnense*, falado no Alto Minho, Baixo Minho e Baixo Douro.

2.^o *Dialecto transmontano*, falado na fronteira, na parte occidental e central e no Alto Douro.

3.^o *Dialecto beirão*, falado na Beira-Alta, Beira-Baixa, Beira Occidental (Coimbra e Aveiro).

4.^o *Dialecto meridional*, falado nas tres provincias do sul do Mondego : Extremadura, Alemtejo e Algarve.

II—Os dialectos do segundo grupo comprehendem o falado dos Açores e da Madeira.

III—Os dialectos do terceiro grupo compreendem o portuguez falado nas antigas colonias de Portugal, algumas das quaes já lhe não pertencem.

Neste grupo se incluem o portuguez falado no :

- 1.º Brasil.
- 2.º Indo-portuguez, compreendendo : Diu ; Damão ; Norte da India ; Gôa ; Mangalor ; Cananor ; Mahé ; Coromandel.
- 3.º Ceylão.
- 4.º Macáu.
- 5.º Malaio-Portuguez (Java, Malaca, Singapura).
- 6.º Timor.
- 7.º Cabo-Verde.
- 8.º Guiné.
- 9.º Ilha de S. Thomé, Principe, Anro Bom.
- 10.º Costas d'Africa (Angola e Moçambique).

IV—Aos dialectos do quarto grupo pertence o portuguez falado em Amsterdam e Hamburgo.

Alem destes quatro grupos se podem indicar os codialectos, ali compreendidos : o *galiciano* falado na Galiza, provincia espanhola, o *riodoronez*, falado em Riondonor, pequena villa do concelho de Bragança, na fronteira o *quadramilez*, falado em Quadramil, tambem pequena villa do concelho de Bragança, e o *mirandez* falada em Terra de Miranda (Traz-os-Montes).

Os primitivos monumentos da poesia portugueza foram escritos em galiciano.

Esta lingua e a portugueza se achavam até ao seculo 12 perfeitamente unidas. A 1.ª ficou estacionaria e o portuguez se tornou culto e literario, sendo mais a notar que o *galiciano* desaparecerá por fim, repellido pela Lingua espanhola.

O *mirandez*, o *riodoronez*, o *quadramilez*, occupando todos muito pequenos territorios serão naturalmente absorvidos pela Lingua portugueza.

Os *dialectos continentaes* e os *insulares*, differindo pouco da lingua literaria, continuarão a viver, soffrendo modificações.

Os *falares creolos*, idiomas provisorios e passageiros serão substituidos pelas linguas dos indigenas, ou pelas das nações que dominam em suas proximidades.

São essas as previsões bem fundadas de Leite de Vasconcellos.

A lingua falada no Brasil tende a se emancipar.

E' constituida pela Lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos indigenas (tupis-guaranis, abaenenga, kiriri etc) e africanos.

Inumeros são os termos que no vocabulario brasileiro foram introduzidos pelos negros de Angola e Congo (lingua *Ambundo*, principalmente.)

INDICE

Prologo	3
Noções geraes	7
Letras vogaes, consoantes, acentos	11
Grupos vocaes e grupos consonantae	18
Algumas regras orthographicas	21
Sistemas orthographicos	23
Sillabas —Acentuação	27
Alteração de sons	30
Morphologia—Taxinomia	35
Substantivo	38
Adjectivo	40
Verbo	47
Palavras invariaveis	50
Camponomia	55
Substantivo—Genero	57
Substantivo—Numero	63
Substantivo—Gráu	68
Adjectivo—Genero e numero	72
Adjectivo—Gráu	74
Pronomes pessoaes	78
Verbo	80
Terminações dos verbos	84
Conjugação regular	86
Verbos auxiliares	90
Conjugação completa	93
Conjugação—voz passiva	95
Conjugação—Verbo pronominal	97
Conjugação—Verbo impessoal	99
Observações—Verbos regulares	100

Verbos irregulares	101
Verbos defectivos	107
Participio passado	107
Etymologia	110
Derivação—Prefixos	115
Derivação—Suffixos	119
Declinação	120
Etimologia do substantivo	131
Adjectivo	134
Pronomes pessoais	142
Etimologia verbal—Themas simples	144
Etimologia verbal—Themas compostos	154
Palavras invariáveis	163
Sintaxe	171
Substantivo	180
Adjectivo	182
Quantitativos	188
Artigo	192
Pronomes pessoais	195
Verbo — Concordancia — Correspondencia dos tempos	209
Formas nominaes do verbo	214
Sintaxe do verbo «haver»	218
Palavras invariáveis	221
Ordem grammatical — Figuras	226
Alterações grammaticaes e lexeologicas	232
Vicios de linguagem	238
Idiotismos	242
Pontuação	247
Exercícios de redação — Cartas	253
Descrições	256
Origem da lingua portugueza : o Latim	261
Formação do lexico portuguez	266
Lexico portuguez : o Latim	270
Dialectos	274